



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIAS TRABALHADORAS E MIGRANTES

Jaqueline Michele França Martins
Orientadora: Dra. Marilda Aparecida de Menezes

CAMPINA GRANDE – PB
2014

JAQUELINE MARTINS

MARIAS TRABALHADORAS E MIGRANTES

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^a Dr^a Marilda Aparecida de Menezes.

CAMPINA GRANDE- PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M383m Martins, Jaqueline.
Marias trabalhadoras e migrantes / Jaqueline Martins. – Campina Grande, 2014.
116 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof.^a Dr.^a Marilda Aparecida de Menezes".
Referências.

1. Sociologia Rural. 2. Migração. 3. Gênero. 4. Trabalho.
I. Menezes, Marilda Aparecida de. II. Título.

CDU 316.334.55(043)

MARIAS TRABALHADORAS E MIGRANTES

JAUQUELINE MARTINS

Dissertação apresentada em ____/____/____/

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marilda Aparecida Menezes (PPGCS/UFCG - Orientadora)

Prof^a Dr^a. Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (PPGCS/UFPB – Examinadora Externa)

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota (PPGCS/UFCG – Examinador Interno)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as minhas filhas Lara e
Maya (*in memoriam*)

MARIAS DAS TIRAS

*“[...] Imagine este meu jeito
Assusta a humanidade
Pois venho lá do sertão
Para conquistar a cidade
Sou chamada de coitada
No país da diversidade*

*Você pode perceber
Eu sou mulher penitente
Vivo numa sociedade
Que age impiedosamente
Mas tenho a minha cultura
Eu sou migrante, sou gente!*

*Eu sou uma mulher sedenta
Vivo num mundo perverso
Não tenho casa, nem abrigo
E o meu relento é verso
Eu quero ter o meu espaço
E conquistar o universo! [...]”*

(Maria Ilza Bezerra, Teresina-PI)

Texto completo no Apêndice

AGRADECIMENTOS

Sinto uma grande alegria em está cumprindo mais uma etapa acadêmica. A caminhada foi longa, com muitos obstáculos superados.

Neste momento, consigo lembrar tudo o que passou, assim como, especialmente, das pessoas que contribuíram para os fins alcançados.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, saúde e pela força concedida nos momentos que desejei desistir.

Aos meus pais, por serem meu porto seguro aqui na terra. Obrigada pelo apoio, paciência e força em todos os momentos. Ao meu pai, figura muito engraçada, que me fazia sorrir nos momentos de tristeza. Em especial, a minha mãe pela amizade, companheirismo e pelos dias disponibilizados para ficar com Lara, minha filha. Sem a ajuda dela não teria chegado até aqui.

Ao Matheus, meu irmão, pela ajuda com Lara nos momentos que precisei. Também a minha tia Lêda que cuidou de Lara quando minha mãe não podia.

À Solange Galdino, amiga e avó de Lara, pelas tardes cuidando de Lara para que eu fosse para pesquisa de campo em Fagundes. Sou grata pelo carinho, conselhos e ajuda em todos os momentos. Agradeço a Shirley, Camila, Talita e Manu pela ajuda com Lara e por ter cuidado de mim nos momentos que precisei. A vida me presenteou com outra família, que são elas. Amo a todas.

Ao meu amigo e irmão Gessenildo Rodrigues, que atualmente está na Alemanha. Agradeço pela amizade, puxões de orelha, carinho e companheirismo. Amo-o muito.

À Denilda Esperidião, minha amiga e irmã, pelo amor, conselhos e força. Amo muito esta minha companheira e amiga.

Agradeço aos meus amigos Kátia Ramos, Jomário, Antonio Neto, Vanessa Belmiro, Michele Ramos, Rommel, Ana Maria, Alessandra, Romana, Daniele (prima), Melise, Mônica, Aldo, Giovana, Marília, Maciel Cover, Virginia, Vanuza, Ana Rita, Fabiana Patrícia. A amizade de vocês para comigo me ajudou e me incentivou no meu crescimento como pessoa e academicamente. Amo a todos.

A minha orientadora e amiga professora Dra. Marilda Menezes pelos cinco anos de companheirismo, conselhos e partilha, tanto de conhecimento, como de vivências de vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB: Mércia Batista, Luis Henrique Cunha, Jesus Izquierdo, Gonzalo Adrian, Lemuel Guerra, Ramonildes e Roseli, por também terem contribuído na formação teórica durante o

mestrado.

A CAPES pelo suporte financeiro.

Aos secretários do PPGCS- UFCG, Rinaldo e Daniele, pela ajuda em determinadas situações e pela constante disponibilidade.

Agradeço imensamente a Elza e família pela acolhida em sua casa e a todas as mulheres pela confiança e por me concederem parte do seu tempo para compartilhar comigo momentos tão significativos das suas vidas. Sem suas falas, esse trabalho não existiria.

Enfim, agradeço a todos, de coração!

RESUMO

Esta dissertação possui como objetivo analisar as experiências migratórias e de vida das mulheres migrantes numa perspectiva de gênero. Escolhi o enfoque de gênero, pois penso que as construções sociais que pesam sobre o gênero feminino, como deveres, proibições, aprovações e dentre outros aspectos são significantes para entendermos como se configuram as experiências migratórias no universo feminino. Busquei conhecer as diferentes experiências migratórias a partir de três momentos, antes da migração, estando elas no Rio de Janeiro e com o retorno a cidade de Fagundes-Paraíba. Destaco alguns aspectos para análise, como o lugar e papel da mulher migrante na família, relação com o trabalho; novos arranjos familiares; desafios e conflitos vividos ao conciliar o trabalho, educação, cuidados dos filhos e relação com os respectivos cônjuges; que mudanças ocorreram no retorno à Fagundes, após anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro. A migração das mulheres ocorreu da cidade de Fagundes, Paraíba, para o Rio de Janeiro. Estando as mulheres atualmente na condição de migrante de retorno. A todo o momento no texto estou falando de mulheres trabalhadoras migrantes. Mulheres que encontraram na migração uma possibilidade de emprego e posteriormente uma conquista de autonomia. Para compreensão desses aspectos utilizo a metodologia da História Oral, pois ela considera a compreensão das vivências e singularidades das experiências ao longo do tempo.

Palavras-chave: Migração. Gênero. Trabalho.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze migration and life experiences of women in a gender perspective. I chose the gender approach, because I think that the social constructions that weigh on females, as duties, prohibitions, approvals and among other aspects are significant to understand how to configure the migration experiences in the female population. I sought to know the different migration experiences from three times, before migration, as they were in Rio de Janeiro and with the return of the city Fagundes - Paraíba. Highlight some aspects for analysis, as the place and role of migrant women in the family, relationship and work, new family arrangements; challenges and conflicts experienced to combine work, education, child care and relationship with their spouses, what changes have occurred the return to Fagundes, after years living and working in Rio de Janeiro. The migration of women occurred Fagundes city, Paraíba to Rio de Janeiro. And women are currently in the return migrant status. At all times in the text I'm talking about women migrant workers. Women found that migration is a possibility of employment and subsequently an achievement of autonomy. To understand these aspects use the methodology of oral history because it considers the experiences and understanding of the uniqueness of the experiences over time.

Keywords: Migration – Genre – Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Como Cheguei ao Objeto de Pesquisa.....	11
As Mulheres nos Caminhos da Migração.....	12
CAPÍTULO I	
1. Breve Panorama da Cidade de Fagundes.....	21
1.1 O Caminho Metodológico.....	22
1.2 Minha Chegada a Campo e a Relação Construída com as Marias Migrantes.....	25
1.3 Mãe e Pesquisadora.....	33
CAPÍTULO II	
2. Perspectivas Teóricas sobre migração: Brasil, Nordeste e Paraíba.....	40
2.1 Um Enfoque de Gênero e as Mulheres nos Estudos de Migração.....	45
CAPÍTULO III	
3. Perfil das Marias Migrantes.....	49
3.1 Da Condição de Mulher que fica para Migrante.....	55
3.2 Migração com o Cônjuge.....	68
3.3 Migração Independente.....	75
CAPÍTULO IV	
4. Experiências Vividas pelas Marias Migrantes estando no Rio de Janeiro e o Retorno a ao Município de Fagundes.....	82
4.1 Trabalho e Liberdade	88
4.2 Migrante de Retorno: De Volta ao Município de Fagundes.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES	111
ANEXOS	116

INTRODUÇÃO

Como Cheguei ao Objeto de Pesquisa

O meu propósito em estudar as questões referentes à situação feminina no processo migratório iniciou-se no ano de 2009, quando integrei o Projeto de Iniciação Científica “Migração temporária como estratégia de reprodução social de famílias camponesas: um estudo no sertão do Estado da Paraíba”, no período de 2009-2010, sob orientação do professor Edgard Afonso Malagodi e Marilda Aparecida de Menezes, vinculado ao Grupo de Pesquisa Campesinato, Migrações e Políticas Públicas.

Como integrante dessa pesquisa, obtive os primeiros conhecimentos sobre a temática da migração, tema até então desconhecida na minha trajetória acadêmica. Durante o período de pesquisa de campo, conheci um pouco do cotidiano e do dilema vivenciado pelas famílias de migrantes temporários. Devido à falta de emprego nos municípios do Sertão Paraibano, os homens ausentavam-se do espaço familiar por oito a nove meses para trabalhar no corte de cana em São Paulo, ficando a esposa, namorada ou noiva à “espera” do retorno do companheiro a cidade de origem. No caso das mulheres casadas, essas ficavam, na ausência do marido, com a responsabilidade da educação dos filhos, das atividades da casa e do roçado, além de serem responsáveis em “preservar a honra da família e do homem”, se resguardando em casa com os filhos e evitando passeios no período em que o marido estivesse ausente.

No Grupo de pesquisa “Campesinato, Migrações e Políticas Públicas” estudei e tive conhecimento das perspectivas teóricas e pesquisas desenvolvidas na Paraíba, referentes aos processos migratórios. Nas leituras realizadas e no projeto em que fui integrante, identifiquei que, em geral, as pesquisas tinham como foco os homens enquanto sujeitos do processo migratório e as mulheres como coadjuvantes. Estas aparecem nos estudos de migração de três formas: como acompanhantes do esposo na migração, como aquelas que “ficam” na cidade de origem à espera do retorno do companheiro e como aquelas que migram de maneira independente.

Então, meu olhar curioso e interessado nas questões referentes às mulheres e às relações de gênero me levou a buscar a repercussão da experiência migratória na vida de mulheres que migram. Posso dizer que minha problemática de pesquisa nasceu com a expectativa de questionar as percepções e direcionamentos que tratam os homens enquanto sujeitos do processo migratório e as mulheres como coadjuvantes. Assim, esse estudo tem como propósito tratar as mulheres como personagens ativas nos processos

migratórios. Espero, assim, contribuir para ampliar a visibilidade das mulheres no contexto dos estudos de migração.

As Mulheres nos Caminhos da Migração

Ao saber que a migração é um fenômeno vivenciado por homens e mulheres, faço o seguinte questionamento: as mulheres ocupam que lugar nos processos migratórios?

Pesquisas desenvolvidas nas décadas de 1980 e 1990, e indicadores do IBGE identificam uma expressiva presença feminina nos fluxos migratórios para outros países e internamente. Dados do IBGE (2000) apontam crescimento de migrações internas femininas, sobretudo de mulheres nordestinas. Resultados do Censo Demográfico de 1991 e 2000 sobre os fluxos migratórios por sexo, do Estado da Paraíba, mostram um saldo migratório feminino superior de 27.995 com relação ao masculino, que representou 21.028.

Com relação às migrações internas, O autor Marinucci (2007, p. 6) discute que apesar de as mulheres participarem dos fluxos migratórios, ainda são invisíveis nas abordagens analíticas, sobretudo no que diz respeito à especificidade de sua experiência migratória. Outros autores também discutem essa invisibilidade, tais como (CHAVES, 2009; KARIN, NUNES, MATIAS, 2008; LISBOA, 2007), que identificam o homem como principal protagonista e a mulher no papel de coadjuvante. Mas, qual o motivo dessa invisibilidade analítica?

Segundo Marinucci (2007), umas das razões da invisibilidade feminina, nos estudos migratórios, está na:

[...] na compreensão etiológica do fenômeno migratório em termos puramente economicistas e trabalhistas. Partia-se do pressuposto de que os mercados de trabalho constituíam a principal causa dos fluxos. Portanto, sendo bastante reduzida a participação laboral da mulher, a migração era considerada um fenômeno fundamentalmente masculino. Um caso típico é representado pelas teorias neoclássicas, segundo as quais o ato decisório era realizado basicamente pelo trabalhador homem. Inferia-se, por conseguinte, que as mulheres ocupavam apenas um papel passivo e dependente – enquanto mães e esposas – e, portanto, não significativo para a compreensão geral do fenômeno. Mesmo quando era suficientemente visível, a migração de mulheres era menosprezada por ser considerada simples variável do padrão migratório masculino. (MARINUCCI, 2007, 6).

Como bem discute Marinucci (2007), a invisibilidade feminina nos fluxos migratórios

pode ser explicada pela reduzida participação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, com as mudanças no papel da mulher na sociedade e família e sua inserção no mercado de trabalho tornou-se mais visível sua presença nos fluxos migratórios e também nas pesquisas.

No caso dos estudos de migrações no estado da Paraíba, é também recorrente que as mulheres sejam acompanhantes do esposo ou que “fiquem” na cidade de origem enquanto os maridos migram, como bem mostra as pesquisas dos autores Lucas (2013), Malagodi & Martins (2009) e Menezes & Silva (2000). Entretanto, o aumento do número de mulheres migrantes, bem como a identificação de sua invisibilidade nos estudos torna-se necessário entender as experiências femininas nos processos migratórios e verificar se elas são diferentes da migração masculina.

Na literatura sobre migração é possível ver algumas peculiaridades que envolvem a migração masculina. A experiência migratória para os homens é considerada um ritual de passagem para a vida adulta. O jovem migrante ao sair da casa dos pais e de sua localidade de origem pode significar a conquista de autonomia financeira, responsabilidade e capacidade de enfrentar o diferente para melhorar de vida. Wortmann (1990, p.36) destaca que para tornar-se “homem” é preciso enfrentar o mundo, mesmo entre fortes, e retornar vencedor, que será atestado pelo dinheiro trazido na volta. O discurso sobre o ritual de passagem da mulher é distinto do homem, pois escutei muito no meu trabalho de campo que uma mulher só é “mulher” quando se casa e tem filhos. Esse discurso é parte e resultado da socialização das mulheres para o casamento e a maternidade.

Diante das particularidades que envolvem a migração masculina, pergunto, mas por que as mulheres migram? O que a prática da migração significa para a mulher? Como é para a mulher migrante ficar ausente do espaço familiar, no caso das separadas, deixando na cidade de origem, familiares, e, muitas vezes, filhos na responsabilidade dos pais e parentes para migrar, a trabalho, em outras localidades? Falarei sobre essas questões mais a frente.

As pesquisas identificam que a migração feminina pode ser explicada por três fatores: pela escassez de oportunidades de emprego na localidade de origem, as mudanças relacionadas à condição feminina e, por último, uma expectativa de as mulheres obterem uma vida melhor através do trabalho e estudos (Lisboa, 2007). Além desses aspectos apontados por Lisboa (2007), penso que as mulheres migram também motivadas pela busca de emancipação, muitas vezes alcançada através do trabalho, estudos e até mesmo por relações afetivas. Na minha realidade empírica pude identificar

que as mulheres migram movidas por diferentes expectativas, como: sustentar os filhos, ajudar os pais ou o esposo, independência pessoal e financeira e outros que mostrarei ao longo do texto.

Estarei falando, a todo o momento de mulheres, mães, esposas e, acima de tudo, trabalhadoras. O que me leva a dizer que os espaços, papéis e deveres das mulheres migrantes não se restringem ao espaço da casa e nem aos cuidados com os filhos. Por isso, escolhi trazer para compreensão das experiências migratórias o enfoque de gênero, pois penso que as construções sociais que pesam sobre o gênero feminino, como deveres, proibições, aprovações, dentre outros aspectos, são significantes para entendermos como se configuram as experiências migratórias no universo feminino.

Entendo que gênero é uma relação social. Assim, os papéis de gênero não são sempre os mesmos porque são construções históricas, sociais e culturais. Heilborn (1997) diz que a cultura constrói o gênero, simbolizando papéis e atividades como masculinas ou femininas. Para Goffman (1975), papel é concebido como um conjunto de prescrições e proscricões para determinada inserção no meio social. Os papéis masculinos e femininos configurariam tipificações do que seria pertinente ao homem e a mulher num dado contexto. Englobam aprovações, restrições e proibições que seriam apreendidas e transmitidas ao longo de gerações e durante o percurso da vida, do bebê ao idoso (CARNEIRO & NEGREIROS, 2004). Busquei entender negociações e inversões de papéis de gênero na pesquisa de campo na vida cotidiana das mulheres migrantes.

Sabendo que os papéis e comportamentos de gênero mudam de uma cultura para outra e também no interior de uma mesma cultura, discutirei sobre os diferentes comportamentos e identidades femininas. Na pesquisa de campo fui surpreendida por diferentes histórias de vida e identidades femininas, escutei histórias de mulheres fortes, guerreiras, inteligentes e determinadas. Mulheres que, inseridas no mundo do trabalho, são independentes e, até mesmo, há alguns casos de mulheres chefes de família.

As mulheres migrantes entrevistadas no período da pesquisa de campo estavam residindo no município de Fagundes, Paraíba. A maioria encontrava-se na situação de migrante de retorno. Entretanto, poderiam sair da categoria de migrante de retorno e voltar a migrar a qualquer momento. Selecionei duas situações para análise: mulheres que migraram sozinhas, de maneira independente (separadas e solteiras) e mulheres que migraram acompanhadas do esposo e dos filhos. No período da pesquisa de campo, infelizmente não encontrei nenhuma mulher migrante solteira que tivesse migrado sozinha ou acompanhada. Não é que não exista, existem sim, mas não a encontrei naquele momento. Fica, assim, a lacuna para estudos posteriores. Até mesmo na literatura sobre

migração feminina é raro encontrarmos casos de mulheres solteiras migrantes. Então, as mulheres migrantes entrevistadas, que migraram de maneira independente, eram todas separadas e com filhos. A maioria delas não levava, de imediato, os filhos consigo, os deixavam por um determinado espaço de tempo sob os cuidados dos pais e familiares.

Todas as mulheres migrantes entrevistadas migraram da cidade de Fagundes, no Estado da Paraíba, para o Rio de Janeiro. As migrações de homens e mulheres de Fagundes para trabalhar no Rio de Janeiro são recorrentes na história do município de Fagundes. Menezes (2002), em pesquisa no município de Fagundes nos anos de 1980, identificou casos de homens migrantes que intercalavam a migração para o corte de cana em Pernambuco, no período da safra, com a migração para trabalhar em obras no Rio de Janeiro. Além de casos de mulheres migrantes que migravam para trabalhar na região Sudeste. Estas migravam na companhia do esposo ou de um familiar, mas não sozinhas. Segundo Menezes (2002, p. 89), em pesquisa realizada na década de 1990 no mesmo município em que realizei minha pesquisa, as mulheres não migravam sozinhas, uma vez casadas, ficavam em casa ou ocasionalmente migravam com os maridos. Nesta pesquisa identifiquei casos de mulheres que migraram de maneira independente nas décadas de 1980, 1990 e 2000, o que é uma novidade para os estudos de migração.

O objetivo central desta dissertação é analisar as diferentes experiências migratórias e de vida das mulheres migrantes. Busquei conhecer as diferenças que marcam as experiências da migração feminina a partir de três momentos, antes da migração, estando elas no Rio de Janeiro e com o retorno à cidade de Fagundes-PB. Destaco como objetivos específicos para análise: o lugar e papel da mulher migrante na família; relação com o trabalho; novos arranjos familiares; desafios e conflitos vividos ao conciliar o trabalho, educação, cuidados dos filhos e a relação com os respectivos cônjuges; que mudanças ocorreram no retorno à Fagundes, após anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro.

Pergunto: as experiências de vida e migratórias das mulheres acontecem onde e com quem? Essa pergunta me ajudou a entender que as experiências migratórias femininas são vivenciadas no espaço da família a partir de lugares, situações e pessoas. Concordo com a perspectiva de vários autores, como Garcia Jr (1990), Klaas Woortmann (2002) e Marilda Menezes (2002) que defendem a conexão entre as experiências de vida dos indivíduos e as intrínsecas relações na família.

Sabendo que as experiências migratórias estão substancialmente relacionadas com o espaço família. Vemos como a família vem se modificando e construindo novas relações a partir de transformações vivenciadas pela sociedade. Segundo Sarti (2007,

p.21), falar em família, neste começo do século XXI no Brasil, implica a referência a mudanças e a padrões difusos de relacionamentos. A família vem sofrendo transformações desde a Revolução Industrial, que separou o mundo do trabalho do mundo familiar, instituindo a questão da privacidade na família.

É importante ressaltar que as modificações na sociedade não representam um enfraquecimento da instituição familiar, mas sim o surgimento de novos arranjos familiares. Diante desta realidade, “surgem” e ganham visibilidade diferentes formas de família e distintas maneiras de se relacionar dentro dela, o que acarretou uma redefinição de papéis e redistribuição de responsabilidades para os componentes familiares. Ganham visibilidade a família ampliada, a recomposta, as ditas produções independentes ou as famílias monoparentais (SANTANA, OLIVEIRA, MEIRA, 2013).

Para compreender os novos arranjos familiares, optei em analisar a família não como uma instituição nem como uma estrutura, em que os papéis e lugares são bem definidos, mas como um espaço relacional, em que os indivíduos criam seus próprios laços e negociam entre si seus papéis e deveres. Decidi privilegiar a análise dos comportamentos dos indivíduos e não mais da família, considerando que eles são fundamentais para entender as novas estruturas familiares (PEIXOTO, 2007, p. 16). Comportamentos da mulher, trabalhadora e migrante, que busca alcançar sua autonomia e independência financeira.

Nos estudos de família e gênero realizados por Sarti (1996), Fonseca (2004), Correia (1981), os espaços, papéis e deveres do homem e da mulher aparecem bem definidos. Neste sentido, Sarti (1996) destaca que:

O homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa. O homem corporifica a idéia de autoridade, como mediação da família com o mundo externo. Sendo o homem a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico em que a maternidade faz da mulher, mulher (p. 43).

Nos estudos atuais não é mais possível pensar os espaços, deveres e papéis de gênero como definitivos, discutirei a existência de negociações e até mesmo inversões de papéis e deveres do homem e da mulher. Algumas pesquisas sobre família já identificam essas inversões de papéis de gênero em que a mulher é provedora, chefe da família e o homem é o que cuida da casa e da educação dos filhos. Além de casos de mulheres que convivem com os conflitos porque tentam conciliar vida profissional com vida familiar. Enfim, na contemporaneidade é possível falar de diferentes tipos de famílias, decorrentes

das negociações, mudanças dos papéis e posições da mulher na família.

No entanto, compreender as transformações na família é também refletir sobre as novas formas de relações entre os gêneros. O comportamento de homens e mulheres já foi muito discutido como uma determinação biológica diferencial entre os sexos. Ouvia-se no senso comum os exemplos mais corriqueiros que “homens eram considerados fortes”, “homem não tem jeito de cuidar de criança”, “a mulher não pode levantar peso”. Associavam-se às mulheres a fragilidade e a submissão e ao homem a força, a virilidade e a liberdade. Até hoje essas associações servem para justificar preconceitos. Entretanto, os movimentos feministas defendem a ideia de que não é possível entender o comportamento de homens e mulheres apenas pelo aspecto natural, biológico, porque além de fazer parte de um corpo físico, homens e mulheres estão inseridos num contexto social constituído de história e cultura. O conceito de gênero que optei como pressuposto teórico é o de Scott (1990):

[...] rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p.7).

Os estudos recentes de gênero revelam mudanças substanciais quanto aos papéis de gênero. Então, meu interesse foi identificar mudanças nas relações entre os gêneros e em seus papéis nas famílias das migrantes a partir dos discursos das mulheres. Na pesquisa, consegui identificar mudanças quanto à divisão de tarefas na família e até mesmo inversões de papéis de gênero.

As mulheres entrevistadas que migraram sozinhas, na situação de separadas, são chefes de família, assumem a casa e os filhos sem ajuda dos ex-esposos. Sendo elas responsáveis não apenas por atividades domésticas e educação dos filhos, elas assumem espaços e papéis diversos na família. Estando no Rio de Janeiro, ocupavam, na maioria dos casos, atividades como diaristas, empregadas domésticas e atividades em empresas na área de serviços gerais. As mulheres com filhos pequenos tiveram que deixar os filhos por um determinado tempo, sob os cuidados dos pais, enquanto estavam no Rio de Janeiro. Quando os filhos cresciam, mandavam buscá-los para morarem com

elas. As mulheres que migraram com o esposo tiveram outra experiência migratória, pois não estavam sozinhas, mas com esposo e filhos.

Então, são dois tipos de experiências migratórias, bem como de arranjos familiares, cada um com suas particularidades, que veremos no decorrer dos capítulos. Optei pela metodologia qualitativa, principalmente a História Oral, considerando que ela considera a compreensão das vivências e singularidades das experiências ao longo do tempo. Mas, não significa que não utilizei dados quantitativos, esses foram importantes para entender, em números, a migração feminina e de retorno.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. Na introdução apresentei como cheguei ao objeto de pesquisa, o objeto de pesquisa e objetivos, como também as perspectivas teóricas da migração feminina e as questões de gênero.

No primeiro capítulo, apresento e discuto a metodologia da pesquisa, as técnicas, como foi minha chegada a campo e a relação construída com as Marias migrantes. E no último tópico, relato minha experiência de campo, como mãe e pesquisadora.

No segundo capítulo, procuro contextualizar a pesquisa através de um aporte teórico. Realizo, de forma mais desenvolvida do que na introdução, uma reflexão sobre as perspectivas teóricas acerca da migração e gênero e sobre alguns aspectos da migração no nordeste, no estado da Paraíba, especialmente a migração de retorno. Além de abordagens teóricas dos conceitos sobre trabalho e experiência, que aparecem como categorias transversais ao longo do trabalho.

No terceiro capítulo, apresento o perfil das mulheres quanto à idade, estado civil, escolaridade e profissão, bem como o contexto social e familiar das mulheres antes da migração, envolvendo aspectos da infância, casamento, separação e relação com filhos e cônjuge. Privilegio, também, a história de vida de uma das entrevistadas que saiu da condição de mulher que “fica” para mulher migrante.

No quarto capítulo, discuto as diferentes experiências das migrantes estando no Rio de Janeiro e com o retorno à cidade de Fagundes, analisando a relação delas com o trabalho, como são para elas conciliar trabalho, atividades domésticas e cuidado com os filhos. E ainda identifico as possíveis mudanças após o retorno do Rio de Janeiro, que transformações ocorreram na vida destas mulheres após anos morando e trabalhando no Rio.

Por fim, apresento algumas considerações finais sobre os dados discutidos e analisados ao longo da dissertação, procurando articular teoria e realidade empírica, ressaltando as histórias de vida das migrantes enquanto experiências distintas, marcadas por sofrimento, força, persistência, luta, aprendizado, renúncia e alegria. Retomamos

algumas questões relevantes que foram pontuadas no decorrer do texto, apresentando e discutindo os resultados alcançados.

CAPÍTULO I

1. Breve Panorama da Cidade de Fagundes

O município de Fagundes está localizado na micro-região do Agreste da Borborema, situado na serra de Bodopitá, no planalto da Borborema. Os primeiros habitantes foram as famílias dos índios Cariris, que estiveram em Fagundes por volta de 1642. O primeiro nome dado à cidade foi Brejo das Canas Bravas e somente em 1762, passou a chamar-se Brejo de Fagundes. O motivo da troca do nome aconteceu devido a um chefe da tribo indígena que se chamava Facundo, já outros acreditam que o nome Fagundes era pertencente a uma família tradicional portuguesa, que habitou a região.

Sua área total é de 189. 026 (km²) e a população é de 11, 405 habitantes, sendo a população residente feminina maior que a masculina, 5.607 homens e 5.798 mulheres. População urbana é 5.467 e a rural 5.942¹. E ainda dados do Censo IBGE 2010 identificou que o crescimento anual da população 2000-2010 foi de -0,4%. O Índice de Desenvolvimento Humano IDH 0,560 no ano de 2010. O clima é do tipo Tropical Semi-Árido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro, com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8mm². Abaixo está a localização de Fagundes no mapa da Paraíba.



Com relação ao aspecto econômico:

¹Dados IBGE 2010.

² CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Fagundes, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz., Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

A atividade econômica principal de Fagundes é agricultura e pecuária. O algodão, que foi a principal cultura comercial, caiu de 1.160 hectares em 1970 para 7 em 1985 e no ano 2000, tinha apenas 20 hectares, praticamente desaparecendo da paisagem agrícola. Esse declínio na cultura do algodão influenciou, significativamente, a sobrevivência dos camponeses, tornando-os mais dependentes do trabalho assalariado (MENEZES, 2012 p.2).

Então, após o declínio da cultura do algodão muitos camponeses se inseriram no processo migratório na busca de trabalho assalariado em outras localidades para sustentar a família que fica na cidade de origem. Nas décadas de 1950, 1970, 1990, o movimento migratório mais recorrente do Agreste Paraibano era para o Sudeste do Brasil, principalmente para o Rio de Janeiro.

O trabalho na indústria era o grande sonho dos camponeses, mas sendo os camponeses originários de atividades agrícolas e tendo baixos níveis de escolaridade, o emprego na construção civil e em usinas de cana-de-açúcar, no Estado de Pernambuco, foram umas das primeiras ocupações para a maioria dos camponeses/trabalhadores migrantes. No caso das mulheres, migravam na companhia do esposo e familiares, nunca sozinhas, para trabalhar em serviços domésticos e como babás (MENEZES, 2000). Abordarei no próximo tópico os aspectos teóricos da metodologia utilizada.

1.1 O Caminho Metodológico

A pesquisa foi dividida em três etapas, conforme as orientações de Roberto da Mata, este diz que “em Etnologia, existem três fases (ou planos) fundamentais ao discorrer sobre as etapas de uma pesquisa, vista pelo prisma do cotidiano do pesquisador” (MATA 1978, p. 24-25). A primeira, denominada teórico-intelectual, em que o pensamento está voltado para o que eu busco ver, estudar, classificar e interpretar. A segunda é o período de preparação do trabalho de campo, antevéspera de pesquisa, em que o pesquisador planeja roteiro de entrevista, questionários, dentre outros elementos que constituirá o trabalho de campo, é o momento em que a preocupação sai das teorias mais universais, para os problemas concretos. A última fase é denominada pessoal ou existencial, em que o pesquisador deve sintonizar a empiria com a teoria, e a prática do mundo com a do ofício. Todas essas etapas da pesquisa foram importantes na construção do trabalho de pesquisa. Dedicarei este capítulo para relatar como foi minha experiência de campo, apresentar e discutir o perfil das informantes conforme ensina (MATA, 1978).

Descrever como foi minha pesquisa de campo é um exercício prazeroso e

empolgante. Relato a ida a campo, o local em que foram realizadas as entrevistas, como cheguei até meus informantes e a relação entre mim (pesquisadora) e meus entrevistados.

Começo lembrando que o trabalho de campo em nossa área de estudo se configura como um momento culminante para visualizar e compreender o que desejamos e responder, ou não, nossas hipóteses de pesquisa, pois a realidade empírica pode ser ou não o que imaginamos. O trabalho de campo revela, na maioria das vezes, muito mais do que buscamos. Clifford Geertz (1997), no seu livro *Interpretação das Culturas* discute a importância do trabalho de campo e apresenta o método etnográfico como o mais eficaz para distinguir, por exemplo, o piscar mecânico e fisiológico de uma piscadela sutil e comunicativa, ou mesmo compreender rituais, gestos, grupos e culturas. Na pesquisa de campo o etnógrafo e/ou pesquisador, de qualquer área do conhecimento, enfrenta:

[...] uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro; entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. (GEERTZ, 1997, p. 7).

Como bem coloca Geertz (1997), antes da ida a campo, a cabeça do pesquisador é repleta de categorias e conceitos que mesmo aparentemente amarrados, são vazios. Com o trabalho de campo, “estando lá”, esses conceitos e categorias ganham sentido e significado.

Fazendo das palavras de Da Mata (1978) as minhas, descrever a pesquisa de campo é falar de sentimentos e emoções, se inserir no mundo do outro para saber aspectos de sua história de vida, que estão carregados de sentimentos, dores, perdas, alegrias, dentre outros elementos, não é um exercício fácil e rápido. Ao contrário, é um exercício de desprendimento de valores, do que pra você é *familiar*, para mergulhar no mundo do outro, no exótico ou diferente. A pesquisa de campo é um trabalho difícil e demorado, exigindo um tempo no local da pesquisa com os informantes para estabelecer uma relação de confiança, já que é compreensível que as pessoas não queiram falar sobre as particularidades da sua vida para um desconhecido.

A relação entre pesquisador e entrevistado deve ser pautada na confiança, não se obtém a confiança de alguém de uma hora para outra, o pesquisador, muitas vezes, realiza uma, duas, três, quatro visitas ou mais, para conseguir escutar o que precisa ouvir.

E ainda é importante colocar que não estamos lidando com seres estáticos e a - históricos, mas como indivíduos dotados de uma bagagem histórico-cultural, de valores e sentimentos que, no contato face a face, fazem-se presente, interferindo na produção da entrevista (MENEZES; AIRES; SOUZA, 2004, p. 61). No momento da entrevista, o pesquisador (a) deve deixar o informante livre para falar sobre suas experiências, histórias de vida. Na pesquisa, toda informação é válida, alguns dados podem parecer desnecessários em um primeiro momento, mas numa leitura posterior podem ser ricos para compreender melhor o que nos interessa.

No contato face a face tive atenção tanto ao que é dito verbalmente como as expressões, como risadas, silêncio, pausas na fala, nervosismo, choros repentinos, ou seja, tudo o que está por trás de um determinado tom de voz, olhar e expressão facial. Um encontro com o outro resulta num encontro de subjetividades, que deve ser interpretado com a devida atenção (MENEZES, AIRES, SOUZA, 2004, p. 64). A autora Monique Augras destaca que a entrevista na história oral se situa no campo da intersubjetividade (1997, p.31). E é bem assim mesmo.

Esta minha experiência de pesquisa me ensinou que, mesmo o pesquisador abastecido de todo o conhecimento sobre métodos e técnicas de pesquisa, sempre aparecerá algo de novo no campo. Utilizei as técnicas da observação participante, história de vida e entrevistas semiestruturadas. Entendo que a entrevista se situa no campo da intersubjetividade entre o pesquisador e o informante, conforme nos ensina a metodologia da historia oral.

Compreendendo a história oral como metodologia e não como uma técnica de pesquisa, tenho como objetivo fazer uma interpretação da fala do outro, reconstruindo não apenas os eventos, as experiências e os processos sociais, mas o sentido atribuído pelo praticante a esses momentos (MENEZES, 2005, p. 24).

Na entrevista há uma vivacidade. “Ouvindo o outro falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, em que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, relatos pitorescos” (ALBERTI, 2004, p. 14).

Não esquecendo que a metodologia da história oral está ancorada nos estudos de memória, tomo como entendimento que memória não é sonho, é trabalho (HALBWACHS *apud*, BOSI, 1987). Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao

mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSI, 1987, p. 9).

Halbwachs entende que a memória se constrói referenciada nos quadros sociais, ou seja, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo, conforme tão bem nos explica Bosi” (1987,p.17). No estudo de relatos orais, trabalha-se com narrativas coletadas através de entrevistas, no caso da minha pesquisa, entrevistas semiestruturadas e histórias de vida. Selecionei alguns casos para a realização de história de vida, que se caracteriza por uma técnica de entrevista prolongada e que pretende abranger a trajetória do indivíduo ao longo de sua vida.

As histórias de vida nos fornecem elementos da vida individual, como também da social das mulheres migrantes. Segundo (Menezes; Aires; Souza, 2004, p. 58) “a memória é de grande importância para a demarcação da identidade individual, familiar e do grupo. A lembrança individual passa a estar relacionada aos grupos e às instituições em que o indivíduo se inclui, tais como a família, a classe social, a escola, a Igreja ou o trabalho”. No nosso caso específico, a lembrança individual está relacionada às diferentes experiências de vida das mulheres migrantes ao longo do tempo e como essas experiências estão relacionadas com a família, trabalho e sua própria vida.

É importante destacar que as Histórias de vida e entrevistas semiestruturadas realizadas não foram simples técnicas para coletar informações, mas trata-se, primordialmente, de discursos construídos na interação social entre pesquisador e informante.

1.2 Minha Chegada a Campo e a Relação Construída com as Migrantes

A minha chegada a campo foi marcada por dois momentos de minha vida enquanto pesquisadora e que influenciaram bastante na relação com os informantes e na coleta do material empírico. Esses dois momentos foram o período gestacional e a maternidade, não tive como desvincular estas etapas de minha pesquisa. Falarei mais detalhadamente no tópico seguinte.

Antes da chegada a campo, propriamente dita, o conhecimento prévio que tive da cidade de Fagundes foi graças à leitura do livro de minha orientadora Marilda Menezes

Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes (2000). O objeto de análise da pesquisa envolvia duas temáticas centrais: da migração, enquanto prática constitutiva da reprodução social das famílias camponesas do Nordeste do Brasil e da situação dos trabalhadores migrantes, enquanto segmento que compõe a força de trabalho na *plantation* canavieira de Pernambuco. Posso dizer que este trabalho de pesquisa e as fichas migratórias me ajudaram bastante a localizar muitas famílias de migrantes, que na época foram entrevistadas por Menezes. Um capítulo em específico, *Mulheres, relações conjugais e redes familiares*, trata das relações entre os gêneros na família, relações conjugais e experiências de homens e mulheres com a migração.

Nas primeiras semanas de pesquisa, no mês de março de 2012, saía de casa às 08h00 da manhã, pegava o ônibus às 09h00, no centro de Campina Grande, para Fagundes e retornava às 17h00. Na ida, eram poucas pessoas no ônibus, já na volta, à tarde, vinham professores e trabalhadores que moram em Campina Grande. Os dias mais movimentados no ônibus eram os sábados, pois muitos moradores de Fagundes vinham à Campina Grande fazer a feira, isso era perceptível devido tanto a quantidade maior de pessoas que circulavam entre os dois municípios, como pelas sacolas que carregavam. O clima no Ônibus era muito animado, as pessoas conversavam como se estivesse em dia de lazer ou se dirigindo a festejos.

Fui, algumas vezes, de carro alternativo, o que para mim foi muito bom, conheci muitas histórias de vida, pois as pessoas conversavam a viagem sobre vários assuntos e até mesmo sobre sua história de vida. Na tarde do dia 24 de Julho de 2013, estava no carro alternativo, a caminho de Fagundes. Neste carro estavam o motorista, o passageiro na frente, eu e duas mulheres atrás. Acho que uma delas tinha em torno de 40 anos e a outra uns 55 anos, uma moradora de Fagundes e a outra do município de Galante, distrito rural de Campina Grande, localizado minutos antes de Fagundes. Eu, na curiosidade em saber se elas eram de Fagundes e se já tinham migrado para trabalhar e morar em outra cidade comecei perguntando um pouco sobre a vida delas. Uma delas, a mais velha, que a chamo de Maria Clara começa a contar que mora em Galante há muitos anos. Fala que sempre trabalhou muito e que tem uma mercearia, em que vende de tudo um pouco. Ela diz *“Duas coisas que a mulher tem que ter: moral e destino tem que ser destinada com as coisas, eu desde os 18 anos que negocio, tenho um mini-box, não gosto de pedir as coisas a homem. É muito ruim a mulher tudo que precisa tem que pedi, o homem lá vem dizendo pra quê? de novo? Isso é muito chato. Lá em casa, quem pede é meu marido, diz: amor, preciso de uma roupa, disso ou daquilo. Mais menina, a mulher tem que ser*

destinada”. A mulher que estava ao lado balançava a cabeça concordando com a mulher que falava, e os dois homens da frente sorriam e diziam: “é isso mesmo”.

Quando Maria Clara fala de moral, logo me reporto a pesquisa de Cordeiro (2006), realizada com mulheres no sertão de Pernambuco, em que a autora analisa *a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres*. Nesta pesquisa, a autora relata que o comportamento moral adequado às normas de gênero são o recato feminino, a obediência aos pais e ao marido, a discrição dos afetos e da sexualidade e a conformação dos limites corporais e das condutas (Cordeiro, 2006, p. 7-8). O comportamento moral feminino está atrelado a aspectos da maternidade e sexualidade, ter moral é cumprir com seus deveres de mãe e esposa, respeitando o esposo e sendo fiel. No entanto, Maria Clara na condição de “destinada”, noção que várias leituras apontam como mulher trabalhadora, decidida, determinada, autônoma, que conquista certa autonomia, enquanto mulher e esposa, através da independência financeira. Maria Clara faz questão de deixar claro que ele, o marido, depende dela para tudo. Não posso provar com dados objetivos se esse discurso é uma verdade ou não, no entanto, o que é relevante reter aqui é a sua construção discursiva, que é uma verdade, pois se trata da construção de si mesmo para o outro, pesquisador, e para os que estão em suas redes pessoais e familiares.

Maria Clara, na condição de trabalhadora, detentora de uma renda, não se encontra na dependência do esposo, ao contrário, a situação se inverte quem é dependente é o homem. O autor François Singly no seu livro *Famílias Contemporâneas* discute um dos aspectos que caracteriza a vida privada nas sociedades contemporâneas, que é a diminuição dos laços de dependência entre as gerações e sexos. A mulher, em situações em que ela não possui uma atividade assalariada, apenas vive pela mediação das remunerações que o marido aceita transferir para sua família, estão elas objetivamente numa situação de dependência (SINGLY, 2007, p.151). Já as mulheres engajadas em uma vida profissional saem “parcialmente de uma relação de dependência”.

Voltando a relatar como foram as idas e vindas a campo no período gestacional, tinha dias que almoçava em Fagundes e retornava no final da tarde, outros dias ficava cansada devido ao peso da barriga e voltava um pouco antes do esperado por mim. No próximo tópico discuto como foi conciliar minha experiência materna e a pesquisa.

Para localizar as mulheres migrantes utilizei as fichas migratórias das famílias de migrantes, que foram preenchidas durante a pesquisa realizada nos anos 2000 pela professora Marilda Menezes. Conteí também com ajuda de Jadilma, minha amiga,

professora de História na Escola Joana Emília. Jadilma me apresentou à Dona Zefa, merendeira da escola, esposa de trabalhador migrante. Dona Zefa me recebeu em sua casa, que fica no sítio Serrote Preto, e a partir dela, conheci as mulheres migrantes.

A família de Zefa é bem conhecida pelos moradores do sítio Serrote Preto. Seu Severino, esposo de Dona Zefa, 53 anos, migrou durante 30 anos para o corte de cana em áreas canavieiras de Pernambuco, a primeira migração aconteceu no ano de 1976, quando tinha 16 anos. Atualmente, ele trabalha apenas com agricultura. Com eles, moram duas filhas, Cássia, 20 anos e Cassandra, 26 anos. Cássia é solteira e Cassandra noiva. Os outros três filhos moram no Rio de Janeiro. Essa família me acolheu e me deu o suporte em muitos momentos que precisei, mais a frente falarei mais da importância deles no período da pesquisa de campo.

O sítio Serrote Preto fica no início de Fagundes, bem próximo ao Centro da cidade, 10 minutos de caminhada chega-se ao Centro. Entretanto, no início da pesquisa, me dirigia pouco ao centro, dediquei vários meses, nas idas e vindas às famílias migrantes, residentes do sítio. A minha primeira ida a campo foi no dia 07 de março de 2012. Passei do mês de março a abril indo para o sítio Serrote Preto. Durante esse período, com ajuda de Zefa, consegui localizar muitas famílias de migrantes e fazer alguns contatos. No mês de maio não consegui mais viajar, estava com cinco meses de gravidez, fui aconselhada pela médica a ficar em repouso, pois minha pressão estava alta.

Caminhando pelas ruas do sítio Serrote Preto observava que nos horários do almoço e finais de tarde, as ruas ficavam bem movimentadas, motos transitando de um lado a outro. Homens, mulheres e crianças nas calçadas conversando. Quando caminhava nas ruas, os burburinhos acompanhavam meus passos, uma perguntava para outra: “quem é? É a menina da universidade que tá pesquisando aqui, tá entrevistando as pessoas, ela vai lá para Dona Zefa”. Sou recebida com sorrisos e cumprimentos de bom dia, boa tarde pelas ruas da cidade. Eles sabem muito pouco sobre mim e eu também muito pouco sobre eles, a curiosidade toma conta tanto de mim, o mesmo acontece com eles. Alguns pedem até para serem entrevistados, para assim poder matarem a curiosidade e descobrirem o que tanto desejo saber, além de descobrirem fatos relacionados a mim.

Percebi, nas primeiras visitas, que o fato de ser do gênero feminino, grávida e está acompanhada de Dona Zefa, que era amiga dos vizinhos próximos, me ajudou no acesso a casa de muitas famílias. Percebi ainda que, nas minhas visitas a campo, os moradores da área rural estavam desconfiados e temerosos em abrir suas casas para desconhecidos, as notícias e acontecimentos de assaltos e todo tipo de violência está

deixando algumas famílias até menos acessíveis.

No entanto, com idas e vindas constantes ao sítio fui percebendo os moradores mais acessíveis, Dona Zefa não precisava mais me acompanhar na pesquisa, pois uma mulher migrante já me indicava outra, e minha presença foi ficando cada vez mais comum entre os moradores. Nos primeiros dias de pesquisa consegui ver como era importante minha presença constante no sítio para conquistar a confiança das mulheres migrantes e de seus familiares.

Como mencionado, ser do sexo feminino e estar grávida me ajudou muito na relação com as mulheres e seus familiares, elas se sentiam à vontade para contar seus problemas conjugais e com os filhos. Demonstravam suas emoções, com pausas, silêncios, lágrimas e suspiros. Maria das Dores, 56 anos, relata, com pausas e suspiros, sobre a traição de seu ex-esposo:

[...] Fui traída e não ia viver, é muito doloroso, não tenho sangue de barata pra aguentar isso. Veja só, eu trabalhava e ele trabalhava, eu grávida, quando chego em casa vejo meu marido sentado na calçada com uma sujeita estourando espinha na cara dele, dá pra engolir? Desde esse dia, cortei amizade total, não deu mais. Hoje ele é casado, falo com a mulher dele, sou amiga dela, que eles vivam feliz e me deixem viver feliz.

Conseguí esse depoimento após a terceira visita realizada na casa de Maria das Dores. Esse acontecimento, mesmo após anos, é relatado com expressões de dor e mágoa. Relatar acontecimento tão íntimo de sua vida só é possível com muita confiança na pessoa que escuta.

Algumas mulheres eram mais reservadas, quando perguntava algo sobre determinados assuntos de sua vida amorosa e sexual, respondiam com frases curtas e diretas. Percebi, em alguns casos, que quando, em algum momento, a entrevista se encaminhava para assuntos como sexualidade e relações sexuais fora do casamento elas ficavam tímidas, mudavam de assunto e quando respondiam era com palavras curtas, como “não, num sei”.

Contudo, consegui aos poucos ganhar a confiança das mulheres, claro que cada uma tinha seu jeito, umas mais tímidas, outras menos, algumas adoravam relatar sua história de vida, contar, com detalhes, fatos de sua infância, trabalho, relação com o marido e filhos. Maria Aparecida, 62 anos, conta com risadas de uma surra que deu em uma menina que estava dando em cima do marido dela. Eu perguntava se ela sentia ciúmes do marido e se já tinha acontecido algum caso de traição da parte dele. Ela disse que:

Não. Num tem esse negócio de ciúme, não. Nem eu dele, nem ele de mim. Quando acontecia alguma coisa, de alguma dona levantar a saia pra ele, se balançar pro lado dele, ele quando chegava em casa me conta. Um dia fiquei sabendo de umas conversas, aí fui tirar realidade, quero saber se é ela ou se é tu que tá dando a liberdade. Aí ele disse, foi ela. Dei-lhe uma surra, Jaqueline, uma surra, minha nega. Uma surra que ela foi pra água de sal, meti areia nos olhos dela, deixei ela logo cega. Eu digo, você dá em cima de homi casado. Dei-lhe uma surra grande, pra nunca mais.

Percebi que ela sentiu orgulho em ter dado uma surra na moça que queria supostamente “roubar” seu esposo. É possível identificar nas relações entre os gêneros elementos de poder, dominação e controle.

Senti que quando falava assuntos da minha vida, as deixava mais desinibidas para falarem de si. No trabalho de campo acontece o encontro de dois sujeitos, que são diferentes, o que torna a pesquisa significativa, mas que partilham algum tipo de semelhança: seja de crença, experiência de vida, dentre outras afinidades. “A entrevista de campo levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade por mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações, mas somente a diferença faz a entrevista relevante” (PORTELLI, 1997, p. 10 e 23).

Após descer e subir ruas, entrar e sair de muitas casas percebi que já tinha conseguido entrevistar todas as mulheres migrantes do sítio Serrote Preto. Poderia ter parado minha pesquisa de campo no sítio Serrote Preto, mas senti a necessidade de entrevistar mais mulheres e, conseqüentemente, em conhecer outras vivências migratórias e de vida. Voltei às fichas migratórias da pesquisa de Marilda Menezes para me ajudar a encontrar os endereços de famílias de migrantes, meu interesse era entrevistar as filhas dos homens migrantes entrevistados por Marilda nos anos 1980 e 1990.

Ao pesquisar as fichas migratórias encontrei a família de seu José, 42 anos, migrante. Ele, junto com a esposa e alguns dos filhos, mora no sítio Açude Velho, que fica nas proximidades do centro de Fagundes. A trajetória migratória de seu José foi relatada e analisada por Marilda Menezes, minha orientadora, no livro *Redes e Enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes* (2000). A primeira migração de seu José aconteceu no ano de 1950 para trabalhar na *plantation* canavieira, na Zona da Mata no estado de Pernambuco. Migrou para o Rio de Janeiro, em 1962, com 34 anos, permanecendo apenas um ano. Tem nove filhos, seis homens e três mulheres. Sua esposa, Maria Francisca, nunca migrou, ficava em casa cuidando dos filhos e das atividades domésticas. O casal e os filhos mais velhos argumentaram que as filhas

precisavam ficar em casa, para ajudar no trabalho doméstico. A composição do sexo na família influenciou o padrão migratório: os homens partiram em busca de trabalho e as mulheres ficaram em casa (Menezes, 2002, p. 65).

A filha do casal, Maria Clara, 38 anos, migrou para o Rio de Janeiro com o esposo, atualmente está na condição de migrante de retorno, morando em Fagundes. Falarei com mais detalhes sobre a história de vida de Maria Clara nos próximos capítulos. Ela conta que o pai era bem rígido, o pai José não queria que ela e as duas irmãs trabalhassem, queria sempre elas em casa. A irmã dela, Francisca, saiu fugida de seu José para trabalhar no Rio de Janeiro, porque ele não deixava. As filhas viviam sob o controle e dependência da figura feminina, que era o pai e os irmãos. Ela relata: *“eu era boba, meu pai não deixava eu trabalhar, já minhas irmãs diziam ‘eu vou’, e ia mesmo, eu tinha medo até de falar”*.

Quando estive com Maria Clara perguntei se ela conhecia mulheres migrantes que moraram anos no Rio e que agora estariam de volta à Fagundes. Ela me informou que na rua Cabatã tinha muitas famílias de migrantes, estive lá e realmente havia muitas famílias de migrantes, quase em todas as casas que batia era um migrante. Foi, então, a partir dessa informação que este local se tornou outro ‘ponto’ para minha pesquisa. Minha chegada à rua Cabatã foi no mês de Julho de 2013.

Em conversa com seu Francisco, 65 anos, morador de Cabatã, pergunto o porquê do nome ‘Cabatã’? Ele respondeu que:

O nome da rua mesmo é João XXIII, mais ficou conhecida pelos mais antigos por Cabatã, que era uma planta comum aqui, existiam muitas plantações de Cabatãs, ai tinha uns caba brabo que bebiam e brigavam muito, ai esses cabas pegavam umas varas de cabatãs e ficavam batendo um no outro, daí ficou rua cabatã.

A rua Cabatã é bem longa, dediquei quatro semanas de visitas para entrar em cada casa, essas visitas foram realizadas nos meses de Junho e Julho de 2013. Sendo que dediquei mais umas duas semanas de visitas para terminar algumas entrevistas que não consegui concluir em duas visitas. Fiquei encantada como todos os moradores da rua, se conhecem, muito deles, há anos. Enquanto subia a rua e batia nas portas das casas, mulheres e homens me observavam nas calçadas, me olhavam e tentavam escutar o que eu falava. As crianças brincam de bola, bicicleta e homens, em moto, subiam e desciam a rua. Bem, a quantidade de moto é enorme em toda a cidade. A maioria das calçadas estava com sacos ocupados de feijão macassar e como havia chovido, os agricultores tinham colhido muito feijão. Quando entrava nas casas, observava que toda a família,

homens, mulheres e crianças estavam a debulhar feijão. Eles falavam com muita alegria do inverno e da boa colheita conseguida no ano de 2013.

Passei por situações comuns a muitos pesquisadores, posso citar algumas marcantes para mim. Cheguei à casa de uma família e no momento da entrevista com uma mulher migrante, estavam na sala o esposo e seus dois filhos debulhando feijão. Ela me contando de sua história de vida, fala de seu sogro, Vicente, que mora na casa vizinha, um idoso de 85 anos, conhecido pela comunidade como um rezador, ela me relatava, com muito orgulho, que vêm pessoas de fora da cidade se rezar com ele e ela faz questão de me levar lá para seu Vicente me rezar. Eu digo: “muito obrigada, não precisa”, que tenho muitas entrevistas para fazer. No entanto, não houve jeito, ela disse: “é rapidinho” e chamou o Sr.Vicente. Ele me rezou e disse que eu estava com olhado, ainda conversei um pouco com ele, senhor simpático, me contava, com muito orgulho, de sua boa saúde. Então, todo dia quando subia a rua Cabatã, estava lá seu Vicente na calçada a me esperar com um ramo de arruda para tirar os meus mau olhados. Todo dia me rezava.

Outra situação foi na casa de Maria Severina, 35 anos, casada com o migrante Sebastião, 38 anos. Sebastião é agricultor e migrante, migra no período de safra, no verão, para o corte de cana no estado de Pernambuco e no inverno trabalha no roçado. Eles têm três filhas. Maria Severina, esposa, nunca migrou. É conhecida, na literatura de migração, como “a mulher que fica”. Ficava sempre em casa, cuidando dos filhos, das atividades domésticas e do roçado. Ao entrar na sua casa, encontro toda a família debulhando feijão, ao final da entrevista, o seu esposo Sebastião me deu uma sacola cheia de feijão, não queria aceitar, mas acabei aceitando, percebi que para ele seria uma ofensa se não aceitasse o seu feijão, fruto de seu dia de trabalho na roça. Em conversa com alguns moradores, eles me relataram que em tempo de inverno bom é uma abundância de feijão, milho e outros alimentos. Para não estragar os alimentos, os vizinhos dividem entre si os alimentos que estão em grande quantidade.

Percebi que em alguns momentos da pesquisa as mulheres migrantes queriam escutar minha opinião sobre determinado assunto e até mesmo conselhos. Nesses momentos, mudava de assunto. Penso que são essas situações que o/a pesquisador/a deve ficar atento/a para não agir como amiga, dando conselhos, dizendo o que ela deveria fazer ou não.

Bem, acho que consegui, no período da pesquisa de campo, trilhar uma relação boa com as mulheres entrevistadas, conquistei a confiança delas, o que me ajudou muito na boa qualidade do material empírico adquirido. No tópico seguinte falo como foi minha

chegada a campo “pós-parto”, e ainda minha experiência como mãe pesquisadora.

1.3 Mãe e Pesquisadora

Decidi dedicar um tópico da dissertação para contar um pouco da minha experiência como mãe-pesquisadora, porque acredito que trago na minha bagagem de vida, experiências de vida como mulher, estudante, amiga, filha, mãe, esposa, ex-esposa que me deixaram valores, ideais, emoções e sentimentos que não foram e nem podem ser neutralizados na pesquisa de campo e escrita.

Digo que infelizmente ou felizmente não tive como desvincular a maternidade da pesquisa de campo, pois a vivência da maternidade, pesquisa e escrita caminharam juntos o tempo todo. O relato aqui escrito é parte do meu diário de campo realizado nos meses de junho, julho e agosto de 2013.

A proximidade com Zefa me ajudou a localizar muitas mulheres, mas o fato de ser do sexo feminino e estar grávida me ajudou ainda mais no contato com elas. No período da gestação, percebi as mulheres sensibilizadas com minha gravidez, elas começavam a lembrar de suas gestações. Estava tendo uma vivência comum a histórias de vidas de muitas mulheres, que era está grávida. A autora Rocha- Coutinho dialogando sobre a maternidade coloca que:

São demarcadas para as mulheres certas características especificamente femininas, entre elas a relação natural com a criança, que elevou a maternidade à função primeira de toda mulher e, mais que isso, atribuiu ao sentimento materno um “caráter inato” e, portanto compartilhado por todas as mulheres. É assim que características biológicas- a maternidade inscrita no corpo feminino passam assumir um significado social (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.36).

Concordo com a autora que a maternidade possui um significado social expressivo em nossa sociedade, mas discordo quando ela diz que o sentimento materno é inato à mulher e compartilhado por todas. Não são todas as mulheres que compartilham o desejo de serem mães, muitas mulheres negam o determinismo biológico que há anos reservava às mulheres o único destino social de mães. Mas não é bem minha intenção e objetivo ampliar essa discussão.

Voltando ao relato, a partir do 6º mês gestacional, final do mês de maio, fui ficando mais pesada e minha pressão arterial começou a subir. Então, fui impedida por ordens médicas de continuar com a pesquisa de campo, tendo que ficar de repouso. Quando

estava com sete meses, minha pressão não normalizou, favorecendo para um quadro de pré-eclampsia grave. Diante do quadro, os médicos optaram pela retirada urgente das minhas filhas, prematuramente, com 31 semanas de gestação. Meus bebês nasceram com baixo peso, devido à prematuridade e a pré-eclampsia. Com oito dias após o parto, para minha tristeza, perdi minha filha Maya na UTI neo-natal, estava agora apenas com minha pequena Lara. Mesmo com a dor da perda de uma filha, tive que continuar internada com Lara, no canguru, por 40 longos dias, para Lara ganhar peso, pois tinha nascido com 1.200kg e 39 cm. Enfim, foi um período bastante doloroso e difícil para mim.

Só após quatro meses de vida de Lara, no mês de Outubro de 2012, iniciei novamente, aos poucos, a pesquisa de campo. Como Lara era bebê e mamava, a levava e minha mãe ia junto comigo para dar o suporte. Deixava Lara com minha mãe na casa de Zefa e ia para a pesquisa. Houve alguns momentos que, quando estava na metade da entrevista, mamãe me ligava para eu dar de mamar. Parava a entrevista e saía rapidinho para dar de mamar a Lara. Com o tempo, fui percebendo que as visitas a campo eram bem cansativas para mim, minha mãe e especialmente para Lara. Na maioria das vezes, saía pela manhã com Lara, ainda dormindo, minha mãe e bolsas, com todo o aparato de bebê, roupas, fraldas, mantas, dentre outros utensílios. Além do meu material de pesquisa, gravador, caderno e lápis.

Enfim, a viagem era bem cansativa, mesmo sendo 40 minutos de ônibus de Campina Grande para Fagundes. Daí, diante das dificuldades em carregar Lara quase todos os dias de ônibus, comecei a pensar em alternativas. Então surgiu a ideia de me mudar com Lara, por algumas semanas, para Fagundes. Pensei que morando umas semanas em Fagundes e conseguindo alguém para me ajudar teria tempo suficiente para concluir a pesquisa e evitaria fazer o trajeto diariamente para Fagundes. Vocês poderiam me perguntar: mas por que levar Lara? Lara estava com quase um ano. No entanto, a amamentação ainda era sua maior fonte de alimentação. Já almoçava, tomava leite e jantava, mas era tudo em pouca quantidade. As mamadas eram predominantes em sua alimentação. Estava abaixo do peso e altura na linha de desenvolvimento, o que preocupava a médica e especialmente a mim e ao pai. Por isso, minha necessidade de leva - lá para a pesquisa de campo.

Então, conversei com Zefa sobre minha necessidade de conseguir um local seguro para passar algumas semanas com Lara no sítio. Ela e a filha logo me ofereceram suas casas. Aceitei de imediato ficar na casa da filha, Cassandra, 26 anos, professora, que estava desocupada para reforma, pois estava planejando de casar em breve. Achei ótimo, porque a casa de Cassandra ficava vizinha à casa de Zefa. Assim, no dia 19 de

junho de 2013, arrumei o material de pesquisa, malas, fogão e utensílios de cozinha para passar algumas semanas no sítio.

Confesso que sempre desejei morar por um determinado espaço de tempo junto dos meus entrevistados, assim como fizeram os antropólogos Clifford Geertz, Bronislaw Malinowski. Se não fosse a maternidade, já tinha me mudado há muito mais tempo. Mas, deixando os “se (s)” de lado, viajei junto com Lara para o sítio, animadíssima e ansiosa. Assim que cheguei à porteira da casa de Zefa, lá estavam as vacas e cachorros deitados bem na frente da porteira. Eram umas quatro vacas enormes, deitadas, bem tranquilas, na frente da porteira e os cachorros a latir, desesperados, avisando aos donos da casa que tinha chegado alguém desconhecido. Achei a acolhida fantástica. Então, imediatamente, com muita alegria, Dona Zefa, esposo e as duas filhas saem para nos receber. Foi uma festa, todos apaixonados por Lara. A filha, Cassandra, logo pega Lara nos braços.

Desci do carro com toda minha mudança e arrumei a casa que ia ficar por algumas semanas. Dona Zefa, preocupada com a dormida, me aconselhou a não dormir com Lara na casa sozinha, sugeriu que eu passasse o dia na casa e a noite dormisse com ela, esposo e filhas em sua casa. Achei ótimo. A minha primeira noite com Lara foi à casa de dona Zefa, dividi o quarto com as suas duas filhas. Logo na primeira noite fui percebendo a rotina de todos. Dormiam cedo e acordavam cedo. Bem, foi o que esperava. Eu e Lara tínhamos uma rotina em casa completamente diferente. Dormíamos tarde e acordávamos tarde. Para mim, era maravilhoso, porque ficava a madrugada quase toda estudando, já que a pequena Lara acordava tarde. Entretanto, tive que mudar a nossa rotina, comecei a acordar Lara mais cedo para então ela dormir cedo. Os primeiros dias foram bem difíceis, pois ela chorava para não acordar, mas com alguns dias ela se acostumou.

Nos primeiros dias, era assim: quando no relógio apontava 20h00, todos se preparavam para dormir. Logo pensei: “como vou colocar Lara para dormir essa hora”, em casa ela dormia às 23h00. Peguei Lara e me direcionei para o quarto em que estavam as meninas, arrumando as camas para dormir. Lara conversando, fazendo besouros, rindo para as meninas, não queria em dormir. Então, deitei com ela na cama e dei de mamar com a luz apagada para ela dormir. Mas, ela não queria saber de dormir, fazendo barulho. Começou a chorar, porque fiquei insistindo para ela deitar. A alternativa foi balançar ela nos braços, balançava e ela chorava, eu angustiada, pois todos queriam dormir. Nunca precisei em casa balançar Lara para dormir, mas foi o que fiz. Após duas horas de balanço, ela dormiu. Nas outras noites ela foi se acostumando, mas tinha que balançá-la até ela dormir.

Os galos, com seus cantos, anunciam a chegada de mais uma manhã. Quando olho no relógio são 5 horas da manhã. Todos começam a se levantar. As meninas, arrumando a cama para levantar, dona Zefa na cozinha coando o café e seu Severino arrumando a carroça para ir ao roçado, que fica um pouco distante da casa. Então, Dona Zefa sai para trabalhar na escola que é merendeira. Seu Severino vai para o roçado, Cassandra, filha mais velha, pega o ônibus de estudante da cidade para viajar para Campina Grande para assistir aula na UEPB. A filha mais nova, Célia, também acorda cedo, e é responsável de limpar o terreiro, que fica sujo de coco de galinha, ganso, vaca, cachorro. Colocar comida para as galinhas, o cachorro e o ganso. Arrumar a casa, lavar roupa e fazer almoço.

Meu dia começou, fui até a cozinha para tomar café e conversar com todos. Aproveitei e sondei com Célia se ela conhecia alguém que pudesse cuidar de Lara para eu dar prosseguimento à pesquisa. Ela me disse que não conhecia ninguém, porque se ela tivesse tempo, ela mesma ficaria. Então, organizei meu material de pesquisa e roteiro do dia e esperei até as 7 da manhã para acordar Lara. Como era de costume, Lara só acordava tarde, se Célia não fosse tão atarefada poderia até ter olhado Lara, mas infelizmente não poderia contar com ajuda dela, pois já era responsável por muitas atividades. Então, acordei minha pequena, coloquei no canguru, amarradinha, para me ajudar na locomoção e coloquei a mochila nas costas com fralda, lenços umedecidos, água, caderno, lápis e gravador. E, assim, começava meu dia de pesquisa.

Adorava as manhãs de caminhada no sítio, cheirinho de estrume de vaca, ver as plantas, galinhas, pintos, gansos, vacas, porcos a passar. Enfim, tanto eu, como Lara, ficávamos encantadas com o cenário e a tranqüilidade do sítio. Andando nas ruas e todos a me olhar, algumas mulheres que já me conheciam, me paravam na rua para ver Lara. Outras me olhavam com o olhar de interrogação, acho que se perguntavam: “Quem é essa mulher? O que ela faz com esse bebê amarrado em um pano e uma mochila nas costas?”.

Estive em algumas casas indicadas por dona Zefa, outras indicadas pelas próprias entrevistadas. As mulheres me recebiam em suas casas muito bem, como já mencionei, o fato de ser mulher e mãe me ajudou bastante na relação com minhas informantes. Ser mãe e estar com Lara na pesquisa fez com que as mulheres ficassem mais sensíveis e as fazia recordar de momentos bons e difíceis ao conciliar trabalho e maternidade. Situação similar a minha. Algumas delas contavam com lágrimas nos olhos, quando tiveram que deixar o filho pequeno com os pais e foram morar no Rio de Janeiro. Outras, da agonia em ter que deixar os filhos para trabalhar com pessoas sem ser da família, e lembravam

até dos filhos que morreram recém-nascidos.

Tínhamos experiências comuns a serem partilhadas. Algumas delas sentiam-se confiantes e estimuladas para falar sobre as experiências afetivas com o esposo, com os filhos, dentre outros assuntos envolvendo casamento e filhos. Algumas me perguntavam: “seu marido deixa você ficar todo esse tempo aqui sozinha?” Então, respondia: “sou separada”. Assim, elas ficavam estimuladas a falarem dos homens, que não poderíamos confiar nos homens, que eram safados e muito mais.

Josefa, 33 anos, era amiga de Maria do Socorro (uma das minhas entrevistadas, falarei sobre sua história nos próximos capítulos). Quando falo que sou separada, Josefa logo diz que também é. Ela já estava no segundo casamento, mas não é casada no papel, ficou com trauma de casamento. Ela relata que foi traída no seu primeiro casamento:

Casei com 16 anos, perdi foi minha vida todinha. Passei 14 anos casada e com ele tem um filho, Filipe. Ele era um irresponsável. Eu quem sustentava a casa sozinha. O bicho era raparigueiro, vivia me botando chifre, saia de noite e chegava de madrugada, às vezes de manhã, e quando chegava, ainda ligava a televisão e som bem alto, acordando eu e Filipe, o bicho era ruim. Aí, tinha uma bicha preta, com o nariz mais achatado que o meu e a boca muito maior que a minha. A bicha era separada e tinha 4 crianças pequenas, o marido tinha deixado ela por outro. Eu sempre chamava ele, o nome dela é Rita, para me ajudar em casa. Era minha amiga, ela me ajudava nas coisas de casa, varria, lavava roupa e eu sempre dava as coisas a ela. Até desabafava com ela sobre o safado de meu ex-marido. Eu saía de casa de manhã, só voltava de noite, meu menino ficava na casa da avó, minha ex-sogra. De tarde a bicha ia na minha casa varrer a casa e chamegar com ele e eu não sabia. Todo mundo da rua sabia, mulher. A mãe dele também sabia e encobertava as coisas do filho. Mas teve um dia que uma amiga minha me chamou e disse: “Josefa, vem ver com quem teu marido tá”. Cheguei e vi ele com Rita, fiquei chocada, eu disse: “Mas Rita, como é que você faz uma coisa dessas comigo, você era minha amiga, sabia de minha vida, aí disse: “e você, como é que você, Lúcio, me troca por uma nega feia dessa? Aí a bicha disse: “minha filha, eu não fui atrás dele não, quem veio atrás de mim foi ele”. Menina, na hora parti para cima dela, que ela caiu no chão, lasquei a cara dela toda, e ele num veio para cima de mim para me bater?! Eu, na goela dela, e ele na minha goela, a sorte que minha amiga deu um chute nas pernas dele, que ele caiu. Aí a bicha correu e eu correndo atrás dela, mas não consegui alcançar ela. Fiquei tão mal, não comia nada e nem dormia, fiquei da finura de um dedo. Também não confio mais em homem nenhum, tô com esse, meu segundo casamento, José, ele é muito bom para mim, sou feliz, tive uma filha com ele, mas não confio de jeito nenhum, fiquei com trauma. Sofri muito com ele, hoje me pergunto como que ainda passei 14 anos casada com aquele homem, acho que também não me separava, porque meus pais falavam muito de mulher separada, os vizinhos, penso que foi isso também.

A história de vida de Josefa me emocionou bastante, pois ela começou a trabalhar muito jovem, aos 13 anos, trabalhava para sobrevivência dela e do filho, enquanto o

companheiro não a ajudava em nada. Ela era a provedora da família, enquanto trabalhava para o sustento da família, o marido ficava em casa, escutando som, assistindo televisão e a traindo.

Ela relata que não se separava do esposo, pois ficava a pensar no que os pais e o povo achariam e diriam dela, mulher separada. É possível perceber como a honra tem uma força moral enorme na vida das pessoas, especificamente, das mulheres.

O interessante é que como pesquisadora, fui para pesquisa de campo com o objetivo de conhecer e compreender diferentes experiências migratórias e de vida, e acabei encontrando histórias de vidas bem similares a minha. Experiências a respeito de casamento, maternidade, traição, conflitos vividos ao conciliar trabalho e família e rupturas vividas em decorrência de uma separação. Todas as experiências são comuns tanto na minha história de vida como na de muitas mulheres.

Voltando a relatar sobre os dias de entrevistas com Lara. Sentia-me sobrecarregada, cansada e sem o foco que precisava para a pesquisa. Sobrecarregada e cansada, porque tinha que administrar meu tempo para as atividades domésticas, almoço, janta e arrumações de casas, com cuidados com Lara e além de tudo carregá-la comigo para as caminhadas longas de pesquisa. Sentia que em muitos momentos das entrevistas perdia o foco na hora de conduzir as perguntas e as entrevistadas também ficavam desfocadas, esqueciam-se do que estavam contando, porque eu parava a entrevista para dar de mamar, trocar Lara de coco e xixi, para tirá-la de algum espaço para não quebrar nada na casa das pessoas e, muitas vezes, Lara chamava atenção das mulheres ao ponto delas pararem de falar para pegá-la nos braços. Ou seja, estava difícil conciliar as atividades de mãe e pesquisadora. Eram duas atividades que exigiam de mim muita atenção e dedicação.

Então, como não consegui alguém para me auxiliar com Lara nas entrevistas, ficou muito difícil prosseguir a pesquisa com ela. Após dez dias de pesquisa com Lara acabei voltando para Campina e arrumei outra alternativa de ida e vinda a campo, sem precisar morar em Fagundes. Quem me ajudou bastante nessa outra fase foram as avós de Lara, elas se disponibilizaram para se dividirem e ficarem com Lara no período da tarde. Minhas vindas a campo passaram a ser apenas às tardes, deixava Lara após o almoço com a vovó e pegava no final da tarde. A pesquisa, no seu término, acabou sendo realizada num período mais curto, apenas às tardes, entretanto, foi mais produtiva. Tive que me desvincular fisicamente da função de mãe por um determinado espaço de tempo. Pois a pesquisa de campo exigia de mim, enquanto pesquisadora, desprendimento, foco e atenção.

Contudo, as ideias e a escrita do texto caminharam juntamente com minha maternidade. Pensava o tempo todo no meu texto, quando brincava, dava comida, ou banho em Lara. A escrita acontecia nos períodos de ausência de Lara, nas tardes que o pai a pegava, quando a avó a levava para passear e, principalmente, nos horários de sono. Foi desta maneira que o meu texto foi construído e ganhou vida.

Para compreender e usar mais precisamente meus dados de pesquisa, contei com algumas teorias e pesquisas. Discutirei um pouco sobre uma parte do meu referencial, e alguns conceitos discutirei ao desenvolver a análise do meu material empírico.

CAPÍTULO II

2. Perspectivas Teóricas sobre Migração: Brasil, Nordeste e Paraíba

O referencial teórico, sociológico e antropológico da migração no Brasil, especificamente a participação feminina nos estudos migratórios, subsidiam este estudo dissertativo, na medida em que minha proposta é analisar as diferentes experiências femininas com relação ao fenômeno migratório.

O método da História Oral e as técnicas utilizadas ao longo da pesquisa, observação participante, fichas migratórias, entrevistas semiestruturadas e histórias de vida só podem atuar a partir do embasamento teórico que sustenta a pesquisa. Esse momento do trabalho para nós, pesquisadores em Ciências Sociais, é indispensável para um posicionamento diante dos fatos encontrados na realidade empírica.

Ciente da necessidade do aporte teórico discutirei as teorias e categorias pertinentes ao objeto de pesquisa. De início, abordo as perspectivas teóricas sobre a migração no Brasil, apresentando pesquisas e dados de estudos da migração no Nordeste e Paraíba. Apresento e discuto algumas pesquisas desenvolvidas da migração feminina nacional e internacional. Os conceitos de experiência e gênero norteadores do trabalho dissertativo e os que surgem na pesquisa de maneira transversal, permeando toda a discussão empírica- teórica.

Desde os tempos mais antigos, homens e mulheres migram de uma localidade à outra na busca por melhores condições de vida. Nas duas últimas décadas do século XX, o movimento migratório se intensifica, seja no interior dos próprios países, como também internacionalmente. No que se refere ao Brasil, no início do século XX, verificou-se as migrações internas e a emigração de milhares de brasileiros para vários países da Europa, Estados Unidos, Japão, dentre outros.

O intenso fluxo migratório no Brasil ocorreu em um contexto marcado pela industrialização e urbanização, momento de grandes investimentos econômicos nas grandes cidades metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro. Este cenário de desenvolvimento e oportunidades impulsionou a migração de muitos trabalhadores e famílias da região Nordeste do Brasil para cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, na busca por inúmeras oportunidades de empregos e melhores condições de vida. Segundo Brito (2009), em apenas 50 anos, na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões, com uma taxa anual de crescimento de 4,1 %.

Este cenário de intensos fluxos migratórios no Brasil impulsionou estudos e

pesquisas. No Brasil, é possível citar alguns pesquisadores e trabalhos. Na década de 1970, alguns trabalhos clássicos na Sociologia, que são referência obrigatória para os estudos sobre migrações, como os livros de Juarez Brandão Lopes *A sociedade Industrial no Brasil* (1971) e *Desenvolvimento e Mudança Social* (1976); o artigo de Paul Singer *Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo* (1976) e o livro *A caminho da cidade*, de Eunice Durhan (1978).

Estes trabalhos estão fundamentados numa perspectiva histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e atração, expressando transferências de populações, de regiões ou setores econômicos, considerados estagnados, arcaicos, atrasados ou tradicionais para regiões em desenvolvimento. Estes estudos tendiam a enfatizar o caráter definitivo das migrações rurais-urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste.

Mas diante da amplitude e complexidade do tema, surgiram outras diferentes perspectivas teóricas, ou formas de compreensão sobre a migração camponesa no Brasil. Os estudos dos fluxos migratórios internos no Brasil são divididos, na Sociologia, em dois grupos de pesquisadores e suas respectivas perspectivas teóricas. Dentro do período de 1930-1970 podemos citar os estudos desenvolvidos por (Eunice Durhan, Brandão Lopes e Paul Singer). Esses trabalhos, segundo Menezes (2012, p. 1) fundamentavam-se no paradigma histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas ou em desenvolvimento.

No período de 1930-1970, os pesquisadores identificaram a saída intensa de famílias e trabalhadores dos estados do Nordeste, Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, cidades que passavam, neste período, pelos processos de industrialização e urbanização. Em suas pesquisas, os autores Camarano e Abramovy (1997) constataram que no ano 1950 saíram os maiores contingentes de trabalhadores rurais dentro do território nacional.

Segundo dados de pesquisa, “a migração da região Nordeste para outras regiões, especificamente para região Sudeste do país, ocorreu de forma mais acentuada pela ocorrência de secas periódicas, modernização na indústria têxtil, e de outro, pela aceleração do processo de industrialização nacional, pela construção de rodovias, das grandes hidrelétricas, de Brasília” (Camarano, 1997, p. 193). Neste período, homens e mulheres saíam de áreas rurais para as cidades de São Paulo em busca de empregos e melhores condições de vida, o que proporcionou, em muitos casos, a migração definitiva

dos migrantes e familiares.

Foram desenvolvidos diferentes pontos de análise da migração. O autor Paul Singer (1976) analisa a migração a partir dos fatores de expulsão e atração. No lugar de origem, surgiriam os fatores de expulsão, que aconteceriam de duas formas: fatores de mudança- determinados pela introdução de relações de produção capitalistas, desencadeando a expropriação de camponeses, expulsão de agregados e de agricultores, assim aumentando a produtividade do trabalho e gerando uma redução no nível de emprego.

Os fatores de estagnação que estariam associados à incapacidade dos agricultores, em uma economia de subsistência, aumentar a produtividade da terra. A produção de subsistência sofre limitações, como insuficiência física da terra, dificuldades de crédito e comercialização. Sendo localidades produtoras de mão-de-obra para latifundiários e de onde se originam fluxos migratórios sazonais. No lugar de destino estariam os fatores de atração, o principal fator de atração seria a demanda da força de trabalho e condições de melhores de qualidade de vida.

A perspectiva teórica de Eunice Durhan, no seu livro *A caminho da cidade* (1973), segue a mesma leitura sobre o processo migratório de Juarez Brandão Lopes (1971) e Paul Singer (1976), ao destacarem que as migrações resultam do deslocamento de populações de áreas estagnadas para outras em desenvolvimento e modernas. Segundo Menezes (2000):

Os trabalhos de Singer e Durhan fundamentavam no paradigma histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e de atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ ou setores em desenvolvimento. Esses estudos tendiam a enfatizar o caráter definitivo das migrações rurais – urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste (MENEZES, 2000, pg. 1).

Para Eunice Durhan (1973), o processo migratório faz parte de um projeto não apenas individual, mas também familiar. Segundo Durhan (1973), o processo migratório não se explica apenas através dos indivíduos, pois a migração se orienta dentro de um universo de relações pessoais que envolvem não só o indivíduo que migra, mas parentes, amigos e conterrâneos. Francisco, 53 anos, nasceu em uma família de migrantes, sua primeira migração aconteceu junto do pai. Seu Francisco, migrante das décadas de 70 e 80, morador do município de Fagundes, Paraíba, relata:

Fui a primeira vez pra migração no anos 70 e alguma coisa mais ou menos.... tava com 16 anos. Fui para o Rio de Janeiro com meu pai, trabalhar em construção civil, os outros anos só pra o corte de cana, ia pra me manter, meu pai migrava para o Rio pra trabalhar em construção civil, o ganho dele não dava para sustentar a família de um tudo, meu pai não tinha condição de manter dez filho, aí fui pra comprar minhas roupas, aquele ganho dele não dava para nos manter com nossa roupa, essa coisas sabe que nós precisava, aí fui obrigado a ir.

A experiência da migração perpassa tanto a família como as gerações. Como visto, a migração é um instrumento que se situa em um tempo e um espaço determinado, possibilitando, assim, o entendimento das relações sociais dentro desse tempo e espaço. E ainda mais, os fluxos migratórios não se resumem aos deslocamentos de indivíduos no espaço geográfico, mas também em espaços sociais. Como destaca Eunice Durhan (1973, p. 136): “nenhuma migração pode ser compreendida exclusivamente como um deslocamento geográfico. As migrações representam também uma movimentação no universo social. Mesmo porque, a própria definição do espaço e do ambiente geográfico é condicionada culturalmente”.

Além das perspectivas teóricas, os autores Menezes e Silva (2009) classificam três aspectos analíticos sobre a migração camponesa. A primeira é a interpretação *macro-estrutural*, a segunda a migração como *estratégia de reprodução camponesa* e a última a migração como um *processo social*. A primeira analisa a estrutura em detrimento ao significado da migração para os indivíduos envolvidos no processo. Nesta perspectiva, a migração é interpretada como “expulsão” de contingentes populacionais de regiões ditas “estagnadas” ou “arcaicas” para regiões modernas. Os autores indicam que nessa perspectiva fica difícil compreender outras formas de migração, como a migração de retorno ou às temporárias.

Surgem, posteriormente, críticas a essa visão de compreensão da migração a partir de áreas atrasadas e desenvolvidas. Uma crítica a essa perspectiva, segundo Menezes e Silva (2009), é desenvolvida pelo sociólogo Francisco de Oliveira em a crítica a Razão Dualista, publicada em 1977. Segundo Oliveira “[...] não há região atrasada em oposição à moderna, mas é o processo de acumulação capitalista que gera desigualdades de desenvolvimento no espaço sócio-econômico”.

A segunda perspectiva teórica é a interpretação da migração como *estratégia de reprodução camponesa*. Esta surge a partir de pesquisas realizadas nos anos 1980 pelos autores Garcia Jr (1990), Klaas Woortmann (2002) e Marilda Menezes (2002) com camponeses da região Nordeste que migram para metrópoles da região Sudeste e para a

área canavieira na Zona da Mata paraibana e pernambucana. Esses autores constataram que a migração não se resume apenas à transferência de trabalhadores entre regiões “menos desenvolvidas” para as “mais desenvolvidas”.

Privilegiando os significados das migrações para as condições de reprodução social de populações de áreas rurais do Nordeste, o que questiona o caráter definitivo da migração. Em suas pesquisas concluíram que nem sempre a migração se caracterizava como êxodo rural, muitos migravam e retornavam às áreas rurais da região Nordeste. Para esses autores, Garcia Jr (1990), Klaas Woortamann (2002) e Marilda Menezes (2002) a migração de camponeses não era apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência ou mesmo de um baixo desenvolvimento econômico local, mas parte integrante de suas próprias práticas de reprodução social. Menezes (2002) verificou que a migração entre famílias camponesas pode tanto levar ao êxodo rural e transformação em trabalhadores urbanos, quanto ser uma estratégia constituinte da reprodução dos camponeses.

Esta perspectiva teórica está, também, presente nos estudos do historiador Paulo Fontes com trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, entre os anos de 1945 a 1966. Segundo (FONTES, 2008 *apud* MENEZES, 2000, p.5), metade dos migrantes nordestinos voltava para suas regiões de origem. Na minha pesquisa na cidade de Fagundes, Paraíba, entrevistamos mulheres migrantes que migraram na década de 1970 para o Rio de Janeiro. Lá construíram casa e residiram por alguns anos junto aos irmãos. Maria das Dores, 56 anos, migrante de retorno da cidade de Fagundes, relatou que passou alguns anos migrando e retornando para cidade de origem, o retorno acontecia no período de inverno para ajudar a família no roçado.

A última é a interpretação da migração como um *processo social*, as migrações não são o mero resultado do somatório de decisões individuais (BRITO 2000, p.5). Não é um indivíduo isolado que migra, mas são milhões de pessoas, conjuntos sociais com seus valores e normas, que se transferem do espaço rural para o urbano, de uma cidade para outra, de um estado para outro, de uma região para outra, ou mesmo, de um país para outro. A análise sai da estrutura social para compreender as relações sociais dos migrantes dentro de um contexto social, identificando as estruturas de classe, raça, etnia, gênero, redes sociais, dentre outros aspectos. Entendendo a migração como um processo social, observa-se o migrante como um ator social, capaz de construir suas próprias estratégias de mudanças e sobrevivência.

A noção de experiência proposta por E. P. Thompson reflete bem essa relação entre o ator social e a estrutura. Thompson (1978) coloca que:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentaram suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura... das mais complexas maneiras... e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada) (THOMPSON, 1978, p. 182).

Então, ultrapassando a perspectiva da migração a partir das dicotomias do rural-urbano, arcaico-moderno, origem-destino, para entender a migração a partir de atores sociais, busco entender as experiências migratórias das mulheres numa perspectiva de gênero. Acredito que, com a inclusão do enfoque de gênero, será possível entender melhor como se deu as diferentes experiências migratórias. Além de identificar como os condicionamentos de gênero influenciaram e definiram as experiências migratórias.

2.1 Um Enfoque de Gênero e as Mulheres nos Estudos de Migração

Nas ciências sociais, gênero é um conceito que se refere à construção social do sexo, originou-se para opor-se a um determinismo biológico entre os sexos, dando-lhe um caráter fundamentalmente social. Joan Scott conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.³ Scott (1990) chama atenção para a necessidade de entender o gênero enquanto relação entre os sexos. O gênero dá significado às distinções entre os sexos, ele “transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais”⁴.

Os estudos de gênero nascem nos anos 1960 no bojo de lutas sociais, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968, como o movimento hippie, revoltas estudantis em Paris, as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA e a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida justa e igualitária, e é na base destes movimentos “libertários” que surge o estudo da problemática de gênero.

O campo de estudo no Brasil sobre relações de gênero surge nas décadas de 1970 e 1980 em torno dos problemas sobre a condição feminina. E exatamente a partir da

³ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.14.

⁴ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. p.28.

década de 1980, os trabalhos sobre a mulher no meio rural ampliaram-se consideravelmente, abordando, especificamente, a problemática do trabalho feminino assalariado, familiar e alguns sobre a participação das mulheres na luta política (PANZUTTI, 2006, p.24).

Segundo Grossi (2010, p.3), os primeiros estudos iniciam-se com a tese defendida por Heleieth Saffioti, no final dos anos 1960, intitulada *A mulher na sociedade de classes*, que tinha como preocupação estudar a opressão da mulher nas sociedades patriarcais. Um livro que influenciou muito esta corrente, ligada ao marxismo, é o de Engels, chamado *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. O autor defende que a mulher foi a primeira propriedade privada do homem, transformando as relações sociais, inicialmente, sob o domínio do matriarcado (poder das mulheres) para o patriarcado, que seria o poder dos homens. Posteriormente, nascem inúmeros estudos preocupados com as mulheres em situação de opressão: de classe e de sexo. Nesta época são realizados estudos sobre operárias, camponesas, empregadas domésticas, entre outras.

No início as questões de gênero eram tratadas a partir de espaços e papéis, de velhos clichês, como homem detentor de espaços públicos e mulheres de espaços privados. Os trabalhos de pesquisa de Sarti (1996), Bourdieu (2003), Fonseca (2004) abordam muito bem essa ideia ao discutirem a representação social dos sexos a partir de espaços e papéis, apresentando o homem como uma figura viril, de autoridade moral e provedor da família e a mulher como mãe devotada e boa dona-de-casa. Essa discussão é válida, mas não é suficiente para entender as novas relações de gênero, em que as mulheres ocupam a posição de chefes de família e, conseqüentemente, é provedora do “lar”.

É possível identificar nas novas relações entre os gêneros negociações e até mesmo inversões de papéis de gênero. As mulheres trabalhadoras enfrentam desafios cotidianos com o acúmulo de atividades, pois além de trabalhar fora do “lar”, quando retornam para casa, ainda tem que assumir as atividades domésticas e a educação dos filhos. Identifiquei essas questões no cotidiano de muitas mulheres migrantes, entrevistadas, como veremos nos próximos capítulos.

Na pesquisa, a maioria das mulheres migrantes entrevistadas, que migraram sozinhas para trabalhar no Rio de Janeiro, tiveram que deixar os filhos, por um determinado tempo, sob os cuidados dos pais e familiares. Quando se estabilizavam no trabalho vinham buscar os filhos em Fagundes para morarem com elas. Em pesquisa no município de Fagundes, Paraíba, Menezes (2002, p.89) ressalta que as mulheres casadas do estado da Paraíba não migravam sozinhas para o corte de cana. Quando

solteiras, elas se deslocam para cidades da região Sudeste para trabalharem, em geral, como empregadas domésticas. Uma vez casadas, ficam em casa ou podem, ocasionalmente, migrar com os maridos.

Acho importante destacar que nos últimos anos pesquisas identificam um expressivo crescimento nos fluxos migratórios de mulheres para outros países e internamente, especificamente as migrações interestaduais. Os autores (Neto & Nazareth, 2010 p.2) discutem o crescimento de migração de mulheres nordestinas em detrimento da migração masculina. Saltando de cerca de mil mulheres que em 1991 migraram a mais do que os homens, para mais de 64 mil mulheres, no ano 2000.

Quais as possíveis explicações para tal crescimento? A autora (Lisboa, 2007) coloca que esse aumento de migração feminina pode ser explicado devido a três fatores: primeiro, a escassez de oportunidades de emprego na cidade de origem; segundo, as mudanças relacionadas à condição feminina e, por último, a uma maior conscientização das mulheres, que não apenas ambicionam uma vida melhor, em termos objetivos, como trabalho e estudos.

É possível concluir que a decisão de migrar envolve muitas questões, estando muito além da simples ação de sair de um local para outro. Homens e mulheres migram impulsionados por inúmeros motivos e situações. Como busca de trabalho, sobrevivência individual e familiar, fins matrimoniais, acompanhar esposo ou membros da família, melhoria de vida, estudo, busca de autonomia, reconhecimento, independência financeira, fuga de situações de exploração, humilhação, opressão, realização de sonhos.

Para os homens, a experiência é considerada por eles e familiares um ritual de passagem para a vida adulta. Para o jovem migrante, sair da casa dos pais e da cidade de origem pode ter o sentido de: conquista de autonomia financeira e de decisões perante a família, responsabilidade e força perante aos outros jovens. O autor Klass Wortmann (1990, p.36) destaca que, para torna-se “homem” é preciso enfrentar o mundo, mesmo entre fortes, e retornar vencedor, que será atestado pelo dinheiro trazido na volta. Podemos concluir que para torna-se “homem” é preciso enfrentar e ganhar o mundo.

Após o bem sucedido desafio de lançar as mulheres no mercado de trabalho, nos deparamos com outro desafio, que é a mulher conciliar trabalho e família. Pergunto: a inserção da mulher no trabalho produtivo deixa muitas mulheres frustrada por deixarem de lado os cuidados com os filhos e atividades de casa? Como as mulheres migrantes conciliam, no cotidiano, suas atividades de casa e trabalho produtivo?

As mulheres migram para trabalhar em quê? Alguns abordam que as mulheres nordestinas migram para cidades próximas ou outros estados na busca de conseguir

empregos não disponíveis na cidade de origem. Ocupando, nas localidades de destino, atividades informais de baixa remuneração, como empregadas domésticas e babás (CHAVES, 2004; LISBOA, 2007; LINDOSO, 2010, MENEZES,2002;). A autora (JACQUET, 2000, p.3) em sua pesquisa, em Fortaleza, constatou que o emprego doméstico constitui a principal atividade profissional exercida pelas jovens do sexo feminino, identificando que 76,2% das migrantes de áreas rurais, entre 13 e 19 anos, do Ceará, se tornam domésticas em Fortaleza. E ainda relata, em seu texto, que a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo sendo precária, possibilita um aprendizado sobre regras de comportamento social, muitas vezes reforçando as probabilidades de um casamento mais vantajoso do que aquele que eventualmente as esperaria em sua área de origem, com um rapaz de família agricultora.

A migração das mulheres de áreas rurais do Ceará para Fortaleza é interpretada como uma “conduta de mobilidade social”, o “indivíduo que deixa seu meio social de origem e migra por uma vontade ou uma perspectiva de ascensão” (JACQUET, 2000, p.5). As mulheres migrantes do município de Fagundes, migraram para Rio de Janeiro movidas por uma perspectiva de ascensão social e econômica? Quais os motivos que trazem estas mulheres de volta a cidade de origem, depois de anos residindo e trabalhando nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco?

Como explicitado ao longo do texto, os motivos que impulsionam a migração das mulheres para outras localidades são vários, desde a busca por ascensão econômica, estudo, profissionalização, conquista de um casamento, sustentar filhos, ajudar aos pais, fuga de situações de violência, opressão, independência pessoal e financeira, dentre outros motivos que vamos conhecer durante o trabalho de pesquisa.

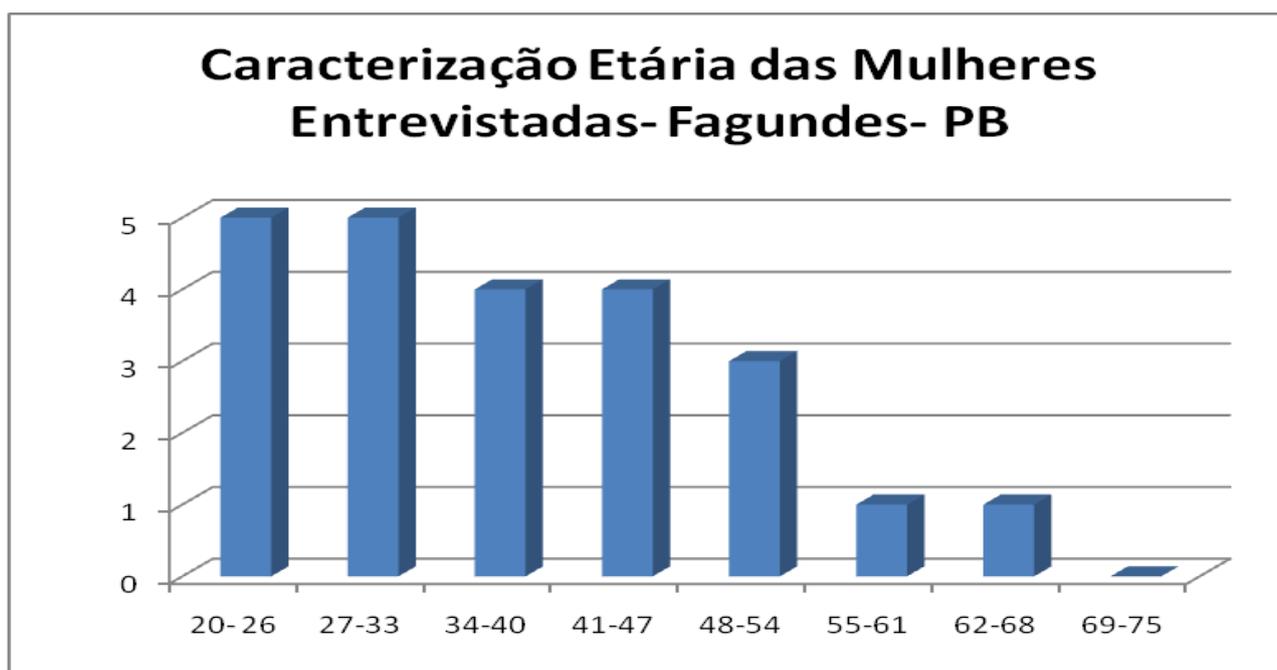
Apresento, no terceiro capítulo, o perfil das mulheres migrantes entrevistadas. Em seguida, os dois tipos de experiência e trajetória migratória: das mulheres migrantes, que migram sozinhas, de maneira independente e as que migram acompanhadas do esposo. Busco analisar as histórias de vida, fazendo um contraponto com aspectos teóricos sobre gênero e migração, dados estatísticos e pesquisas sobre a migração feminina.

CAPÍTULO III

3. Perfil das Marias Migrantes

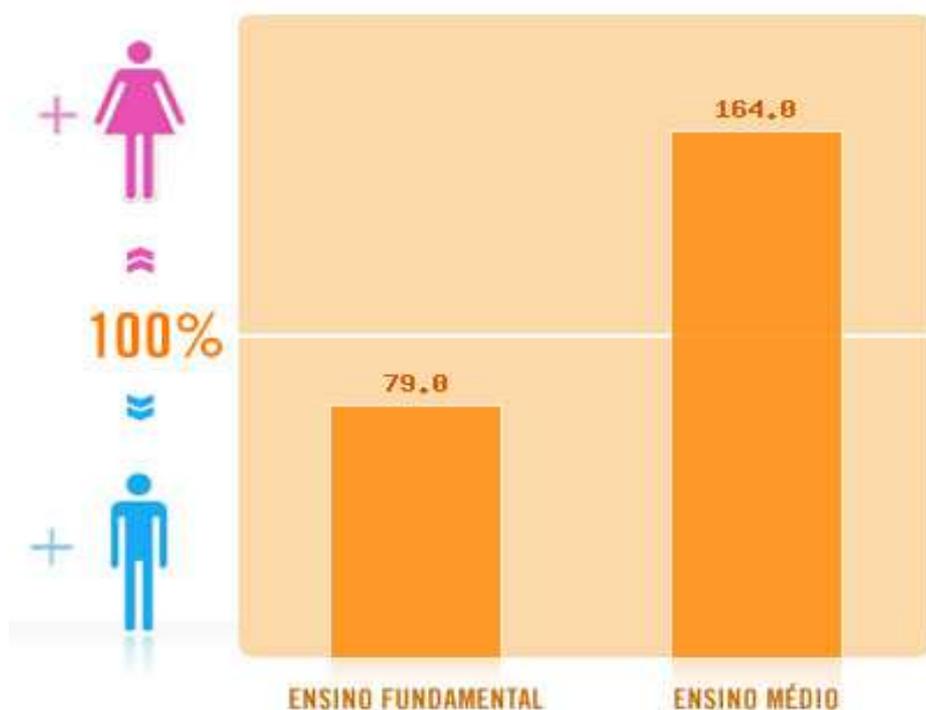
Neste capítulo busco apresentar um pouco do perfil das minhas entrevistadas, no que se refere à idade, escolaridade, estado civil, quantidade de filhos e trajetória migratória. Construí alguns gráficos para melhor visualizar esses perfis. Todas são naturais do município de Fagundes, Paraíba. Encontravam-se na condição de migrante de retorno, moravam em Fagundes no período da pesquisa. Esses gráficos foram construídos com uma amostra de 28 entrevistadas. Os nomes das entrevistadas são fictícios. Escolhi o nome inicial de Maria para todas as migrantes, por dois motivos: primeiro, porque a maioria das entrevistadas tem o primeiro nome de Maria e segundo, fazendo referência a *Maria das Tiras*, livro da literatura de cordel sobre as mulheres migrantes, da autora Maria Ilza Bezerra. A partir daqui, tratarei todas as mulheres migrantes de Maria.

A faixa etária das entrevistas varia de 20 a 75 anos. Existindo um maior número de mulheres com a idade entre 20 e 33 anos. As mulheres migrantes que entrevistei retornaram para o município de Fagundes, ainda jovens e em idade produtiva para o trabalho. Será que no município de Fagundes estas mulheres encontrarão emprego? Veremos essas questões nos capítulos seguintes.



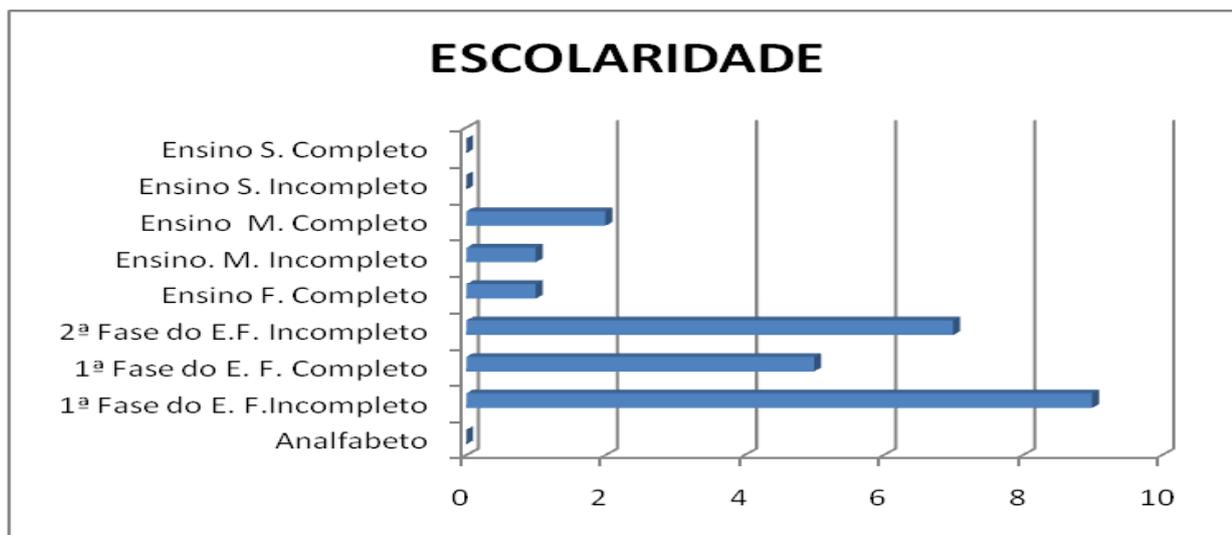
As mulheres que estão na faixa etária entre 62-75 estão aposentadas ou encaminhando para a aposentadoria, como é o caso de Maria Anunciada, 61 anos, passou 20 anos morando no Rio de Janeiro, trabalhando como empregada doméstica. Retornou a cidade de Fagundes há cinco anos, com o objetivo de organizar a aposentadoria, no momento da entrevista ainda aguardava a aposentadoria. Não pensa em voltar a morar no Rio de Janeiro, mas ir apenas a passeio.

Pesquisando sobre o nível de escolaridade entre os sexos, no município de Fagundes, encontrei um gráfico bem interessante que mostra um percentual maior de mulheres que concluíram o ensino médio. O que demonstra uma tendência para uma maior qualificação feminina com relação à masculina.



Fonte: Ministério da Educação. INEP. 2006

Com relação à escolaridade das migrantes entrevistadas, a maioria delas não chegou a concluir a 1ª Fase do Ensino Fundamental, apenas duas concluíram o ensino médio.



Quando pergunto se pretendem voltar a estudar, algumas respondem que sim. Maria do Socorro, separada, 38 anos, conta que:

MS: No dia que eu parar de trabalhar, eu vou estudar. Só num sei quando, né. É porque eu tenho muita vontade de estudar de novo, mas eu chego de sete e meia em casa. Num tem como conciliar a escola com o trabalho. Quando meus menino tive maior. Eu digo a eles que eles estudem agora, porque depois ele para de estudar e eu começo a estudar. Já tentei estudar, mas num consigo porque eu chego muito tarde. O conhecimento que eu tenho hoje mas das coisas, é através de pessoas que eu conheci, pessoas de fora.

As maiorias das mulheres, por diferentes circunstâncias, tiveram que largar os estudos para trabalhar e sustentar os filhos. Logo, os filhos crescidos e encaminhados profissionalmente, retomam os estudos, se profissionalizam na profissão que desejavam há anos. Esse também é um projeto futuro de Maria do Socorro. Essa é uma tendência vivida por muitas mulheres que foram mães jovens. Ela deixa claro em seu relato que a prioridade é a educação dos filhos, depois que eles tiverem encaminhados, ela vai pensar em voltar a estudar.

Ela conta que:

MS: antigamente a gente num tinha incentivo de ir à escola, não. Nem meus pais incentivava. Hoje a gente obriga, manda. Mas antes num obrigava pra ir na escola, não. Se a gente quisesse ir, a gente ia, se não quisesse era a mesma coisa. Ligava não, de jeito nenhum. Logo eles num tiveram estudo, né. Também num estudaram, nem meu pai nem minha mãe. Agora, eu assim, eu num tive estudo, mas já tive muito conhecimento, trabalhei com muita pessoa com estudo. Por isso eu incentivo muito meus filhos estudar, entendeu?

No momento em que ela relatava sobre a sua infância, a mãe dela, Maria do Carmo, chega à sala. Maria do Socorro conta que:

MS: a minha mãe levava a gente tudinho pra o roçado. Com sete anos ela me levava pro roçado e me deu uma enxada. Eu me lembro como se fosse hoje. Pensa que eu esqueci? Isso ela falando com a mãe. Uma enxadinha bem pequenininha e eu saí cavando na frente, e meu pai disse que era pra eu aprender. Eu num sabia, mas era pra aprender. A mãe dela fala: Olhe, criei essa aqui trinca de filhos, sete filhos”. Então, a opção só era essa, ensinar a trabalhar. Então, Graças a Deus o mais novo deu pra beber, sabe. Mas pra fumar maconha e roubar não. A filha responde: “É, mainha, o negócio que eu digo é o seguinte: que todo trabalho é honesto. Mas a gente precisava de estudo. A gente precisava também, e hoje em dia tem que ter. Num tinha carro, num tinha como é que fala, aqueles pau de arara, nem aquilo tinha. No tempo da gente num tinha não. Quando a gente ia pra escola, ia a pé. Tinha que ir só. E quando a gente veio a estudar, as crianças de hoje começa estudar muito cedo, né? A gente quando começou a ir pra escola foi na idade de sete anos. E era muito longe, a gente também num ia todo dia.

Maria do Socorro morava em sítio, as escolas ficavam longe, com difícil acesso, prejudicando a sua ida à escola. Essa foi e ainda é, em algumas regiões, uma realidade vivida por muitas famílias de áreas rurais, especificamente as que moravam e moram em sítios distantes da cidade. Ela ainda relata, com detalhes, acerca do trabalho no roçado. Maria lembra que com sete anos ganhou dos pais uma “enxadinha bem pequenininha”. Ela fala com a mãe “*Pensa que eu esqueci?*”. Senti na fala de Maria do Socorro certo desgosto e mágoa por ter sido levada pelos pais, desde pequena, para trabalhar no roçado e não ter estudado.

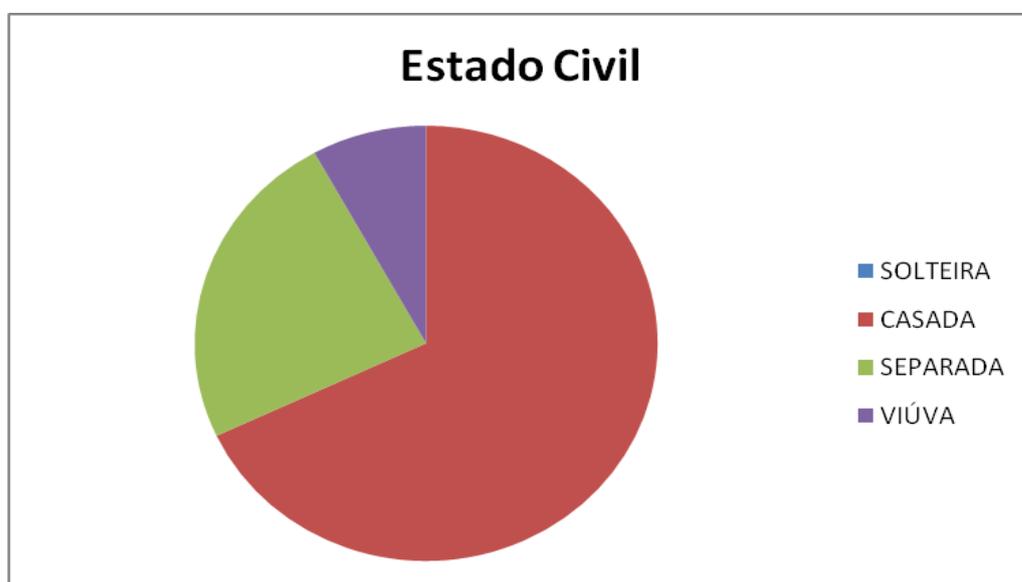
Assim como Maria do Socorro, muitas outras crianças, filhos/as de pais agricultores, eram levadas e educadas, desde pequenas, para o trabalho no roçado. As crianças são introduzidas e socializadas no trabalho familiar camponês desde a infância. A infância é concebida em relação ao trabalho, a ter ou não responsabilidade (Nascimento, 2011, p.48). A autora Kelli Nascimento (2011) em pesquisa de campo com famílias camponesas no Sítio Aningas, localizado no município de Massaranduba, brejo paraibano, identifica muitos casos de crianças realizando atividades domésticas e, especificamente, trabalhando no roçado. Vejamos a fala de uma mãe, ao se referir aos filhos, quando lhe perguntei com que idade eles começaram a ir para o roçado:

[...] as outras foi a partir de 10 anos, mas Natália é muito esperta, começou

com oito anos. O menino homem é pra cavar terra, que é um serviço mais pesado. As meninas, é plantar. A gente (a mulher e as meninas) arranca e os homens trazem para casa. Na minha opinião, a mãe deve começar a ensinar desde criança, para quando crescer, não ficar sem saber fazer nada. A partir de dez anos já dá para ir plantando um milho, uma fava. Quando for aumentando a idade, vai também aumentando o trabalho. A criança pequena não dá para trabalhar, mas com oito anos já pode (M. J 49 anos).

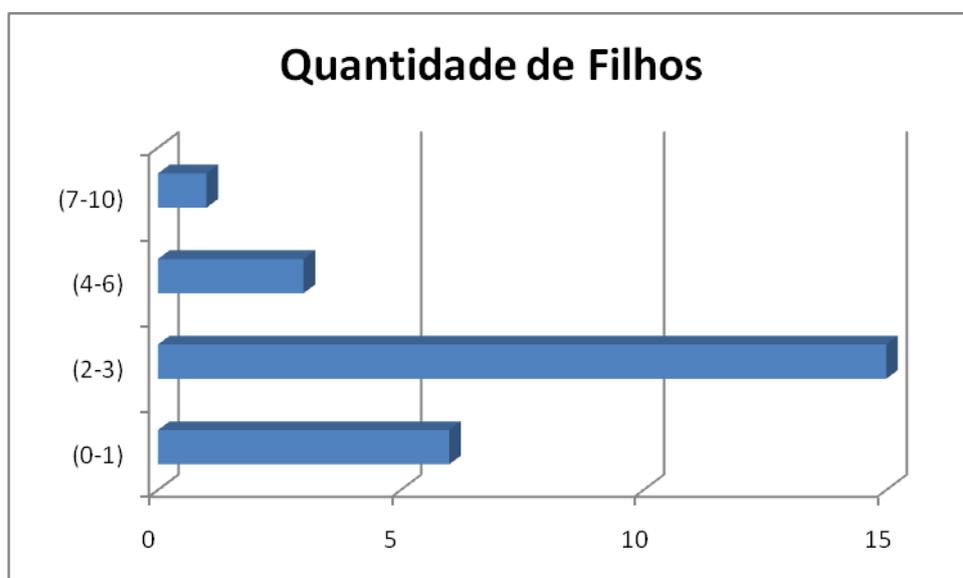
Observa-se que todas as crianças, desde a infância, são socializadas para o trabalho no roçado, e ensinadas pelos pais a realizarem tarefas específicas, de acordo com o gênero. As meninas e mulheres para plantar (serviço leve) e meninos e homens para cavar terra, serviço mais pesado. Entretanto, essa divisão do trabalho, de acordo com o gênero, não acontece em todas as famílias camponesas, identifiquei casos de mulheres migrantes que realizaram, na infância, atividades pesadas, como limpar o mato.

Outro aspecto que me preocupei em quantificar foi o estado civil das migrantes, pois como estou analisando dois tipos de trajetórias migratórias, a migração autônoma (mulheres separadas) e a migração acompanhada (com o marido), esses dados quantificáveis são importantes. Entrevistei mulheres casadas e separadas, todas com filhos. Nenhum delas solteiras, como indica o quadro a seguir:



O número de mulheres migrantes, casadas, é bem maior que das mulheres separadas. Entretanto, existe um expressivo número de mulheres que migraram de maneira independente. Outra peculiaridade na minha pesquisa é que, além de separadas, as “Marias” são chefes de família. Outra informação importante é a quantidade de filhos

por mulher. As mulheres que entrevistei, com idades entre 20-33 anos, têm em média 02-03 filhos. Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, com a divulgação e uso de métodos contraceptivos, ocorre uma queda na taxa de natalidade, ou seja, queda do número de filhos por mulher. No caso das mulheres trabalhadoras e migrantes, penso que um dos motivos por optarem em ter tido poucos filhos, entre 2-3 filhos é por morarem e trabalharem longe da família. Muitas delas relataram a dificuldade em deixar seus filhos sob os cuidados de desconhecidos. Então, além das despesas com babá, as mulheres se preocupam com quem deixar e onde deixar seus filhos para irem para o trabalho. Como veremos no próximo capítulo.



Apresento neste quadro abaixo algumas trajetórias migratórias. Escolhi, das 28 histórias de vida, seis trajetórias migratórias e histórias de vida para análise.

Tabela 2. Idade, estado civil e movimentos migratórios

Nome	Idade	Estado Civil	Idade e ano da primeira migração	Cidade/Estado da Migração	Trabalhou no Rio de Janeiro em que?	Números de migrações	Quant. Anos passou no RJ/ Ano de Retorno
M ^{de} Fátima	68	Separada	25 anos / 1970	RJ	Empregada Doméstica	1	29 nos no RJ anos/2008
M ^{das} Dores	56	Separada	19 anos/1978	RJ	Empregada Doméstica	1	28 anos no RJ /Retornou ano 2010

M ^o do Socorro	38	Separada	23 anos/1999	RJ	Empregada Doméstica	1	4 anos no RJ/Retornou ano2003
M ^a Clara	38	Casada	28 anos/2004	RJ	Serviços Gerais em um Clube	1	4 anos no RJ/ Retornou ano 2008
M ^a Aparecida	62	Casada	12 anos/1964	RJ	Emprega Doméstica/Serviços Gerais	2	18 anos no RJ/ Retorno ano 2007
M ^a Anunciada	61	Separada	41anos/1994	RJ	Empregada Doméstica	1	20 anos no RJ / Retorno ano 2009

Estes casos expostos na tabela não são singulares ou únicos, mas, de certo modo, expressa a diversidade de trajetórias e experiências migratórias das mulheres em contextos rurais. Após apresentar e discutir um pouco sobre o perfil das migrantes discuto no próximo tópico sobre os dois tipos de experiências migratórias, das mulheres casadas, que migraram junto do marido, e das mulheres separadas, que migraram de maneira independente. São dois universos e contextos bem diferentes.

3.1 Da Condição de Mulher que Fica para Migrante

As mulheres aparecem nos estudos migratórios de três maneiras. Como aquela que “fica” na cidade de nascimento, enquanto o esposo migra para trabalhar em outro Estado. A mulher migrante, que migra junto com o cônjuge e a mulher migrante que migra sozinha. Para lembrar, as mulheres nem sempre foram focalizadas nos estudos migratórios. As autoras (CHAVES, 2009; KARIN, NUNES, MATIAS, 2008; LISBOA, 2007) destacam em seus trabalhos que a questão migratória sempre teve o homem como principal protagonista e a mulher no papel de coadjuvante. Entretanto, com a intensa inserção das mulheres no mercado de trabalho e com os novos papéis assumidos pela mulher na sociedade não é mais cabível tratar a participação feminina no processo migratório com tal nível de restrição.

No entanto, identifiquei um caso de mulher migrante que, antes de migrar junto com o esposo, vivenciou a experiência de mulher que fica. E a experiência dela tem aspectos interessantes para entendermos como construiu sua experiência migratória. Por isso, a necessidade de uma breve discussão sobre pesquisas e situações envolvendo a experiência de vida de mulheres que ficam.

A experiência de ficar enquanto o esposo migra para trabalhar em outro estado é

uma situação vivenciada por muitas mulheres, tanto do município de Fagundes como de outras cidades do estado da Paraíba, como veremos.

As mulheres que ficam vivem um cotidiano marcado mais pela ausência do que a presença do esposo. Quando os homens migram para o trabalho no estado do Rio de Janeiro, o período de ausência na família é bem maior, eles permanecem em casa uma ou duas vezes ao ano. Salvo os casos em que os homens trabalham em Pernambuco, em áreas canavieiras de cana-de-açúcar, esses vêm com mais frequência em casa, vêm no sábado e retornam no domingo. A maioria das mulheres que ficam passam a maior parte dos anos sem a presença do esposo. Algumas relatam que chegaram a dar à luz sem a presença do esposo em casa. Elas cuidam e educam os filhos e ainda trabalham no roçado. Ocupam, por um determinado espaço de tempo, o lugar de chefe de família, mesmo que muitas das mulheres não se identifiquem como chefe de família. Muitas mulheres fazem questão de manter, simbolicamente, o lugar do esposo na família, lembrando aos filhos que o pai está trabalhando para mandar dinheiro para casa, a mulher tenta, na medida do possível, estreitar os laços do pai com os filhos.

Como podemos perceber, a migração masculina repercute substancialmente na estrutura familiar, pois a maioria das famílias dos migrantes paraibanos é constituída de mãe e filhos, na maior parte do tempo. São famílias chefiadas por mulheres e da ausência paterna por longo período.

Em pesquisa com famílias de migrantes no município de São José de Piranhas, Paraíba, conheci como era a vida das mulheres que “ficam”, enquanto seus companheiros migram. Pela insuficiência de emprego na cidade, os homens migram para o corte de cana em áreas canavieiras do Estado de São Paulo por volta do mês de abril e maio e retornam em dezembro, passando oito meses ausentes. No período em que os homens estão nas usinas de cana de açúcar, as mulheres convivem com a responsabilidade de cuidar da casa, do roçado e dos filhos. Além da saudade, elas têm que lidar, cotidianamente, com o controle e a vigilância dos familiares e da comunidade.

Dessa forma, Nadi, 48 anos, esposa e mãe de cortador de cana relata:

Não é nada bom ter o esposo e o filho longe de casa, choro muito quando um deles está longe, cheguei a pegar uma depressão, não comia e nem dormia direito, hoje tenho gastrite nervosa de tanta preocupação (entrevista realizada no ano de 2009, município de São José de Piranhas, PB)

Rivani, 33 anos, esposa de cortador de cana, mora no município de São José de

Piranhas, coloca que:

[...] é um pouco difícil e muito grande a responsabilidade que a pessoa fica sozinha, não tem uma companhia certa, num lugar onde minha casa fica um pouco afastada das outras. Eu não durmo em casa, não durmo sozinha com a criança. Toda noite eu tenho que sair daqui descer para casa de minha sogra, dorme lá, no outro dia voltar cedinho, o dia em casa e a noite volto pra lá os sete meses.

Pergunto se ela trabalha no roçado, ela diz que: “*sim, no período da manhã, às vezes quando eu vou, é mais ele. Outras vezes, quando ele tá em São Paulo, o serviço é mais maneiro, catar feijão ou fava, eu chamo uma pessoa vizinha, aí vai comigo*”.

Concordo com os autores (SILVA e MENEZES, 2010) quando falam que as mulheres são sujeitos ativos na trama das migrações dos homens, uma vez que, tanto ao “ficar” como ao “sair”, ela assume papéis e funções complementares as dos homens, favorecendo, assim, a reprodução e ampliação do patrimônio familiar (SILVA e MENEZES, 2010, p.288). No entanto, discordo e acrescento, colocando que em muitos casos as mulheres não assumem papéis e funções complementares as dos homens, elas assumem, na verdade, na ausência dos homens, papéis e funções tanto masculinas como femininas.

Mesmo o homem enviando dinheiro todo mês para as despesas da casa, a considero também provedora da família, pois contribui com a renda da família junto com o homem. Muitas mulheres, na ausência do marido, trabalham no roçado, plantam e colhem alimentos como feijão, arroz, milho, verduras e frutas. O que elas colhem, uma parte, usam na alimentação e a outra vendem; algumas possuem a liberdade de vender os produtos colhidos no roçado. Em outros, os maridos não autorizam a venda, então, elas esperam o retorno destes, e eles vendem ou não o que foi colhido do roçado. Além disso, a mulher que fica assume a educação dos filhos, é ela quem educa e dar as ordens na casa. Ela assume a maior parte do tempo o lugar da autoridade na família, papel muitas vezes representado, na família, pelo homem.

A maioria das mulheres sente muita saudade de seus companheiros e reclamam da responsabilidade que assumem no período em que eles estão “fora de casa”, em São Paulo. A autora Marília Lucas (2013) em pesquisa com mulheres que ficam, no município Tavares, Paraíba, coloca que é notório nas entrevistas o pesar que a partida dos homens, seja marido, filho, causa nas mulheres. Como conta Dona Têta: “*A partida é dura. É muito*

ruim. Pra mim, toda vez que ele vai é como se fosse a primeira vez” (entrevista realizada por Marília, município Tavares, Paraíba, 2013). Assim,

Há, nas mulheres, um misto de medo, dor, revolta e sentimento de impotência diante da *migração permanentemente temporária* masculina, como se fosse algo inevitável. A migração dos homens *pras canas* não agrada a quase nenhuma delas, principalmente pelo longo *tempo de ausência* que se sentem *obrigadas* a viver. Não aceitam as saídas deles com tranquilidade e resistem, muitas vezes, em assumir o papel (ou os papéis) dos homens (LUCAS, 2013, p. 65).

Mesmo elas relatando tamanho sofrimento pela migração de seus conjugues, e não deixando escapar, nos relatos, sentimentos diferentes dos apresentados, olhando o contexto, penso que muitas mulheres utilizam a migração dos homens como estratégia para conseguir certa autonomia e liberdade, tanto na família, como pessoal, o que é mais difícil quando eles estão presentes. No período de ausência dos homens, elas possuem liberdade para administrar a renda, ou seja, o dinheiro que eles mandam, mesmo que elas tenham que informar aos maridos sobre os gastos do mês, será que elas não omitem alguma despesa em vantagem própria? Quem não se lembra de alguns ditados femininos, acompanhados de risos que dizem “adoro quando meu marido viaja” ou “quando ele não tá em casa”. Claro, que dificilmente as mulheres fariam isso, pois a maioria delas temem muito fofocas que denigram a imagem delas, de esposa e mãe de família, mas algumas deixam escapar a frase “tô acostumada com ele viajando”. Prefiro não pensá-las como vítimas ou impotentes diante da migração masculina, pois tem muita coisa “não dita” nos relatos das mulheres que ficam, que precisa ser pesquisado.

A próxima entrevista foi realizada por Marilda Menezes, ano 2000, no município de Fagundes, Paraíba. A entrevistada relata um pouco sobre seus dias quando o esposo migra.

M- Ô dona Joana, e quando seu Antônio estava viajando, trabalhando fora? A senhora sente muita diferença, assim... da comunidade, assim...

J - Sentia. Sentia porque fazia falta em casa, né? Porque de noite, assim, é esquisito, né? Tem os meninos tudinho, mas...falta o cabeça da casa, né?

E - E a vizinhança?

M - A vizinhança, o que é que achava, assim, quando ele não estava em casa?

J - Oxente! Quando eu saia os vizinhos: "Mas essa mulher sai!" Eu digo, só pode, se ele não tá em casa, né? Quem tinha que fazer era eu.

M - E a vizinhança, o que é que acha?

J - A vizinhança fica olhando, mas... num tô fazendo nada à toa, né não? Fazendo o que preciso e posso. Tinha um velho que ali, perto d'eu que às vezes... a menina era pequena, Antônio não tava em casa, vai, falta uma coisa, eu vou comprar. Eu ia, depois vai e falta outro negócio. Eu tinha muito problema para resolver! Aí o velho disse: "Mas a senhora já anda!". [...] minha direção, o senhor o que é que tem que ver com a minha vida?", né não? Porque a mulher dele era presa, a mulher dele só se ela tivesse na porta e aparecesse, ela corria lá para dentro. Não ficava na varanda... não era um carnaval mesmo, né? Uma coisa que num, eu sempre... por isso que eu ainda tô mais ele! Porque nem ele tem ciúme d'eu nem eu dele. Que eu não gosto [...] (Entrevista realizada no município de Fagundes, sítio açude velho, 2000).

Nos relatos acima, conseguimos perceber como a migração masculina repercute na vida da família e, especificamente, na das mulheres que ficam, que além de assumirem atividades domésticas, cuidados e educação dos filhos, lidam no cotidiano com o controle e vigilância familiar e comunitária, não só do local que frequentam, mas do que fazem, que, implicitamente, está relacionado à sexualidade da mulher, se é fiel ao esposo e “guarda” a honra do marido e da família. Como mostra o relato de Alaíde, 30 anos, esposa do cortador de cana, José, sítio Catolezinho: *“é uma vida de prisão a de esposa de cortador, somos apontadas na rua como ladrão, o povo fala: ‘lá vem a mulher do cortador de cana, o marido trabalhando e ela passeando’* (Entrevista realizada no ano de 2009, município de São José de Piranhas, PB).

No relato de Alaíde é possível perceber todo o universo de controle e vigilância social imposto à mulher no período de ausência do esposo. Esse controle, além de social, é também familiar, os familiares ficam de olho no comportamento da mulher, se ela vai para a rua, festas, com quem conversa, dentre outras situações que são observadas pela comunidade, vizinhos e familiares. Ela compara a vida dela a um espaço de prisão, por se sentir presa e vigiada a todo o momento.

Os elementos de controle e de vigilância também foram identificados pelos autores Silva & Menezes (2010) em pesquisa no município de Tavares, Paraíba.

Além, da responsabilidade pela casa e roçado as mulheres que ficam enfrentam também a solidão, o isolamento. Por não disporem da companhia dos seus esposos, não podem frequentar determinados espaços, a exemplo das festas, sob a pena de terem sua reputação colocada em risco. Há sempre o perigo da fofoca, instrumento de controle e pelo qual a mulher é vigiada e controlada socialmente (SILVA &

Portanto, as mulheres que ficam, mesmo não sendo sujeitos ativos no processo migratório, vivenciam junto com os seus companheiros as etapas da migração. Desde a decisão de migrar, ou não, naquele ano, que é decidido junto com a mulher, até os aspectos presentes nos períodos de presença e ausência na família, como sentimentos, atividades e responsabilidades. O processo migratório é uma experiência do esposo que repercute na vida das mulheres e filhos, ou seja, da família como um todo. Falarei, no próximo tópico, sobre a história de vida de Maria Clara, que viveu a experiência de mulher que fica.

Mulher que Fica

A história de vida de Maria Clara, 38 anos, foi marcada por duas experiências: de mulher que fica e como migrante, que, conseqüentemente, repercutiu muito no que ela é hoje e no lugar em que ocupa na família como mulher, profissional, mãe e esposa. Maria Clara é filha de agricultores. Seu pai, Sebastião, além de agricultor, era migrante, migrava para o corte de cana em usinas de cana no Pernambuco e sua mãe, Maria da Guia, nunca migrou, ficava com os filhos em Fagundes. Maria Clara cresceu em um contexto familiar em que o pai migrava sempre para áreas canavieiras do estado de Pernambuco, passando a maior parte do tempo ausente, ela ficava em casa com a mãe e os oito irmãos. Maria Clara relata que teve uma infância e adolescência sofrida e muito “presa”.

Maria Clara passou a infância e adolescência sob os cuidados, controle e vigília do pai. Relata que dependia do pai para tudo, pois o pai não a deixava trabalhar e nem sair para lugar algum. Proibi-la de trabalhar era uma estratégia de mantê-la sob seu controle, ela ficava em casa sob os olhos do pai, mãe e irmãos. Quando casada, o controle, cuidado e vigilância passaram para outra figura masculina, que não era mais o pai, mas sim, seu esposo. Os elementos de controle e vigilância são estratégias usadas pelos homens e familiares para controlar, principalmente, a sexualidade feminina, evitando, assim, relações sexuais antes do casamento e fora do casamento, pois estas situações ‘manchariam’ a honra da família e, especificamente, a do homem, caso ele fosse casado. Como destaca Silva (2001),

A ameaça à honra masculina adviria, por conseguinte, do perigo constante que a fertilidade e, sobretudo a sexualidade feminina representam para a

família e, em particular, para o homem. Este, seja pai ou irmão, deverá proteger e mesmo vigiar constantemente a mulher- esposa ou filha/irmã- na medida em que ela pode, a todo o momento, torna-se 'vítima da sua sexualidade' e 'manchar' respectivamente pelo adultério ou pela perda da virgindade a honra e o 'bom nome' da casa (SILVA, 2001, p. 3).

Quando pergunto sobre como era a vida de Maria Clara quando o esposo migrava e ela ficava, ela responde:

MC: Meu marido sempre foi, desde quando a gente se casou, ele só vivia lá.

J: Quando namoravam, ele migrava?

MC: Ele já migrava pra Pernambuco.

J: Você sabe o ano?

MC: Era em 87, por aí.

J: Ele ia de ônibus ou pau de arara?

MC: Pau de arara. Ele ia em caminhão, igual bicho. Ele tinha 18 anos.

J: Ele passava muito tempo?

MC: Era quinze dias. Vinha, passava o final de semana, e no domingo voltava de novo. Quando casei, ele ia ainda para Pernambuco, quando o meu menino nasceu, em 91, ele começou a ir pra o Rio.

J: Você achou melhor ou pior?

MC: Pior né, porque ele passava muito tempo. A primeira vez que ele foi, o meu menino estava com dois meses de nascido, quando ele veio, o menino tava com um ano e pouco, o menino nem quis saber dele. Porque ele só ficava comigo, era um estranho pra ele. Passou um mês e voltou de novo. Passava mais um ano e passava assim, até que eu fui passar quatro anos lá. Ele era um pai muito ausente, depois que eu fui pra lá, passei quatro ano lá, aí ele ficou perto do pai. Ficava mais lá do que aqui, passava um mês aqui e passava um ano e seis meses lá.

J: Ele migrava pra trabalho em que?

MC: Em obra.

Os homens migram ainda bem jovens, como é o caso de Antonio, esposo de Maria Clara. É comum também homens migrarem para juntar dinheiro para o casamento e as namoradas e noivas ficarem na cidade esperando os futuros esposos. Maria Clara conviveu, desde o namoro, com a ausência do companheiro. No casamento, se

intensificou, pois o tempo de permanência em casa era apenas de um mês. Maria Clara fala de um aspecto muito importante, que é a relação pai e filho, como fica essa relação? Como relata Maria Clara, o filho, com um ano, nem conhecia o pai e nem quis saber dele. Penso que não é possível estabelecer laços afetivos com alguém que vimos apenas um mês, a cada um ano e meio. Observo nos relatos que a mulher que fica tem o cuidado de lembrar aos filhos que o pai está trabalhando para manter a casa. Mesmo o marido não estando fisicamente presente, o lugar de provedor, prestígio e autoridade se mantém e é lembrado pela mulher aos filhos. Assim, pergunto a Maria Clara: como é para você ficar com os filhos, tendo o marido de migrar para trabalhar tão longe?

MC: É um sufoco, a gente fica porque é o jeito, nem toda mulher aceita, quando o marido diz 'eu vou', elas dizem 'eu vou também', né? Eu conheço muita gente que num fica não, o marido vai, com três meses já tão lá. Já eu não, tinha muita paciência, eu ficava, sabe. Eu tinha medo de outra cidade, agora eu não tenho medo mais não. No dia que eu disser que eu vou, eu vou mesmo, eu era assim, sabe, como é? Submissa, sabe? Se o marido dissesse 'num vá, não', eu num ia, agora não, ele já sabe, se eu disser que vou eu, vou mesmo. O que mudou também é de eu falar também que eu tinha medo, eu tinha medo de ir em Campina, num era acostumada, só vivia dentro de casa. Não saía de casa pra nada. Olha, se eu fosse em Campina, ficava assim de coração apertado, sabe? Como eu vou atravessar aquela rua cheia de carro, sabe? Ficava só dentro de casa, o lugar que eu saía, era pra igreja, só, mais nada. Não ia na casa de uma amiga, porque minha mãe não deixava. Acho que minha mãe criou a gente como ela foi criada, né?

Maria Clara teve uma infância e adolescência muito “presa”, o pai não a deixava sair para lugar algum. É como um pássaro preso em uma gaiola, que quando é solto, mal sabe voar e fica perdido no meio do horizonte. Era bem assim o comportamento de Maria Clara, ela tinha medo de falar, de andar nas ruas e não viajava sozinha de maneira alguma, tinha medo de tudo. Quando casou, continuou em casa, e da mesma forma que obedecia aos pais, obedecia e aceitava tudo o que o marido propunha, até que um dia mudou de pensamento, como veremos. Ela teve uma educação pautada na obediência e aceitação. Ela continua contando:

MC: Meu marido só vivia no meio do mundo.

J: Você morava perto da sua mãe?

MC: Morava, acho que o bom era isso, que a pessoa nunca tá sozinha de uma vez, né?

J: Todo mês ele mandava uma quantia em dinheiro?

MC: Mandava.

J: Como era que se comunicavam?

MC: *Antigamente, era por carta, né? Era mais ruim ainda, num era telefone, que a pessoa liga, rapidinho a pessoa tá conversando com a pessoa.*

J: Demora muito?

MC: *Passava quinze dias pra chegar a resposta (risos...). Quando ele num mandava a carta, já ficava desesperada, pensando que tinha acontecido alguma coisa, demora muito. Meu menino hoje gosta do pai, mas num é apegado, ele gosta do pai, mas num é aquele filho apegado, já menina é mais. Quando ela nasceu, ele já estava em casa, ele passou um ano e meio em casa também, aí ela ficou muito apegada a ele. Quando ele viajava e ficava agoniado por causa da menina. Quando ele viajava, ela adoecia, aí quando ele ligava, ela melhorava, porque estava ouvindo a voz dele. Quando ela adoecia, a febre dela num baixava enquanto ele num ligava, eu chorava muito.*

Como vimos acima, a presença familiar e as relações de parentesco são de grande ajuda no período de ausência do esposo, tanto para uma possível ajuda financeira, caso necessite, como também para dar um suporte afetivo, pois a maioria das mulheres que ficam se sentem muito sozinhas. Como Maria Clara mesmo relata, nunca se sentia sozinha porque a mãe mora próximo a ela. Outro aspecto analisado, é que a migração masculina não afeta apenas a relação mulher e homem, mas também a relação pai e filho. Como fica a criação dos filhos com a ausência do esposo? Cabe a mulher a responsabilidade da educação dos filhos. Por elas estarem à maior parte do tempo com os filhos em casa, os laços afetivos entre mãe e filho acabam sendo bem mais fortes. Tanto que Maria Clara fala que “*até hoje, tudo que eles querem é comigo. Eles nem fala, nem com o pai o que eles querem, o negócio deles é comigo. Tudo, tudo é eu*”. Já a filha, que conviveu mais com o pai, construiu uma relação de afetividade tão forte com o pai, que adoecia todas as vezes que o pai migrava.

No entanto, observo que mesmo os homens não estando presente em casa, sendo o período de ausência bem maior que o de presença, quando retornam para casa, os filhos, mesmo não tendo laços afetivos com o pai, o respeitam e o obedecem. A relação de obediência e respeito entre pai e filho é alimentada pela mulher que ‘fica’, que sempre lembra aos filhos que o pai está trabalhando e voltará para casa. Então, a mulher que ‘fica’ preserva o lugar do homem como provedor, de autoridade e prestígio na família.

E a relação com o esposo como fica diante de tantas idas e vindas e com tanto tempo de ausência?

J: A relação com seu marido mudou devido ele ficar indo e voltando?

MC: É, mudou. A gente muda, né, um pouco. Tem sempre umas coisinhas que muda. E muito tempo que fica longe do marido né? É, e tem muito inveja, tem uns que falam uma coisa, outros, aí a gente tem que fingir de moca, surda, que num tá escutando. Falam, ele tem outra lá, essas coisas, né? Ninguém acredita, né? A gente finge que acredita. A gente num vai ser besta de acreditar, confiar só em Deus, né? Porque eu mesmo só acredito em Deus, o ser humano é meio difícil, né? Sempre me virei sozinha, esses negócios de doença.

J: Sentia saudade de seu esposo?

MC: Sentia, agora tá mais fácil porque todo final de semana ele tá em casa. É diferente, me liga durante a semana, né? Já é diferente. A relação muda, né?

J: Muito tempo distante esfria a relação?

MC: Esfria e dar muita dúvida e as pessoas ajuda a botar mais fogo na fogueira. Agora aqui até que tá melhor, né? Porque antigamente era ruim. Os homens tinham que ir mesmo, porque era o jeito. Agora, eu falo pra ele: 'se você for, é porque você quer'. Falei mesmo. Agora eu já não vou sentir as mesmas coisas que eu sentia antes, porque eu sabia que ele tinha que ir porque era obrigado. Mas ele num tem vontade de ir, não.

Como relatado acima, a migração afeta a relação entre a mulher e o homem, tanto que existem casos em que as relações não suportam a distância e acabam. Existem casos em que o homem arruma outra mulher nos locais para onde migra. Maria Clara conta que as fofocas rolam soltas sobre histórias de traição, mas ela finge de surda para não estimular mais fofoca. Ela deixa subentendido que não acredita que o esposo seja fiel, diz: “*a gente num vai ser besta de acreditar. Confiar, só em Deus*”. No entanto, para manter o casamento, fica na dela e finge acreditar na fidelidade do esposo. Acredito que existem muitas mulheres que ficam e que agem dessa maneira para manter o casamento. E ainda, aquelas que se dizem “conformadas” com os esposos ausentes da família. Algumas cresceram vendo seus pais e irmãos tendo que migrar para outras cidades, ficando as mulheres na cidade de nascimento.

Voltando, então, após anos ficando na cidade de Fagundes e o esposo migrando para o Rio de Janeiro, Maria Clara decidiu migrar junto com o esposo para o Rio.

J: Quem tomou a iniciativa de você migrar, você ou seu esposo?

MC: Eu

J: Mas ele queria que você fosse?

MC: Ele queria, mas num tinha muita vontade de ir, não. Mas pra eu

desafiar ele, eu fui. Quando você cria coragem, eu achava que o Rio de Janeiro era um bicho de sete cabeça.

A decisão de migrar demonstra a sua luta por autonomia e emancipação do lugar de submissão e aceitação em relação ao esposo. Se ela diz que migrou para desafiar o esposo, penso que, na verdade, ele não queria migrar junto com ela. Acho que ele nunca imaginou que depois de anos na condição de mulher que 'fica', ela ia querer migrar com ele. Na maioria dos casos, a mulher quer migrar com o esposo, mas ele não quer que ela migre, prefere deixá-las em casa, com os filhos.

Mulher Migrante

Separei esse tópico para uma melhor visualização e compreensão dessas duas experiências, de mulher que fica e migrante. E, também, para percebemos as mudanças no que se refere ao discurso de Maria Clara, antes da migração e depois da migração. Ocorrem mudanças significativas de comportamento e de relações entre os gêneros na família. Como mostro a seguir:

J: Pergunto, conseguiu o emprego rápido?

MC: Não, ainda passei um ano lá.

J: Nesse período de um ano você estava procurando trabalho?

MC: Tava, mas como eu não tinha muito conhecimento, era difícil.

J: Nessa época seus irmãos estavam lá?

MC: Só um irmão. Mas assim, você tem medo de sair sozinha, você num conhece o lugar e o marido saía de manhã e chegava de noite, num tinha como levar você pra lá, aí foi através de uma cunhada minha que conseguiu o emprego pra mim. Mas também, a partir desse aí, perdi o medo”.

J: Morava onde no Rio?

MC: Rio das Pedras. Morei três anos lá, pagando aluguel. Aí um ano depois conseguimos comprar um cantinho pra gente, aí depois disso, viemos embora.

J: Trabalhava em casa de família?

MC: Trabalhava lá em casa de família não, consegui num clube. No clube onde grava a malhação, num sei se grava mais, mais gravava malhação. Trabalhava lá na limpeza, de terça a domingo.

J: Era o dia inteiro?

MC: O dia todo.

J: O seu esposo fazia alguma objeção de você trabalhar?

MC: Não, assim que eu cheguei lá, ele perguntou: 'você quer trabalhar?' Eu disse: 'Quero'. Mas meu filho era pequeno, tinha 4 anos, aí eu deixava com uma pessoa. Pra mim, foi mais difícil. Achei difícil, porque eu num era acostumada a deixar ele com ninguém.

J: Deixava com quem?

MC: Com minha cunhada.

J: O que mais te motivou a ir para o Rio de Janeiro?

MC: Acho que foi pra eu ter um dinheiro, pra não só depender do marido, porque você passa a vida toda dependendo do pai, aí a vida já era muito difícil, você depender do pai para comprar uma coisinha boba, né? É horrível, e meu pai nem deixava eu trabalhar fora.

Aqui, a migração feminina aparece como possibilidade de emprego. E o emprego, como conquista de autonomia. Ela passou a vida toda dependente de uma figura masculina. Na infância e adolescência do pai, e uma parte da vida adulta do esposo. Veja a relação de submissão que ela vivia com relação ao do pai. Ela diz: “eu era boba, se o meu pai falasse não, eu nem pedia mais. Já minhas irmãs diziam: “eu vou e pronto”. Já eu não, já era mais obediente, tinha medo até de falar”.

J: E quando estava no Rio de Janeiro gostava de morar e trabalhar lá?

MC: Adorei, foi assim como se você tivesse sido escrava e daqui a pouco você tivesse sido liberta, sabe? Como se fosse uma pessoa livre. Eu me sentia, eu adorei, foi assim a melhor época que eu achei. Porque eu tinha o meu dinheiro todo final do mês, né? Ajudava ele a comprar as coisas que precisava.

A partir da narrativa de Maria Clara é possível dizer que a migração e a renda favorecida pelo trabalho permitiram uma libertação de um estado ou condição. Maria Clara se sente liberta da condição de dependência e submissão que estava em relação ao marido, antes tudo que precisava tinha que pedir ao esposo. Agora, com o salário, não depende do esposo financeiramente, pois tem sua própria renda. Concordo com a autora Aranha (2003) quando ela fala que é possível compreender o trabalho como um instrumento de libertação. Ela diz que:

À medida que o trabalho muda o jeito de ser, de pensar e de agir de

cada ser humano e de cada cultura, torna-se condição de humanização e instrumento de liberdade, porque é pelo trabalho que o homem viabiliza a realização de seus projetos (desejos) no mundo, ao mesmo tempo em que se torna propriamente humano (ARANHA, 2003, p.23).

Ela continua relatando:

J: Você trabalhava na agricultura nessa época?

MC: *Trabalhava na agricultura. Agora, agora não, de vez em quando eu vou na roça, mas não é a mesma coisa, você vai lá plantar, só ajudar a plantar e colher, só. Então, é como se a pessoa se sentisse liberta, né? É, e até eu tinha uma dificuldade de conversar, eu num conversava não, ficava calada, a pessoa perguntava e eu hum, tinha vergonha de falar, agora não, falo até demais. Porque a pessoa só fica dentro de casa, cuidado de casa e de menino. Agora, eu mal acho tempo de cuidar da casa.*

J: Por que voltaram para Fagundes após quatro anos morando lá, tendo casa própria, emprego?

MC: *Ele depois disse: “vamos embora,” num sei que, porque o meu pai é velhinho, o pai dele era bem velhinho já e a mãe dele também, o pai dele já morreu. Aí ele queria vim, se ele num tivesse vindo e o pai tivesse morrido, ele num ia ver. Ele chegou, com pouco tempo o pai dele morreu. Aí depois a gente veio, ele já foi, foi várias vezes, só que agora ele num consegue ficar mais muito tempo, ele vai, no máximo que ele passa é seis meses, aí volta. Faz só seis meses que ele tá aqui. Pedi muito a Deus pra que ele pudesse arrumar um emprego por aqui (risos). Eu num tava querendo voltar pro Rio não, porque se eu fosse, eu ia demorar a voltar aqui. Agora ele trabalha aqui perto, trabalha em Boa Vista agora, em construção também, só que toda sexta ele vem, passa o final de semana e na segunda ele volta. Fiz o curso de costureira no Senai e agora eu costuro em casa, né? Eu costuro em casa mesmo, apareceu oportunidade de eu trabalhar em Campina, mas eu me acostumei já em casa, eu fiquei em casa mesmo, sempre aparece costura mesmo.*

J: Como surgiu a ideia de você fazer o curso de corte e costura?

MC: *Porque a um tempão que a gente luta para implantar uma cooperativa. Aí no trabalho nessa cooperativa, começou a surgir cursos, aí todos os cursos que tem, elas me chamam, tem um curso lá no Senai, aí ela corria lá e eu procurava e eu fui lá, aí comecei, eu fiz dois já de costura, eu fiz o de lingerie e fiz o de corte e costura*

J: Faz quantos anos que tá trabalhando com costura?

MC: *Um ano mais ou menos.*

J: Você tá feliz porque voltou a trabalhar?

MC: *É, eu estou. É bom, né, a gente ter o trocado da gente.*

J: *Então, faz já quanto tempo que você voltou do Rio?*

MC: Faz uns 10 anos. Eu ficava sempre nessa cooperativa, nessa cooperativa fazia macramê, varal de rede. Fazia só isso.

J: Você sempre teve uma vida ativa né?

MC: Isso. Sempre eu gostei de me mexer, agora isso tudo foi desde quando voltei do Rio, porque antes eu num fazia nada.

J: Você ainda trabalha no roçado?

MC: sim, no período da manhã, às vezes, quando eu vou, é mais ele. Outras vezes quando ele tá em São Paulo, o serviço é mais maneiro, catar feijão ou fava, eu chamo uma pessoa vizinha, aí vai comigo.

Mesmo trabalhando, tendo agora uma profissão de costureira, ainda continua com seu roçado. O que demonstra uma forte ligação com a terra e um gosto pelo trabalho no roçado. Conclui esse tópico afirmando que a experiência de Maria Clara como migrante trouxe mudanças significativas em sua vida pessoal e familiar. A relação dela com o trabalho a libertou da condição de “pedinte” e a transformou em uma mulher forte, profissional e decidida, saindo da condição de submissa e dependente que a aprisionava. A história de vida de Maria Clara me lembra o verso de Maria Ilza Bezerra de *Marias das Tiras* em uma das estrofes ela diz: “*Eu quero ter o meu espaço e conquistar o universo!*”. Ela fala exatamente da busca da mulher migrante pela autonomia para conquistar o que deseja. Falarei mais da história de vida de Maria Clara no capítulo V.

3.2 Migração com o Cônjuge

Como exposto, mergulhei nas histórias de infância, adolescência, casamento, separação, dentre outros aspectos da vida das mulheres. Essas experiências de vida trouxeram elementos importantes para compreender como ocorreu a migração. Agora, falarei da migração junto com o conjugue. A próxima história de vida é de Maria Aparecida.

Maria Aparecida, 62 anos, casada. Maria migrou a primeira vez acompanhada do esposo. Ela tinha 12 anos, ano 1964. Teve treze filhos, criou apenas cinco, os outros oito morreram. Perguntando sobre sua família e infância, Maria Aparecida conta que seus pais eram agricultores e nunca migraram. Ela perdeu seu pai com dois anos de idade, sua mãe casou novamente, e ela tem quatro irmãos. Ela relata que:

MA: quem vivia mais batendo de perna pelo meio do mundo era eu e esse

meu irmão. As outras duas meninas, era sempre mais aqui na agricultura. Era eu e meu irmão que era sempre ambulante.

J: Qual o nome de seu irmão?

MA: Meu irmão é Acácio.

J: Mora aqui?

MA: Mora aqui na cidade mesmo.

J: Acácio migrava para o Rio de Janeiro?

MA: Era. Lá a gente tinha mais vida, no Rio de Janeiro, que aqui num dava pra viver, não.

J: Ele parou de migrar?

MA: Parou, parou. Agora ele, a gente se encontra muito dos outros aqui mesmo.

J: A senhora migrou a primeira vez com quantos anos para o Rio de Janeiro?

MA: Eu tava com 12 anos. Tive minha primeira filha no Rio de Janeiro.

J: Migrou com quem?

MA: Com meu marido.

J: Casou com quantos anos?

MA: Saí da casa da minha mãe, fui morar mai meu marido que é o pai delas, eu tava com 12 anos. Até hoje. Vai fazer 40 ano agora no mês de dezembro que a gente samo casado. Vai fazer 40. Nunca troquei de marido, nunca tive o que dizer dele. A única coisa que ele tem de dizer de mim é que eu sou sempre bruta, um pouquinho. Mas esse negócio, isso de quebra cabeça, de arrumar na rua, não existia. Eu também sempre dizia: “tu cuidado na tua vida e cuidado, e cuidado”, e até hoje. É Deus no céu e ele pra mim na terra. Ele me tirou de dentro de casa. E fui me embora mais ele. Eu passei uns 15 dias sem ir na casa da minha mãe, com medo. Com medo dela me bater. Eu com medo, era muito criança. E com uns 15 dias eu pedi pra voltar pra casa dela.

J: Ele é mais velho que a senhora?

MA: Sim, cinco anos. É. Aí eu pedi, que tava com saudade de minha mãe, e via a casinha dela, ela me via quando eu saí de dentro de casa. Mas era tudo mais de porta fechada do que de porta aberta, pra gente receber do jeito que recebe hoje as pessoas, né? Tive medo de apanhar do meu irmão também, que ainda hoje eu considero ele como um pai. Como um pai que criou a gente também, quando o meu padrasto caçava, trabalha e num arrumava, ia se embora para o Rio, meu irmão que era responsável pela gente. E a gente tinha medo, tinha medo. Aí quando eu passei esses tempo, aí eu falei a gente vai fazer o seguinte, eu sempre fui uma pessoa trabalhadeira, sempre fui no cabo da foice, na enxada, eu brocava mato, eu campinava mato, eu fazia roçado. Desde essa idade. Trabalhei muito

pra dar de cumê ao meus 3 irmão. Trabalhei muito no roçado, pra dar de cumê ao meus 3 irmão. Eu era o rei e a rainha ali pra trabalhar e botar dentro de casa, minha mãe tinha medo de me perder.

O casamento fugido era uma prática comum em muitas comunidades camponesas. Geralmente acontecia o rapto da moça quando era um casamento proibido pelos pais com determinado rapaz. O casamento por rapto demonstra todo um universo de poder e dominação sobre a mulher, a mulher era vista como propriedade do pai e dos irmãos. Com o casamento, acontecia a transferência de poder e dominação para o esposo.

Algumas obras discutem a temática do casamento por rapto como *Fuga de Três Vozes* (1991), dos autores Klass Woortmann e Ellen F. Woortmann, e *La historia del matrimonio humano* (1891), do autor Edward Alexander Westermarck. Na obra *Fuga de três vozes*, os autores analisam o sentido da fuga, fenômeno bastante frequente entre vários grupos camponeses: “Entre os camponeses o individualismo ainda não se tornou o princípio dominante e as trocas matrimoniais permanecem em boa medida subordinadas ao padrão de casamento preferencial, às necessidades de reprodução social, e à hierarquia familiar” (KLASS & ELLEN WOORTMANN, 1993, p.89). Já na contemporaneidade, a ideia de casamento passa a ser baseado na perfeita igualdade entre os sexos.

Ao mesmo tempo em que Maria Aparecida reconhecia a autoridade e domínio do padrasto e irmãos na família, ela também identifica sua importância como mão-de-obra para a família, ela dizia: “eu era o rei e a rainha ali pra trabalhar e botar dentro de casa, minha mãe tinha medo de me perder”. Ela percebe o trabalho como instrumento de liberdade para impor alguns de seus direitos na família. É como se ela deixasse subentendido que mesmo ela desobedecendo algumas ordens impostas, era perdoável, pois ela era “trabalhadeira” e seu trabalho era de extrema importância para a sobrevivência da família, tanto que a mãe tinha medo de “perdê-la”.

Maria Aparecida realizava todas as atividades no roçado, de limpar mato, até colher. Ao perguntar: Limpar mato na foice e enxada é uma atividade feminina? Dona Maria Aparecida mostra que sim e desfaz o argumento que as mulheres possuem o corpo para suportar trabalhos “maneiros”, ou seja, leves. Ela diz: “*sempre fui uma pessoa trabalhadeira, sempre fui no cabo da foice, na inchada, eu brocava mato, eu capinava mato, eu fazia roçado*”.

Os marcadores de gênero “frágeis”, “delicadas”, “fortes”, “viril” aparecem com o surgimento da sociedade industrial e do capitalismo. Nos tempos pré-industriais, as mulheres eram identificadas como fracas, sensíveis, dependentes ou mesmo

inadequadas e incapazes para o trabalho físico pesado. Há uma representação social tradicional dos gêneros que trata as identidades masculinas e femininas como opostas. Na concepção judaico-cristã, os homens são educados e socializados para serem fortes, dominadores, provedores, protetores, enquanto as mulheres para serem frágeis, submissas, protegidas e dóceis. “Qualidades” estas como fragilidade, intuição, abnegação, docilidade e sensibilidade que integram e definem a identidade feminina (ROCHA- COUTINHO, 1994, p. 49).

No livro *Sexo e Temperamento*, escrito em 1950, a autora Margareth Mead identifica e discute que os homens e as mulheres das tribos, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli atribuíam papéis muito diferentes para homens e mulheres. A agressividade e passividade que são comportamentos em nossa cultura ocidental associados, respectivamente, a homens e mulheres, quase como uma determinação biológica, nestas tribos eram associados de outra maneira. Numa dessas tribos, homens e mulheres eram cordiais e dóceis; em outros, ambos eram violentos e agressivos; no último, os homens eram mais passivos e caseiros e as mulheres aguerridas. Observou-se que os papéis e comportamentos atribuídos a homens e mulheres não eram sempre os mesmos.

As fronteiras de identidade e papéis entre os dois sexos são fluidas, com possibilidades plurais de representação, como bem mostra as autoras Carneiro e Negreiros (2004):

[...] mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana (NEGREIROS& CARNEIROS, 2004, p.4).

Então, voltando a história de vida de Maria Aparecida, pergunto:

J: A senhora fugiu de casa como?

MA: *Foi de noite. Ele bebia uma cachaça danada (risos). O povo diz que o amor é cego e é mesmo. Eu num queria nem saber das qualidades da cachaça dele. A cachaça prejudicava ele, num era a mim. Aí minha mãe: “eu num quero, eu num quero, eu num quero. Cuidado com esse homem, que esse homem num presta. Esse homem é cachaceiro. E num dá, e num dá. Tu não fica chamejando”. Naquele tempo era chamejar, né? E minha mãe com ciúme danado. Eu era o rei e a rainha ali, pra trabalhar e bota dentro de casa. Com sol, com chuva, com tudo. E eu sempre, ele frequentava a casa de minha mãe, assim no sábado e no domingo. A gente viu o procedimento dele, mas eu num queria saber de quem era. Eu gostava dele e lá vai. E to com ele, mulher, até hoje, criatura. Até hoje.*

J: Ele foi seu primeiro namorado?

MA: Não, eu namorava que só a crenguena nega, eu namorava que só a crenguena. Eu num era santinha nada. A gente namorava ainda botei um chifre, ele me botou outro também. Sim, acho que ele ficou com raiva, né? Porque eu namorei com outro, fui noiva com 11 anos, 11 anos fui noiva, 11 anos. Ainda hoje eu me lembro do mesmo jeitinho, como se fosse hoje. O anel de compromisso que o primeiro namorado que me deu, era lindo, era lindo. Toda vez que eu vejo esses flashes, sem um paninho. Esses negocinho assim bem lindo, brilhava, nega, brilhava. De dia e de noite era uma coisa linda. Foi o primeiro anel de compromisso que eu ganhei.

J: Aí a senhora num quis casar com esse não?

MA: Eu queria, que eu gostava dele, rapaz. Queria! Aí ele foi viajou pra Brasília. O bicho até hoje ele vive nesse lugar, eu num sei se ele é alguma coisa lá do aeroporto. Eu sei que ele arrumou outra pra lá, casou, Jaqueline. Também o tempo que ele viajou num me ligou, que nesse tempo era... num me ligou ...que era carta. Num mandou carta. Assim que chegou ainda mandou uma carta depois ele esquisito, acabou. Aí eu disse: “sabe de uma coisa?” Arrumei outro. Quando eu arrumei outro, aí deixei o outro pra lá também, peguei Severino, marido atual. Eu namorei muito também.

J: Sua mãe deixava namorar?

MA: Deixava, escondido, uma festinha assim. Moça destinada é o trouço mais ladrão que tem. É o trouço mais ladrão que tem. Oxe, uma vez, minha nega, uma vez tinha um forró e Severino ia pra esse forró, aí eu digo: “mas rapaz!” ele foi lá em casa, pedi a mãe e mãe num deixou. Aí eu botei pra cima de minha amiga, eu digo: “mas Guia, vai lá em casa pra pedir pra gente ir, Guia. Que mãe num deixa, não”. Só se for com uma pessoa que ela tenha muito confiança, né? Tudo novinha, mulher. Mãe ia deixar assim eu ir, ia deixar nada. Aí eu digo, mas peraí, Guia foi, ela num deixou. Peguei a mão de um pilão que tinha deste tamanho, a cabeça do pilão que ela torrava milho, que ela gostava de pisar. Peguei a mão do pilão, botei em cima da cama e botei um cobertor em cima, e pulei a janela e fui me embora. Eu fui, dancei foi muito, nega. Mai quando foram 4 horas da manhã quando cheguei em casa, passei 3 dia no mato, 3 dia no mato com fome, sede e dormindo nas brechas de pedra. Junto com maribondo caboclo que eu tinha uma sorte tão grande que eu entrava assim nas brechas das pedras, ficava junto com os maribondos caboclo, quando alguém tava e dormia ali mesmo e num teve um que me picasse.

J: Quando voltou para casa, ela lhe bateu?

MA: Não, bateu mais, não. Ela tava era preocupada, eu acho. Minha mãe tinha era medo da gente ser rapariga, nesse tempo era muito ruim, nega. Hoje não. Hoje a pessoa dá gato e cachorro pra poder se arrumar um. E é feliz aquele que tem respeito. Ainda mais essa.

Maria Aparecida era uma adolescente que não se deixava dominar, resistia à autoridade da mãe, padrasto e irmãos. Mesmo envolta de proibições e de relações de

obediência e autoridade pautadas no medo, ela arrumava brechas de driblar as relações de dominação. Identifico a fuga como uma forma de resistência, era a maneira encontrada por ela de lutar e fazer valer seus direitos e vontade. Fugiu para ir às festas e até mesmo para casar, mesmo consciente da sanção que poderia sofrer ao retornar para casa. Rompeu com um padrão de casamento preferencial, em que os pais escolhem o futuro esposo das filhas, na maioria das vezes são parentes (primos) e conhecidos dos pais. Ela fugiu para casar com quem escolheu para ser seu esposo. Por casamento preferencial, os autores (Klass e Ellen Woortamann, 1993, p. 91) destacam que casam por causa da terra-patrimônio e por causa da honra da família. O patrimônio e a honra se interpenetram nessa ordem hierárquica. No caso de Maria Aparecida, os pais não eram de acordo com o casamento porque ele bebia muito.

Voltando, Maria Aparecida, das migrantes casadas, foi à única que relata ter deixado o esposo e filhos na cidade de Fagundes para migrar a trabalho no Rio de Janeiro.

J: Quando a senhora foi para o Rio de Janeiro, conhecia alguém lá?

MA: Nada. Oxen, e eu conhecia ninguém não, minha nega. Não. Ninguém. Mentira, tinha meu irmão lá. Mas meu irmão num sabia, que ele num queria que eu fosse. Que era muito nova. Acho que ele pensava assim. Eu fui escondido de tudo. Quem sabia era sempre minha mãe e mesmo assim no dia que eu fui lá pra me despedir, que dei a benção, ela caiu sequinha. Desmaiou na hora, desmaiou. E eu Deus me perdoe pelo amor de Deus. Ô mulher, mas eu num pensava não, mulher. Eu pensei: ela caiu mas daqui a pouco se levanta. E fui embora. Fui embora. Cheguei lá. Com poucos tempo comecei a trabalhar. Eu sei que eu me dei bem no Rio de Janeiro, sofrida assim mesmo.

J: Maria Aparecida, a senhora já migrou sozinha, sem a companhia de seu esposo?

MA: Sim, deixei a família todinha aí disse: "Severino, to indo, dinheiro ninguém tem e eu vou embora, nêgo. Eu vou embora, Severino. Te vira aí com os menino". Que serviço pra mim era mais fácil que pra ele. Fui embora".

J: Aí ele concordou? Num achou ruim, não?

MA: Concordou. Achando meio ruim por causa dos meninos, mas concordou. Ele ficou com os meninos, cuidou dos meninos por seis meses. E foi tempo que eu comecei a trabalhar e o que ganhava mandava prá qui. Fui pra lá trabalhar, mandava o dinheiro deles, ele foi ajeitando as coisinhas aqui, foi comendo, que eu fui mais porque o coco aqui tava seco aqui, nega. Foi o tempo que eles quiseram voltar tudo pro Rio, mandei o dinheiro tudo da passagem e foram embora tudinho pra lá de novo.

A migração feminina e a permanência do esposo com os filhos na cidade de nascimento não é uma prática muito vista nos estudos migratórios, pelo menos, eu nunca tinha visto nenhum caso. Tinha apenas identificado casos em que o homem migrava e a mulher ficava com os filhos. No período em que Maria Aparecida estava no Rio de Janeiro, o esposo Severino, cuidou dos filhos, e Maria assumiu o papel de provedora da família. Entretanto, mesmo acontecendo por determinado espaço de tempo, inversões de papéis de gênero, penso que, de certo modo, esses continuam fixos, o homem como chefe de família e a mulher como dona de casa, cuidadora do marido e filhos, como bem destaca Cyntia Sarti (1996):

O homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa. O homem corporifica a idéia de autoridade, como mediação da família com o mundo externo. Sendo o homem a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico em que a maternidade faz da mulher, mulher (SARTI, 1996, p. 43).

O que aconteceu nesse caso foi uma transgressão a essa regra geral em que o homem faz isso e a mulher aquilo. Hoje é possível identificar casos em que a mulher assume o papel de provedora na família e o homem de dono-de-casa. As mulheres deixam de ocupar apenas o espaço privado, que é a casa, para ocupar espaços da vida pública, antes ocupado somente pelos homens. Antes tinham seu tempo dedicado com atividades domésticas, cuidados e educação dos filhos e, especificamente, mulheres de áreas rurais, trabalho no roçado, agora, vivenciam o fato em conciliar atividades de casa com o trabalho.

O relato de Maria Aparecida é sempre em primeira pessoa, o esposo Severino aparece pouco em sua fala. Demonstra todo momento que quem manda na casa é ela, mostra autoridade com o esposo e filhos e sente satisfação em mostrar que é uma mulher forte, trabalhadora, determinada e não submissa. Demonstra ser uma mulher emancipada das relações de dominação. Ela diz:

MA: A minha honestidade é o que eu tenho de mais orgulho na minha vida, de eu ser pobre, não ter mancha em cadeia, não ter mancha de prostituta, não ter mancha de mal mãe, e guerreira mesmo, guerreira, tá todo mundo de Fagundes pra dizer isso, guerreira, tudo que tenho foi do meu trabalho.

Maria Aparecida representa o perfil de uma mulher emancipada. Na infância, resistia a qualquer relação de dominação; no casamento, não foi diferente.

Nas duas histórias de vida, a migração fazia parte de um projeto familiar, o que não obscureceu o projeto individual, elas conseguiram, através da migração, conquistar um emprego, renda e conseqüentemente autonomia na família. As próximas histórias de vida serão de mulheres que migraram sozinhas para o Rio de Janeiro. Falarei da experiência migratória e de vida de duas irmãs.

3.3 Migração Independente

A intensa participação feminina nos fluxos migratórios contribuiu para autoras como Assis e Kosminsky (2007) e Chaves (2004) pensar as mulheres não mais como acompanhantes do processo migratório, mas colocá-las como sujeitos, com poder de decisão de migrar, trabalhadora, guerreira e consciente de todo o processo migratório. Segundo Assis (1999 p. 381), as mulheres deixam de serem vistas apenas como “aquelas que esperam”, mas como parte de todo processo migratório.

Na pesquisa de campo fui surpreendida com a existência de casos de migração de mulheres sozinhas. Estas migraram após a separação dos maridos. Se estes casos existem, são invisibilizados, ou não são foco de análise nos estudos de migração aqui na Paraíba. O que chama atenção é que a maioria migrou de maneira independente, sozinhas, sem companhia do esposo ou de algum familiar. Elas relataram que deixaram, por um determinado espaço de tempo, seus filhos sob os cuidados dos pais em Fagundes. Elas mandavam para os pais uma quantia em dinheiro para ajudar nas despesas do filho que ficou. Essas crianças eram criadas e educadas pelos avós, se constituindo um tipo de arranjo familiar que vem crescendo na contemporaneidade.

Menezes (1985), em pesquisa na cidade de Fagundes, identificou que as mulheres só migravam com o esposo ou na companhia de algum familiar, não tendo nenhum caso de migração independente. O que explica tal fato? Penso que são as relações de dominação masculina na família com relação às mulheres que as impediram de migrar. As mulheres viviam sob o controle e vigilância constante do pai e irmãos. Maria Clara, 38 anos, uma de nossas entrevistadas relatou que o pai não a deixava trabalhar e nem a ir para lugar algum sem a companhia da mãe ou irmãos.

Uma pergunta inicial que me fiz foi: o que faziam as mulheres antes da migração e que lugar ocupavam na família? A maioria das mulheres possui forte ligação com a terra, filhas de pais agricultores, foram socializadas no trabalho agrícola desde crianças. Elas relatam que acompanhavam os pais no roçado e até lembram, com saudade e emoção,

das lavouras. O trabalho coletivo e a valorização da terra, enquanto provedora de subsistência do grupo doméstico, são características que evidenciam para além das práticas, uma forma de viver rememorada por meio das narrativas (SILVA & BUENO, 2012, p.58). A relação com a terra foi um elemento lembrado por todas as mulheres, umas falam desse tempo com saudade, outras com tristeza e até revolta.

Discutirei a história de vida e as experiências migratórias de duas irmãs, Maria de Fátima e Maria das Dores. Elas são de família de agricultores, seus pais nunca migraram. Elas tiveram 13 irmãos, eram sete mulheres e seis homens, um deles morreu. Estas possuem experiências migratórias e de vida bem parecidas. Além de possuírem um laço de parentesco, são separadas, migraram, pela primeira vez, quase no mesmo ano e atualmente são vizinhas. Essas duas experiências migratórias aconteceram apoiadas nas redes de parentesco. Elas migraram sozinhas, entretanto, tiveram ajuda da irmã mais velha, Maria do Carmo, ela foi à primeira da família a migrar para o Rio de Janeiro, ela migrou com o esposo e os filhos. Até hoje mora no Rio de Janeiro. Maria do Carmo conseguiu emprego para as duas irmãs e elas passaram um tempo morando com a irmã até se estabilizarem. Gostaria de ter entrevistado Maria do Carmo, mas infelizmente esta não se encontrava em Fagundes e não tinha previsão de vinda.

Dona Maria de Fátima, 68 anos, separada, rememora com saudade de seu trabalho no roçado e da relação com a terra. Ela conta que até os 28 anos de idade era agricultora, migrou pela primeira vez com 28 anos:

MF: meu pai fazia empreitada, plantava milho, feijão, algodão, fava. Ele fazia aquela empreitada de limpar mato na enxada e jogava a gente dentro (se refere aos irmãos, que eram dozes), pra ajudar. Era tanto algodão, meu Deus! Naquele tempo a gente trabalhava, mas lucrava, viu. Com 21 anos me casei e continuei na mesma vida, meu marido migrava, deixava os meninos com os pais e ia para o roçado, colocava um saco de legumes na cabeça, chegava em casa morta, morta.

Os pais, que viviam da agricultura, precisavam da ajuda dos filhos no roçado, então, as crianças eram socializadas e ensinadas desde cedo a trabalhar na terra. Dona Maria de Fátima falava com saudade do tempo que trabalhava na terra, limpava e colhia, ela dizia que achava lindo ver aquele roçado bem branquinho de algodão. Então, mesmo o trabalho no roçado sendo árduo, deixando-a “morta” (expressão que simboliza o cansaço, o desgaste no trabalho) é possível perceber no seu relato emoção e saudade do tempo que trabalhava na agricultura.

Maria de Fátima casou aos 21 anos com um migrante, Cícero, migrava para o Rio

de Janeiro:

MF: Ele vinha de dois em dois anos. Eu passei seis anos com ele, foi três filhos. Agora ele ia pra lá, quando eu ganhava o neném ele vinha pra cá. Aí foi a gente se separou e ele foi, ficou pra lá e nunca mais veio pra cá e morreu e num veio

J: A senhora que decidiu não querer mais ele?

MF: Foi. Porque ele arrumou outra mulher pra lá. E depois só dizendo que não, não, não, não... Casei novamente, mas num deu certo. : Eu vi que homem pra mim não dava certo. Eu não tinha sorte com homem mesmo, eu disse: “sabe de uma coisa?” Naquele tempo, naquele tempo era, é o pessoal vivia assim. Meu último filho tive na casa de minha mãe. Meu pai foi que atrás da parteira. Numa distância tão grande, por dentro do buraco tão grande, tão [...].

J: O seu marido estava no Rio?

Tava. Com oito meses que ele tava lá, num mandava um centavo, viu. Disse que tava desempregado, tava desempregado. O que me salvava era a mãe dele e meus pais. Porque em 15 em 15 dias eu ia lá, mas vinha com saco de legumes na cabeça. Ô Meu Deus! Chegava em casa morta, mas era morta, morta. Eu saía de casa de manhã e minha sorte era Maria das Dores (irmã). Ela morava comigo, ficava com eles e eu ia pro roçado. Broquei mato, de foice, prá fazer roçado, fiz tudo, limpava mato, fazia tudo, mas ninguém agradece, não. O que eu fiz o que ele agradeceu foi me botar outra nas minhas costas. Todo ano, ele passa dois anos lá e passa 2 meses aqui, quer dizer, 1 ano pra cada mês, né? Isso é vida?

O relato de Maria de Fátima sobre seu casamento é similar ao de muitas esposas que ficam na cidade de nascimento enquanto os homens migram para o trabalho em outra cidade. A visita dos homens à família acaba sendo esporadicamente, passando um ou dois meses apenas com a família e um ano no Rio de Janeiro. Como já havia falado, em alguns casos, a relação não suporta tanto tempo de ausência, culminando em traições e, até mesmo, separações, como foi o caso de Maria de Fátima. A situação de Maria de Fátima, inicialmente, era de mulher que fica. Na condição de “mulher que fica”, era responsável pelas atividades de casa, roçado e educação dos filhos. O esposo mandava dinheiro todo mês para ajudar nas despesas. Quando o dinheiro não dava, cabia à mulher dar seus “pulos”. Foi o que aconteceu com Maria de Fátima, com esposo desempregado, tinha que trabalhar no roçado diariamente para dar de comer aos dois filhos pequenos.

Sobre o contexto familiar que vivia:

MA: a vida que aqui era ruim. Era difícil. Eu ia viver aqui do quê? Na casa dos meus pais num tinha mais jeito da gente viver depois que saiu de casa, que toma conta de casa, a casa dos pais não é nossa casa. A casa dos pais. É assim a gente diz: “to na minha casa, a casa dos pais é

vizinho". Aí vem pra casa de pai depois que casa, é visita.

Maria de Fátima, recém-separada, morando na casa dos pais, já idosos, trabalhando e vivendo da agricultura para sustentar seus dois filhos e não tendo quase nenhuma ajuda financeira de seu ex-esposo, decidiu aceitar a proposta de trabalho conseguida pela irmã mais velha, Maria do Socorro, que estava morando com esposo e filhos no Rio de Janeiro. A migração das duas irmãs aconteceu com o apoio da irmã mais velha, Maria do Socorro, que já morava no Rio de Janeiro. Existem muitos casos na literatura em que a migração acontece apoiada por redes de parentesco e sociabilidade. A ajuda que pode acontecer tanto na origem, quanto no destino, com a viabilização do primeiro emprego e da hospedagem e moradia inicial e, muitas vezes, acontece em ambos (NETO e NAZARETH, 2010, p. 2).

Portanto, não podemos selecionar um motivo específico para migração, pois não foi a separação, falta de emprego, estar na casa dos pais, sustentar os filhos que fizeram Maria de Fátima migrar. Mas uma confluência de suas condições como mãe e mulher, chefe de família que a levaram a pensar na migração como uma estratégia de conseguir um meio de vida.

Maria das Dores, irmã de Maria de Fátima, vivenciaram experiências de vida parecidas. Maria das Dores, 56 anos, separada. Quando migrou pela primeira vez tinha 19 anos. Ela conta: *"As minhas duas irmãs, Maria do Socorro e Maria de Fátima estavam lá. Aí elas mandaram me buscar"*.

J: Por que decidiu morar e trabalhar no Rio de Janeiro?

MD: Porque eu precisava trabalhar pra manter a casa, né. Meus pais era agricultor. Na época que não tinha chuva, era seco, eu não tinha que sair pra trabalhar pra nós segurar alguma coisa de casa pra ajudar, ajudar eles, porque não tinha outra solução. Tinha meu filho também, né, que agora ele tá 30 anos completo. O meu filho mais velho eu tomei conta quando tava com 10 anos. Quando eu saí era pequenininho, tinha uns três anos. Eu saí de casa ele ficou dormindo pra não me ver saindo senão ele ia chorar. Você imaginou? Ficou. Aí tive que ir embora. Pra me acostumar, foi muito ruim.

Maria das Dores não pode de início levar o filho de três anos com ela, ele foi morar com ela após sete anos, quando ela se estabilizou em um emprego. Destaco a importância das redes familiares na determinação das etapas do processo migratório e sua manutenção. Nesse caso específico dos pais de Maria das Dores, que ficaram cuidando do filho dela, enquanto a filha se estabilizasse, pois se seus pais não tivessem

ficado com seu filho, a migração, talvez, não tivesse acontecido.

J: O seu ex- esposo ajudava nas despesas?

MD: Não. Nunca pensei em colocar na justiça, num valia a pena, não. Eu ia me estressar, gastar com advogado. Me estressar pra ir na audiência por causa de 60 reais? Num vale a pena. É. Eu trabalhava, ganhava de um salário mínimo ou dois salários. Dava pra eu me manter e manter eles. Aí eu ia brigar na justiça. Eu queria um pai pros meus filhos, que ele entendesse que era pai. Mas por justiça. Hoje em dia tão tudo criado, nunca precisou de um centavo dele.

Pude sentir no relato de Maria das Dores certa revolta e desgosto com o pai de seus filhos. Quando perguntava algo de seu casamento, ela mudava de assunto imediatamente.

J: Quanto tempo de casamento?

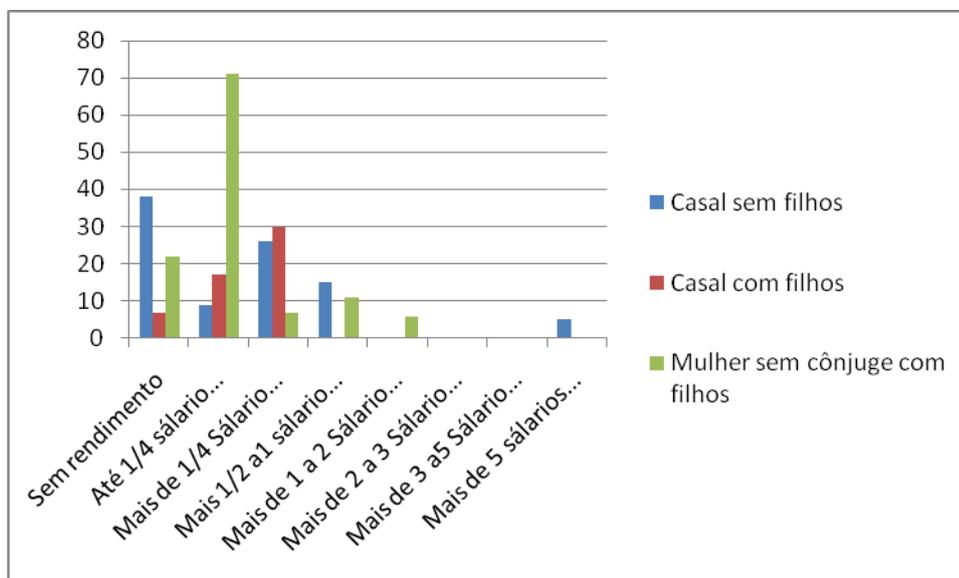
MD: Vivi muito tempo. Num lembro nem quantos tempo faz. Foi muito. Mas num valeu a pena. Essa parte que passou na minha vida, eu faço questão de não lembrar. O passado que passou, só lembro das coisa boa, coisa ruins dane-se pra lá.

Ter mantido os filhos de um tudo, como ela fala, é motivo de orgulho, além de ter cumprido com seus deveres de mãe, como educadora e dona de casa, assumiu sozinha, financeiramente, os filhos e a casa. A experiência dessas duas mulheres separadas de seus maridos e que têm que assumir o papel de chefes de família não são casos isolados, mas é ilustrativa de um fenômeno social no Brasil, que é o crescimento do número de família chefiadas por mulheres em todo o Brasil.

Entre os anos 1978 e 1998 ocorreram transformações na composição dos grupos domésticos. Os grupos domésticos tornaram-se mais heterogêneos; embora continue predominando o chamado “núcleo casal”, houve crescimento dos “arranjos de núcleo simples feminino”, geralmente com a presença dos filhos (KLASS E ELLEN WOORTAMANN, 2002, p. 27). O crescimento do número de famílias com chefia feminina foi maior em áreas rurais ou urbanas. A maior parte dessas “estruturas domésticas” com chefia feminina é de tipo monoparental (mãe e filhos com ou sem parentes e agregados), revelando o crescente papel da mulher como provedora ou uma maior simetria de gênero (BERQUÓ, 2001, p. 2).

O crescimento de famílias com chefia feminina em áreas rurais é identificável nos dados do Censo IBGE 2000. Enquanto no Brasil, os domicílios com mulheres responsáveis atingiram 24,9% do total dos domicílios em 2000, no Nordeste foram 25,9%

e no Norte 22,9%. As áreas rurais do Nordeste detêm mais domicílios com mulheres responsáveis (15,2%) que qualquer outra região (SCOTT, 2007, p. 2). O gráfico abaixo apresenta dados sobre Rendimento Familiar da cidade de Fagundes, dados do censo IBGE 2010.



Fonte: IBGE- 2010

Foi identificável uma porcentagem elevada de famílias composta de mulheres sem cônjuge e com filhos, que sobrevivem com 1/4 salário mínimo por mês. A renda é bastante baixa. Penso que essas famílias completam a renda com o trabalho no roçado e com subsídios do governo, como bolsa família.

Foi possível identificar após os anos 1990 novos arranjos familiares, como famílias compostas por mãe e filhos, além de famílias compostas de avós e netos que, em nosso caso, acontece quando a mulher migra e deixa seus filhos sob os cuidados dos avós. Existem ainda diferentes formas de família e distintas maneiras de se relacionar dentro dela, o que acarretou uma redefinição de papéis e redistribuição de responsabilidades para os componentes familiares. Ganham visibilidade a família ampliada, a recomposta, as ditas produções independentes ou as famílias monoparentais (SANTANA, OLIVEIRA, MEIRA, 2013).

Neste capítulo procurei apresentar um pouco dos dados da pesquisa empírica, detalhando o perfil das entrevistadas com relação aos aspectos etários, escolaridade e estado civil. Além de discutir aspectos da vida das migrantes com relação à infância, relações afetivas, casamento e separação. Esses elementos são importantes para entendermos o contexto social e familiar das mulheres antes de vivenciarem a experiência

migratória. No próximo capítulo discuto sobre as experiências das mulheres estando no Rio de Janeiro e como está sendo a vida delas após o retorno à Fagundes, levanto questões sobre migração de retorno, trabalho, autonomia e relações de gênero na família.

CAPÍTULO IV

4. Experiências Vividas pelas Marias Migrantes Estando no Rio de Janeiro e o Retorno ao Município de Fagundes

Neste último capítulo busco relatar e discutir diferentes experiências das migrantes estando no Rio de Janeiro e após o retorno destas ao município de Fagundes. Acredito que cada mulher migrante, no contexto social e familiar que está inserida, vivenciou e construiu sua relação com o fenômeno da migração de maneira particular. Então, busco compreender essas diferentes vivências femininas com a migração.

As Marias transitaram por dois espaços, Rio de Janeiro e a cidade de Fagundes, em movimentos de idas e vindas. Sendo que as vindas aconteciam por um período curto. Elas geralmente vinham nas férias do trabalho e permaneciam apenas um mês visitando os familiares. Apenas Maria das Dores, 56 anos, relatou um período maior de permanência em Fagundes, ela vinha no inverno para ajudar os pais no roçado e retornava no verão para o Rio de Janeiro.

Em minha pesquisa de campo em 2012 e 2013 fui surpreendida com casos de mulheres que migram sozinhas, o que demonstra que a visão de que as mulheres ‘ficam’, enquanto os maridos migram, ou que apenas acompanham os maridos, sendo coadjuvantes do processo migratório, precisa ser questionada. Casos similares foram identificados pelas autoras (WALL, NUNES E MATIAS, 2008), em pesquisa com mulheres imigrantes em Portugal, cidadãs brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas. Tais autoras identificaram que os casos mais típicos de migração feminina são de mães sozinhas, solteiras ou separadas, jovens entre os 20 e os 35 anos, que deixam os filhos pequenos no país de origem. Mas há também casos de mulheres casadas, um pouco mais velhas, que deixam os filhos adolescentes e o marido no país de origem.

No caso das mulheres nordestinas, a pergunta que se coloca é as mulheres migram para trabalhar em quais atividades? Alguns autores abordam que elas migram para cidades próximas ou outros estados na busca de conseguir empregos não disponíveis na cidade de origem. Em geral, ocupam, nas localidades de destino, atividades informais de baixa remuneração, como empregadas domésticas e babás (CHAVES, 2004; LISBOA, 2007; LINDOSO, 2010, MENEZES, 2002;). As mulheres migrantes de Fagundes, estando no Rio de Janeiro, trabalharam como domésticas e, em alguns casos, em serviços gerais em condôminos e clubes. Não encontrei nenhum caso de mulher em outra atividade econômica, todas trabalham em atividades domésticas. Isso

se explica porque a maioria das migrantes possui escolaridade insuficiente para assumir outros cargos que demandam maior escolarização.

Caso similar é identificado pela autora Jacquet (2000, p.3) em sua pesquisa em Fortaleza. O emprego doméstico constitui a principal atividade profissional exercida pelas jovens do sexo feminino, identificando que 76,2% das migrantes de áreas rurais do Ceará se tornam domésticas em Fortaleza entre 13 e 19 anos. E ainda relata em seu texto que a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo sendo precária, possibilita um aprendizado sobre regras de comportamento social, muitas vezes reforçando as probabilidades de um casamento mais vantajoso do que aquele que eventualmente as esperaria em sua área de origem.

Além disso, a migração das mulheres de áreas rurais do Ceará para Fortaleza é interpretada como uma “conduta de mobilidade social”, o “indivíduo que deixa seu meio social de origem e migra por uma vontade ou uma perspectiva de ascensão (JACQUET, 2000, p.5). Não poderia ser diferente no caso das mulheres migrantes de Fagundes, as mulheres migravam em busca de ascensão social e econômica, no desejo de conseguir ganhar um bom salário para manter seus filhos e mandar ajuda financeira para ajudar os familiares que ficaram em Fagundes. E quais os motivos que trazem estas mulheres de volta ao município de origem depois de anos residindo e trabalhando nas cidades do Rio de Janeiro?

A presença feminina no mercado de trabalho repercute fortemente na organização da família e nas relações entre os gêneros. As mulheres deixam apenas de ocupar o espaço privado, que é a casa, para também ocupar espaços da vida pública. As mulheres que antes tinham seu tempo dedicado com atividades domésticas, cuidados e educação dos filhos e, especificamente, mulheres de áreas rurais, trabalho no roçado, agora, vivenciam um cotidiano em que busca-se conciliar atividades de casa com o trabalho. No nosso caso específico, é ainda mais delicado, porque as mulheres migram para trabalhar em um estado distante, e em alguns casos, elas deixam seus filhos sob os cuidados dos pais e familiares na cidade de nascimento, ficando um tempo ausente dos filhos.

Deparei-me com várias histórias e experiências vividas pelas mulheres migrantes enquanto estavam no Rio de Janeiro. Vou discutir algumas delas que me chamaram mais atenção, porque falam de como foi para elas deixar a família e até filhos para migrar; de sua relação com o trabalho e como é conciliar trabalho e filhos.

Maria de Fátima conta que migrou a primeira vez para o Rio de Janeiro na década de 1970, vivendo lá 29 anos. Ela relata que no Rio de Janeiro, não tem carioca, não:

MF: É paraibano, cearense, é Piauí, é Maranhão, é nordestino de todas as

partes. Tinha aquela chuva de obra, prédio, de coisa... Aí hoje terminou aquela obra, num tem mais obra do jeito que tinha. Hoje quem tá no emprego, se puder apanhar e ficar no emprego, eles fazem isso. Que é pra não perder o emprego, porque se perder sabe que vai ser difícil arrumar outro. Serviço de obra era muito bom, porque ganhava muito dinheiro. Naquele tempo não tinha nada por aqui, não era. As pessoas faziam tudo no mundo, mas num tinha, o negócio era roçado. Era só roça! Menina, eu morei esse tempo todinho no Rio, nunca que eu fui no Cristo Redentor.

J: Porque era longe?

MF: Não, era perto. Não tinha tempo, o dia que tava com tempo eu ia fazer as coisas em casa. Minha irmã trabalha, mora na mesma rua que eu moro, sendo que assim na frente, eu passava lá de manhã e de tarde, passava 3 meses sem ir na casa dela. Porque não tinha tempo. Quando eu ia era de manhã, ela tava dormindo, de noite quando eu voltava já tava pedindo a Deus chegar em casa e pular no sofá e me deitar, ligar a televisão e ficar lá descansando um pouquinho pra vê se eu podia dormir. Porque tinha que acordar de 5 horas. No Pão de Açúcar eu só fui lá uma vezinha só, quando eu morava em casa de madame. Porque naquele final de semana que eu tirava pra folga, eu tinha que sair pra num trabalhar, né. Aí pronto, eu tinha que sair pra qualquer canto. É duro, gente.

Maria de Fátima migrou a primeira vez em um período de intenso fluxo migratório e de possibilidades de emprego, como ela bem coloca: “havia uma chuva de obra”. Esse período ocorreu em um contexto marcado pela industrialização e urbanização, momento de grandes investimentos econômicos nas grandes metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro. Este cenário de desenvolvimento e oportunidades impulsionou a migração de muitos trabalhadores e famílias da região Nordeste do Brasil para cidades de São Paulo e Rio de Janeiro na busca por inúmeras oportunidades de empregos e melhores condições de vida. Em apenas 50 anos, na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões, com uma taxa anual de crescimento de 4,1 % (BRITO, 2009).

Maria Clara, 38 anos, mulher migrante casada, passou quatro anos morando no Rio de Janeiro junto com o esposo e filho. Pergunto: quando você foi para o Rio conseguiu o emprego rápido?

MC: Não, ainda passei um ano lá.

J: Nesse período você estava procurando?

MC: Tava, mas como eu não tinha muito conhecimento, era difícil.

J: Nessa época seus irmãos estavam lá?

MC: Só um irmão. Mas, assim, você tem medo de sair sozinha, você num conhece o lugar e o marido saía de manhã chegava de noite, num tinha como levar você pra lá, aí foi através de uma cunhada minha que conseguiu o emprego pra mim. Mas também a partir desse aí, perdi o medo.

J: Morava onde no Rio?

MC: Rio das Pedras. Morei três anos lá pagando aluguel. Aí um ano depois conseguimos comprar um cantinho pra gente, aí depois disso vinhamo embora.

J: Trabalhava em casa de família?

MC: Trabalhava lá em casa de família, não, consegui num clube. No clube onde grava a malhação, num sei se grava mais, mas gravava malhação. Trabalhava lá na limpeza, de terça a domingo.

J: Era o dia inteiro?

MC: O dia todo.

J: Era pesado o trabalho?

MC: Dependia do dia.

J: O seu esposo fazia alguma objeção de você trabalhar?

MC: Não, assim que eu cheguei lá, ele perguntou: “você quer trabalhar?” Eu disse: “quero”, mas meu filho era pequeno, tinha 4 anos. Aí eu deixava com uma pessoa. Pra mim foi mais difícil. Achei difícil, porque eu não era acostumada a deixar ele como ninguém.

J: Deixava com quem?

MC: Com minha cunhada

Maria do Socorro, 38 anos, migrou para o Rio de Janeiro sozinha. Casou com 17 anos, mas com cinco meses de casada, grávida do primeiro filho, separou-se.

MS: Passei quatro anos no Rio.

J: Em que ano migrou?

MS: Acho que foi em 99.

J: Porque decidiu ir para o Rio de Janeiro?

MS: Eu nem sei por que foi que deu a doida de ir para o Rio, sabe. Porque eu saí desse trabalho aqui, era muito bom. Mas chego um certo tempo que eu fiquei assim. Num sei, sei lá. Enjoei. Tem tempo que a gente assim num trabalha com vontade e quando a gente já num tá mais trabalhando com aquela vontade é melhor sair.

J: *E você tinha familiares no Rio?*

MS: *Não, não tinha ninguém. Assim, tinha primo, mas fora, sabe. Eu fui pra ficar com uma amiga minha que tinha se separado do marido, aí fiquei lá. Depois ela voltou pro marido, e eu conheci outras colegas lá. Assim, já depois de uns tempos eu conheci outras meninas lá, do Piauí, Ceará, aí a gente se juntou tudinho e alugamos um apartamento e fomos morar junto nós tudinho. Eu sem ter nenhum vínculo com essas, sabe? Só conhecimento mesmo. Trabalhava tudim lá.*

J: *Trabalhava em quê?*

MS: *Casa de família.*

J: *Ganhava bem?*

MS: *Não, num dava pra ganhar um bom dinheiro, porque eu tinha que mandar pra casa, né. Assim, a gente ganha, mas gasta bastante. Gasta mais do que aqui.*

J: *Você levou as crianças?*

MS: *Não, eu num tinha esses dois ainda, não. Só tinha a mais velha. E a mais velha ficou com a minha mãe, eu fui só. Nessa época eu fui só.*

J: *Ela tinha quantos anos?*

MS: *Na época, tinha cinco anos.*

J: *Como foi deixar sua filha com seus pais? Você sofreu muito em deixar sua filha?*

MS: *Bastante! Ela até ficou doente quando eu fui embora. Fui o caminho todinho chorando, que naquele tempo a gente só ia de ônibus, né, três dias. Agora todo mundo só pensa em viajar de avião, né?*

J: *Vinha de quanto em quanto tempo ver a filha?*

MS: *De ano em ano eu vinha, que eu tinha férias. A gente mantia contato todo final de semana. Nesse tempo, ainda num tinha celular, aí tinha que marcar pra minha mãe ir pro orelhão que tinha ali em cima. Marcava horário, aí já sabia todo dia o horário certo, todo sábado. Aí quando foi com um certo tempo, ela já acostumou, sabe? A gente sempre ia se falar, aí ela num chorava mais.*

Identifico à importância das redes de sociabilidade na permanência de Maria do Socorro no Rio de Janeiro, tanto as estabelecidas na cidade de origem, como também as construídas no Rio de Janeiro. Ela teve um apoio inicial no Rio de Janeiro de uma amiga da cidade de Fagundes, que também estava separada. Logo depois, ela conheceu outras mulheres migrantes vindas do Nordeste, estas estavam vivendo a mesma experiência que ela, de estar morando e trabalhando em uma cidade distante e desconhecida. Elas compartilhavam os mesmos sentimentos de estranheza, de estar em um lugar

desconhecido e de saudade da família e amigos que deixaram na cidade de nascimento. As redes sociais e migratórias têm múltiplas funções, que vão desde o incentivo ao migrar, até o apoio, o acolhimento, a viabilização de trabalho e moradia, criando nexos e relações de reciprocidade entre os migrantes. As redes servem de suporte e se constituem, muitas vezes, como família ampliada, dando a sensação fundamental de pertencimento e servindo de embrião para o reconhecimento social (Nazareth, 2009).

No Rio de Janeiro, Maria do Socorro casou novamente e com seu segundo esposo e teve dois filhos, como mostra o relato a seguir:

MS: O meu menino tive lá e vim junto com o pai dele em 2003, de vez, pra Fagundes.

J: Ele era carioca?

MS: Sim. Só me juntou, num casei mais, não. A gente começou a namorar e depois que a gente começou a sair junto e logo eu fiquei grávida do menino. Foi. Eu vim pra cá quando o menino tava com cinco meses, depois que ele nasceu e tava com cinco meses, eu decidi vim embora e eu num ia ficar lá sem trabalhar com um menino no braço, porque eu achava muito difícil, sabe. Aí ele: “então, você vai na frente que eu vou atrás”. Aí eu vim com a mudança e ele veio pra cá depois, depois de um mês que eu tava aqui, ele veio. Aí passou um tempo aqui comigo, só que não conseguiu trabalho na área dele.

J: Ele trabalha com o que?

MS: Ele era corretor de imóveis. Foi em Campina, mas não conseguiu. E as coisas pra vista do Rio ele achava que não dava pra ele. Aí ele foi embora. Ficava indo e voltando também. Passou uns três meses aqui só. Ele ia e voltava. Teve um tempo... aí eu fiquei grávida dela, ele foi pro Rio trabalhou e depois quando ela tava pra nascer, ele veio. Ele veio quando eu ganhei ela, ele registrou, aí foi pro Rio de novo passou mais três meses lá e veio. Aí quando ela tava com três meses de nascida, foi no tempo que ele veio. Ele veio, só que depois que ele veio dessa vez, ele num voltou mais. Não me dá notícia. Depois que ele veio pra aqui a gente começou a ter muito problema, porque logo quando ele chegou aqui, as meninas ficavam tudo, ficavam, assim, dando em cima dele, essas meninas novinha, sabe. E ele era logo bem mais velho do que eu. E como era um homem de fora, as meninas daqui tudo em cima, a gente começou a discutir. A gente começou a fazer festa, porque ele gostava desse negócio de eventos, sabe de promover eventos. Aí a gente começou, e as meninas ficavam ligando pra minha casa dizendo que tava com ele. Só que eu num dava muito atenção a essas coisas, sabe. Só que num sei depois o que teve, só sei que teve uma festa que a gente discutiu muito, na festa. Então, ele foi embora e até hoje não tenho notícia dele.

Maria do Socorro é uma das três entrevistadas que relataram que casaram no Rio de Janeiro. Maria do socorro e seu segundo esposo estão atualmente separados. Algumas das entrevistadas falavam que os homens do Rio de Janeiro não prestavam para

casar. Maria das Dores era uma delas, ela me relatou que nunca se interessou pelos homens no Rio de Janeiro. Então perguntei o motivo:

MD: Não, porque é difícil você saber quem é livre ali, tinha medo de me envolver com um, quando fosse depois descobrir que era casado. Eu sempre gostei de me envolver com gente que eu conhecia, nunca namorei com gente estranho. Porque eu penso o que não quero pra mim, não quero para ninguém.

Todas as mulheres migrantes entrevistadas relataram experiências bem similares no período em que estavam morando e trabalhando no Rio de Janeiro. Falam de muito trabalho, que não tinham tempo de passeios turísticos, como Maria de Fátima mesmo conta que morou 29 anos no Rio de Janeiro e não conheceu o Cristo Redentor. Saíam às cinco horas da manhã e voltavam para casa já à noite, cansadas, iam cuidar das atividades de casa para, no outro dia acordar, novamente, às 5 da manhã. As mulheres viam a migração como uma possibilidade de emprego, conquista de autonomia, direitos, sonhos e aquisição de bens. Procuravam juntar o máximo de dinheiro possível para comprar sua casa própria e mandar dinheiro para família e filhos que ficavam em Fagundes. Procurei saber se saíam para festas e bares, mas nenhuma me relatou que saíam para se divertir, apenas para o trabalho.

4.1 Trabalho e Liberdade

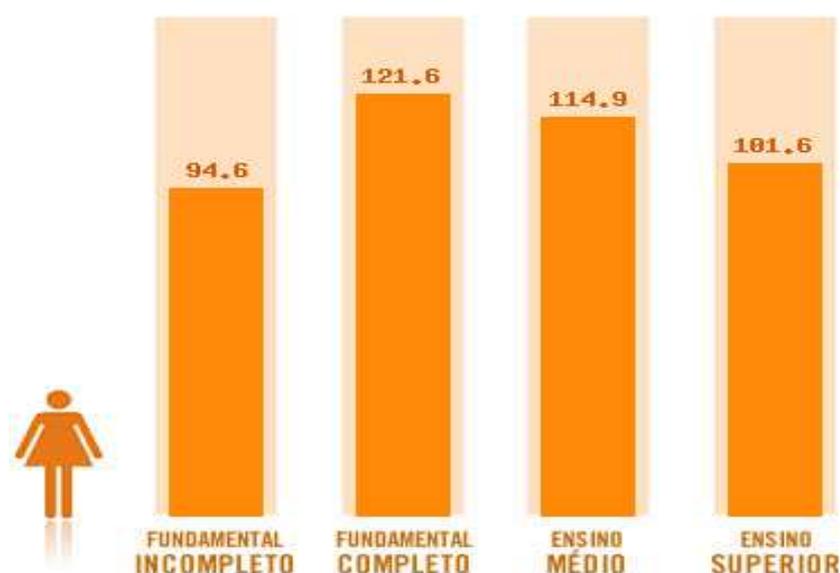
Qual o significado do trabalho na vida do homem? De acordo com a teoria marxista, o homem, através do trabalho, se humaniza e transforma a natureza da qual ele faz parte. Para Marx, os homens passam a distinguir-se dos animais a partir do momento em que eles começam a produzir seus meios de vida (MARX, 1985.p: 142). O trabalho torna o homem um ser social e o distingue de outras formas não humanas. Assim, como diz Antunes (2002. p: 124-126), o trabalho aparece como um momento necessário de realização do ser social, condição para a sua existência; “é o ponto de partida para a humanização do homem”.

O trabalho não só humaniza o homem como também possibilita o acesso a determinados fins materiais e simbólicos, como aquisição de bens, carro, móveis, entre outros; e simbólico, como prestígio e satisfação. Neste capítulo busco discutir sobre a vivência das Marias com o trabalho. Não estou falando apenas de migrantes, mas, sobretudo de trabalhador (as) - migrantes. Qual o significado do trabalho na vida delas? Como bem sabemos, a inserção feminina no mercado é um fenômeno novo e as

mulheres conquistam cada dia mais espaços e direitos.

Falando especificamente do Brasil, pontuo as duas últimas décadas do século XX como um período de mudanças demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto na vida das mulheres, o que proporcionou uma maior presença feminina no mercado de trabalho. Ocorreram mudanças como quedas da taxa de fecundidade, conseqüentemente, redução do tamanho das famílias, aumento de divórcios, novos arranjos familiares e aumento de famílias chefiadas por mulheres. Esses fatores, juntamente com outros, propiciaram a inserção, cada vez maior, das mulheres no mercado de trabalho. A autora Bruschini (2007, p.2), discutindo os dados do FIBGE/PNADs 2005, coloca que as trabalhadoras até o final dos anos 70, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos, após essa data, é visível mulheres mais velhas, casadas e mães. Em 2005, a mais alta taxa de atividade feminina, 74%, é encontrada entre mulheres de 30 a 39 anos, 69% das mulheres de 40 a 49 anos e 54% das de 50 a 59 anos também são ativas.

Identifiquei um dado importante sobre a representação feminina no município de Fagundes, Paraíba. Há um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho em relação à masculina. Dados do Ministério do trabalho, em 2011, apontam que o percentual do rendimento feminino em relação ao masculino era de 110,8% em 2011, independente da escolaridade. Entre os de nível superior, o percentual passa para 101,6%. O gráfico abaixo mostra o percentual do rendimento feminino em relação ao masculino, segundo a ocupação, escolarização – 2011, do município Fagundes-PB.



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - RAIS 2011

Com relação à inserção no mercado de trabalho, havia maior representação das mulheres. A participação da mulher no mercado de trabalho formal era de 66,0% em 2011. As mulheres que tem nível de escolaridade, tem maior facilidade de entrada no mercado de trabalho.

As Marias não possuem um nível de escolaridade elevado, a maioria não concluiu a 1ª fase do Ensino Fundamental completo. Esse aspecto não impediu a entrada delas no mercado de trabalho, mas limitou o acesso a determinados tipos de ocupações. Todas elas ocupavam cargos de empregada doméstica e serviços gerais. Como se deu a entrada delas no mercado de trabalho? A inserção no mercado de trabalho é movida por um conjunto de situações e tem especificidades em cada história de vida, como sustentar os filhos, ajudar a família, busca por independência, dentre outras situações.

Segundo Marinucci (2007, p.8) cresce cada vez mais o número de mulheres que se deslocam por razões de trabalho, frequentemente como primeiras provedoras da renda familiar. Essa situação é vivenciada pelas Marias separadas com filhos, provedoras da família, que tem que migrar para sustentar os filhos, pois não contam muito com ajuda financeira do pai dos filhos.

A relação que as migrantes mantinham com o trabalho está além do financeiro, a relação com o trabalho proporcionou mudanças, tanto financeira como de comportamento. Para a maioria, quando perguntava o que o trabalho significa para você, logo respondiam “tudo”. No caso de Maria Clara, 38 anos, o trabalho proporcionou a liberdade de sair, conversar, ter seu dinheiro e administrá-lo como desejava. O convívio com as pessoas fez com que Maria Clara perdesse o medo de se expressar e até mesmo andar pelas ruas. Ela conta de algumas mudanças na relação com o esposo. Maria Clara começa a participar das despesas da família, comprando utensílios para casa e pagando despesas da família junto com o esposo.

Então, quando Maria Clara começou a dividir as despesas de casa com o marido, simultaneamente sentiu a liberdade de questionar e impor suas vontades tanto nas decisões de casa, como também na relação com o esposo. Ela conta que *“um dia ele disse, ‘tu pega teu dinheiro e faz o que com o teu dinheiro’. Olhe, não importa o que eu vou fazer com o meu dinheiro, o que importa é que eu to ajudando em casa”*. Como ela contribui financeiramente com as despesas da família, sente-se no direito de administrar o seu dinheiro como deseja. Além disso, ela percebe que agora tem o direito e o poder de expressar o que sente e deseja ao marido. Antes da migração e da conquista de uma maior autonomia financeira, ela apenas aceitava tudo imposto pelo esposo.

Existem casos de mulheres que começam a trabalhar para complementar a renda familiar e simultaneamente para conquistar uma maior liberdade de ação e decisão com relação ao marido para tratamento de assuntos familiares, como também conjugais. Segundo Bruschini (2000, p. 17), movidas pela necessidade de complementar a renda familiar ou impulsionadas pela escolaridade elevada, menor número de filhos, mudanças na identidade feminina e nas relações familiares, as mulheres casadas procuram, cada vez mais, o mercado de trabalho. Além disso, em muitos casos a migração feminina faz com que não só a mulher, mas também o esposo questione e modifique suas relações, e papéis de gênero na família.

Maria da Guia, 38 anos, mãe de dois filhos, concursada como auxiliar administrativa na prefeitura de Fagundes. Passou dois anos morando no Rio de Janeiro com o esposo, que era migrante. Não se adaptou ao Rio de Janeiro e voltou para Fagundes em 2003. Atualmente, o esposo trabalha na Cipresa em Campina Grande. Ela conta que:

MG: Desde os 18 anos que trabalho, antes trabalhava ajudando em escola, aí depois passei no concurso e fiquei definitiva, agora trabalho só no período da manhã na prefeitura. Gosto de trabalhar, a mulher tem que ser independente, não tem coisa melhor do que a gente ter o dinheirinho da gente.

J: Como é para você conciliar atividades de casa e trabalho?

MG: É muito complicado, muito cansativo, acordo super cedo, porque tem que arrumar ele e ela pra ir para escola. Aí levo na escola, aí volto para trabalhar. Quando saí de 11 horas tem que ir pegar eles na escola, aí volto, faço o almoço, aí eu tento conciliar, faço uma coisa, faço outra. É muito difícil, principalmente as atividades de casa, todo dia tem coisa pra fazer, cozinhar, passar, todo dia tem coisa. Sou acostumada a sair de casa, não me vejo só dona-de-casa, não. Eu gosto de todo dia sair de casa, de ter aquela rotina, apesar de cansativo, mas eu gosto. Você com seu dinheiro, planeja, você se senti bem melhor, né? A mulher não pode viver só cuidando de filho e casa, tem que trabalhar fora para se sentir viva. Gosto muito da minha liberdade.

Ela relata uma rotina diária de muitas mulheres trabalhadoras, que convivem com a sobrecarga e o dilema de conciliar as atividades de dona de casa, mãe e esposa com o trabalho. Mesmo sendo cansativo, como relata, ela gosta de trabalhar, o trabalho possibilita certa autonomia, faz senti-la viva. O trabalho mais uma vez é associado a um estado de liberdade.

Maria do Socorro, 38 anos, relata que conciliar trabalho e filhos é muito difícil:

MS: No meu caso, se eu tivesse uma condição melhor, eu num trabalhava

por causa deles. Ou, então, que se pudesse pagar uma pessoa pra tomar conta, por que não vivia sem trabalhar. Saio 6 da manhã e chego 7 da noite. Eles ficam sozinhos em casa. Eu gosto muito de não depender de ninguém. À vezes, assim, eu olho assim pra as pessoas que espera só por um marido, pra algumas coisas assim que tem, eu acho, assim, que eu não tenho paciência. Tinha até um rapaz que tava afim de mim, aí ele falando, mas olha tudo comigo, menos deixar meu trabalho. Porque no caso dele era pra mim ficar em casa, dependendo dele. E eu não consigo ficar, o que precisar ter que pedir a uma pessoa. Você precisa de um dinheiro pra comprar uma calcinha e ter que pedir. Ah não! Não, eu falei. Ele nunca mais apareceu. Eu acho que o jogo dele era esse. Porque ele disse que já teve outra mulher, e sempre a mulher sempre ficava em casa. Só que eu tenho meus filho, eu num vou jogar a responsabilidade dos meus na mão de outra pessoa. Porque depois vai jogando na cara. Já acostumei. Aí pra uma pessoa ficar comigo tem que acostumar com a minha rotina e tentar mais ou menos ser organizado do jeito que a gente é aqui, eu e meus filhos aqui em casa.

Maria do Socorro conta sua aflição em ter que deixar os filhos sozinhos em casa, a menina tem cinco e o menino onze anos. Maria do Socorro é a provedora da família, não pode ficar sem trabalhar. Entretanto, ela relata que apareceu um homem em sua vida, mas não deu certo, pois esse queria que ela deixasse o trabalho. Ela diz: “tudo comigo, menos deixar meu trabalho”.

Entretanto, mesmo com toda sobrecarga, as Marias não querem abrir mão de seu trabalho e de sua independência financeira. A autora Bruschini (2000, p. 18) destaca que o fato das mulheres continuarem a serem as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos, e ainda mais para aquelas que têm filhos pequenos, dificultam a ocupação e a dedicação feminina no trabalho. Quando perguntava sobre os estudos, se pensavam em voltar a estudar, a maioria delas respondia que quando os meninos tiverem criados, pensam sim em voltar a estudar. Para as mulheres separadas, que contam com a mínima ajuda financeira dos ex-esposos, o trabalho é ainda mais indispensável, pois são as responsáveis principais da família.

Identifico o trabalho para as Marias como uma expressão de liberdade. Ter um trabalho e, simultaneamente, possuir uma renda, possibilita uma condição de transcendência, pois:

Por ser uma atividade relacional, além de desenvolver habilidades, o trabalho favorece a convivência que, por sua vez, não só facilita a aprendizagem e o aperfeiçoamento dos instrumentos, mas também enriquece a afetividade: experimentando emoções de expectativa, desejo, prazer, medo, inveja, aprendemos a conhecer as pessoas e a nós mesmos (Aranha, 2003, p.25).

Foi exatamente o que relataram, elas contam que aprenderam muito no exercício do trabalho, Maria do Socorro mesmo diz, em um de seus relatos, que tudo que sabe hoje deve ao seu trabalho, pois como trabalhou com muitas pessoas estudadas, aprendeu muito com eles. Já Maria Clara fala que o trabalho a ajudou a perder o medo de falar e de se expressar.

Falei um pouco como era a vida das Marias estando no Rio de Janeiro e especificamente da relação delas com o trabalho. Agora discuto sobre a categoria migrante de retorno, condição atual das Marias, como está sendo a vida delas na cidade de Fagundes, após anos morando no Rio de Janeiro.

4.2 Migrante de Retorno: De Volta ao Município de Fagundes

Pesquisas desenvolvidas nas décadas de 1970 e 1980 constataram que nem sempre a migração se caracterizava como êxodo rural, muitos migravam e retornavam às áreas rurais da região nordeste. Para autores como Garcia Junior (1990) e Menezes (2002), a migração de camponeses não era apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência ou mesmo de um baixo desenvolvimento econômico local, mas parte integrante de suas próprias práticas de reprodução social. Para Menezes (2002) a mobilidade, o ir e vir entre as regiões nordeste e sudeste, entre o trabalho agrícola e urbano era parte das estratégias de reprodução social da família camponesa.

Em finais da década de 1970, segundo Camarano (1997, p.194), a estimativa de saída de trabalhadores do nordeste para a região sudeste era de 3,4 milhões, caindo para 1,4 milhões nos anos 1980. Menezes (2002), em pesquisa de mestrado com migrantes do município de Fagundes, Paraíba, constatou que após a década de 1980 São Paulo não era tão “boa” para emprego. Se nos anos 1950-1970 houve intensa migração de trabalhadores rurais e familiares do estado da Paraíba para o trabalho na região sudeste, acontecendo em muitos casos a migração definitiva de famílias, após anos 1980, observou-se uma diminuição no volume desses migrantes e a formação de novos fluxos migratórios (BRITO, 2009). Os fluxos migratórios passam a ser temporários, deslocamentos de ida e vinda entre local de origem e destino e migrações de retorno, volta de trabalhadores (as) para a cidade de origem.

Vários pesquisadores identificaram que após a década de 1970, emergiram mudanças significativas nos fluxos migratórios internos. Observa-se a emergência de novos fluxos como temporários, sazonais, migrações múltiplas e de retorno. Os autores

Martine (1982) e Menezes (1985), em seus estudos, verificaram uma diminuição dos fluxos da região nordeste para o sudeste do Brasil. Essa mudança se explica, segundo Brito (2009), pelas profundas transformações passadas na economia brasileira, como a intensa internacionalização da economia e a conseqüente reestruturação produtiva que modificaram substancialmente o processo de acumulação de capital, ocasionando, em alguns setores, uma diminuição da oferta de emprego.

A ocorrência de novos fluxos migratórios levou os autores Brito (2009), Silva e Menezes (2006) e Baeninger (2000) a questionar as velhas tipologias baseadas nos critérios fixos de deslocamento, como migrações definitivas, migrações rural-urbano, origem-destino e migrações de retorno. Estas tipologias não conseguem dar conta de entender os novos deslocamentos, como a migração dos safristas, migrações temporárias, ou seja, as migrações marcadas por deslocamentos diversos. Então, tento na pesquisa compreender o contexto que propiciou o retorno das Marias a cidade de Fagundes. Elas passaram anos morando e trabalhando na cidade do Rio de Janeiro, e atualmente estão na sua cidade de origem, na condição de migrante de retorno. Utilizamos a categoria retorno, entendendo o caráter de mobilidade da migração, pois estas ex-migrantes, podem decidir voltar a migrar a qualquer momento e voltar a ser uma migrante.

Os autores Brito e Carvalho (2006) discutem e apresentam os dados do IBGE e PNAD, em que constataram uma tendência à migração de retorno. Segundo PNAD 2004/2009, os estados em que a migração de retorno foi mais expressiva, superando os 20% do total de imigrantes, foram Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Minas Gerais, além do Paraná e Rio Grande do Sul. O estado da Paraíba, em 2000, teve 16,34% em participação relativa dos imigrantes de retorno no total de imigrantes, segundo Unidades de Federação, tendo um salto mais elevado de 20,95 no ano de 2009.

Dados do PNAD de 2004 apontam que entre 30 a 40% dos imigrantes do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte vieram de São Paulo. No caso de Minas Gerais, essa proporção alcança 45%. No nosso caso, estado da Paraíba, 43% dos imigrantes procederam do Rio de Janeiro, cidade que há décadas foi o destino preferencial dos emigrantes paraibanos. Aos retornados naturais, são acrescentados seus dependentes não naturais (cônjuges, filhos e outros parentes) que retornavam junto. No período de 1991 a 2004, os migrantes retornados para o estado da Paraíba eram de 71.901 e retornados especificamente do estado de São Paulo para Paraíba 27.122 (IBGE, PNAD, 2004). Ver Tabela abaixo:

**Participação relativa dos imigrantes de retorno no total de imigrantes,
segundo as Unidades da Federação - 2004/2009**

Unidades de Federação	Participação relativa dos imigrantes de retorno no total de imigrantes (%)	
	2004	2009
Rondônia	0,96	10,63
Acre	4,04	6,89
Amazonas	2,87	4,11
Roraima	0,84	0,00
Pará	6,56	8,97
Amapá	3,85	5,24
Tocantins	11,14	9,36
Maranhão	24,23	16,43
Piauí	21,83	14,60
Ceará	19,66	13,34
Rio Grande do Norte	19,11	21,14
Paraíba	16,34	20,95
Pernambuco	21,21	23,61
Alagoas	14,53	14,64
Sergipe	19,71	21,62
Bahia	21,65	15,01
Minas Gerais	18,55	21,62
Espírito Santo	10,52	13,97
Rio de Janeiro	7,04	5,34
São Paulo	9,82	10,40
Paraná	25,49	23,44
Santa Catarina	11,89	9,54
Rio Grande do Sul	24,18	23,98
Mato Grosso do Sul	5,83	11,64
Mato Grosso	2,91	1,51
Goiás	8,63	8,40

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004/2009.

Nota: Excluídos os imigrantes vindos de países estrangeiros.

O autor Ribeiro (1997) analisou a migração de retorno sob os aspectos de sexo e idade, pontuando o destino do migrante e número de etapas migratórias. Este constatou,

na década de 1970, a presença de idosos (Ribeiro, 1997, p. 15). Na década de 1980 manteve-se a proporção elevada de idosos e aumentou a proporção de retorno nas faixas centrais de idade e nas idades jovens.

O retorno ao município de origem pode acontecer por inúmeras condições, como por exemplo, dificuldade de emprego para se manter, a baixa remuneração, que impossibilita a fixação na cidade de destino, violência urbana exacerbada, baixa qualidade de vida, ficar próximo da família que ficou na cidade de nascimento, dentre outros motivos que entenderemos melhor em nossa pesquisa. Os autores Brito e Carvalho (2006, p. 15) apontam que atualmente os migrantes procuram, crescentemente, uma alternativa para a sobrevivência no seu próprio lugar de origem em vez de se alimentar com a ilusão de uma melhoria social no lugar de destino.

Camarano (1997), em sua pesquisa no nordeste sobre as estimativas do saldo líquido migratório por sexo, verificou que na década de 1970 a migração masculina foi mais acentuada do que a feminina, o saldo líquido migratório estimado para a população masculina foi de -1,9 mil pessoas e para a feminina de -1,5 mil (CAMARANO, 1997, p.193). Esses números se reverteram a partir dos anos 1980 e 1990, quando a migração feminina passou a superar levemente a masculina. As maiores probabilidades de migração feminina foram encontradas entre o grupo de 15 a 20 anos. A população masculina apresentou números mais altos do que a feminina nas idades compreendidas entre 30 a 50 anos. Essa intensa migração feminina, em contraponto com a masculina, na década de 1990, levou os autores (CAMARANO, 1997; PARRY SCOTT, 2010) a pensarem em uma masculinização da população rural e, conseqüentemente, uma feminilização da população urbana.

Os estudos sobre migração identificaram no período de 1930-1970 uma intensa migração de trabalhadores e famílias dos estados do nordeste para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Já após a década de 1970, aconteceram mudanças e emergência de novos fluxos como o de retorno.

O fato é que as Marias após dois, três e até vinte e nove anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro resolvem voltar a morar na cidade de Fagundes. Quais os motivos que trazem estas mulheres de volta a cidade de origem depois de anos residindo e trabalhando nas cidades do Rio de Janeiro? Será que as Marias encontraram emprego e melhores condições de vida na cidade de Fagundes? O retorno à área ou estado de origem com chances de melhor inserção, ao menos com relação às mulheres que lá ficaram, significa melhoria econômica e possibilidade de mobilidade social (CHAVES, 2009, p.4).

Maria Aparecida, 62 anos, voltou a sete anos do Rio de Janeiro junto com o esposo e três filhos, após 18 anos morando com a família no Rio de Janeiro. Ela conta que *“trabalhava dia e noite para pagar isso aqui (se refere a casa que hoje mora), eu dizia a Severino, ‘quando a gente terminar de pagar esse terreno, vamos voltar’*. Perguntei à senhora, voltou por quê?

MA: Ahh minha filha, era meu sonho. Eu sempre dizia, ‘eu vou morrer na minha terra, onde minha mãe se enterrou’.

J: Nunca pensou na possibilidade de ficar no Rio de Janeiro?

MA: Nunca. Nunca gostei do Rio. Tava no Rio sim, por causa do meu dinheiro, da minha família, organizei todo mundo, todo os meus filhos tem seus cantos.

Ela deixa claro que só estava no Rio de Janeiro por causa do trabalho. Atualmente Maria Aparecida não pensa em voltar para o Rio de Janeiro, trabalha no roçado, ela disse *“eu gosto mais do serviço do campo, acostumada”*. O esposo, Severino, atualmente trabalha como porteiro em uma clínica dentária em Campina Grande. Maria Aparecida afirma a todo o momento que é uma guerreira e ainda acrescenta: *“tá todo mundo de Fagundes aqui pra dizer isso”*.

As duas irmãs Maria de Fátima, 68 anos, e Maria das Dores, 56 anos, migraram na década de 70, passaram quase 30 anos morando no Rio de Janeiro. No Rio ainda moram duas irmãs e os filhos. Maria de Fátima é aposentada e Maria das Dores atualmente trabalha em casa de família na cidade de Fagundes. Fazem dez anos que Maria de Fátima voltou para Fagundes. Ela conta que:

MF: Vim de vez, porque já tava difícil de arrumar um trabalho lá pra mim. Aí eu disse: ‘eu vou pra lá, porque eu já vou completar 60 anos, vou começar a botar os papéis pra me aposentar’. Eu fui feliz lá no Rio. Eu gostava, eu gosto ainda do Rio de Janeiro. Agora, pra morar, eu não quero mais, não. Aqui é mais livre, a gente tem mais liberdade. Trabalhei muito, hoje sou aposentada, tenho muito orgulho disso. O que eu trabalhei, ganhei, gastei, ainda hoje eu gasto meus dinheirinho tudinho com a minha casa. Quando cheguei aqui, eu fiquei com Maria das Dores aí. Aí fui levantar a casa, porque essa casa era baixinha, aquela listra que tem ali pra cima, foi preciso botar outro tijolo. Eu comprei essa casa, mas já faz muitos ano. Quando eu vim, Maria das Dores já tava aqui. Quando fiz isso tudinho, cobriu tudinho, ajeitou o piso daqui, eu botei em 2009, o piso. Aí eu vim pra dentro de casa.

J: A senhora não se sentiu sozinha?

MF: Não, não, porque eu gosto de viver sozinha. Eu tenho sossego, eu gosto, to gostando, gosto da minha casa, tiro meu dinheiro. A minha

preocupação agora é fazer janta pra Maria das Dores. Ela come aqui. Em casa, ela só faz dormir.

Maria de Fátima voltou para Fagundes devido a dificuldade de conseguir emprego por causa da idade, estava com 59 anos. Atualmente é aposentada e mora sozinha. Ela sente orgulho hoje em ter sua casa própria e ser aposentada. Fiquei encantada com a elegância de Maria de Fátima, ela é uma mulher bonita e sabe se expressar muito bem.

A irmã Maria das Dores, 56 anos, migrou a primeira vez para o Rio de Janeiro com 20 anos e voltou definitivamente para Fagundes há quatro anos.

MD: Fazem quatro anos que voltei definitivo

J: Pensa em voltar para o Rio de Janeiro?

MD: Não. Deus me livre. Vou sim, mas pra passear, visitar meus parentes lá. Sempre quis voltar, só pra passear. Tô trabalhando aqui, porque a pessoa que trabalhou a vida toda, não aguenta ficar em casa parada, não. É ruim porque Guia enche meu saco, porque eu viver dentro de casa, sem fazer nada, eu sozinha, eu não cozinho, ela que cozinha, entendeu. Aí pronto, fico em casa. Eu tenho horror de casa, eu tenho horror de ficar presa em casa. Aí saiu. Maria de Fátima é mais caseira. Eu gosto de ficar em casa quando tem o que fazer. Quando tem o que fazer, eu fico. Mas quando não, não gosto não.

Maria das Dores conseguiu emprego como empregada doméstica em Fagundes. Ela é bem diferente da irmã, é mais séria, não gostava muito de falar sobre o passado. Parece que guarda muita mágoa do passado, ao ponto de não gostar de lembrar e narrar sobre o que aconteceu anteriormente. Eu respeitei seu direito ao silêncio e não insisti. As duas irmãs tiveram histórias de vida parecidas, além do laço de parentesco, as duas migraram para trabalhar no Rio de Janeiro, separadas. Elas contaram com o apoio da irmã, Maria do Carmo, que conseguiu emprego para ambas, e dos pais, que ficaram com os filhos delas por um determinado tempo, até elas se estabilizarem em um emprego e em uma casa. Atualmente, são vizinhas e fazem companhia uma para outra.

Maria Clara, 38 anos, casada, passou quatro anos morando e trabalhando junto com o esposo e o filho no Rio de Janeiro, retornaram há dez anos para Fagundes. Ela conta:

MC: Passei quatro anos lá. Por mim, eu ainda tava lá, mas ele. Gostei de lá, porque lá você trabalha, eu gostava. A gente já tinha conseguido construir uma casa lá, pequena, né, mas conseguimos, mas ele depois disse: 'vamos embora, num sei que, porque o meu pai é velhinho'. O pai era bem velhinho, já, e a mãe dele também, o pai dele já morreu. Aí ele

queria vim, se ele num tivesse vindo e o pai tivesse morrido, ele num ia ver. Ele chegou, com pouco tempo, o pai dele morreu. Aí depois ele já foi para o Rio, foi várias vezes, só que agora ele não consegue ficar mais muito tempo, ele vai no máximo que ele passa é seis meses, aí volta. Agora ele trabalha aqui perto, trabalha em Boa Vista agora, em construção também, só que toda sexta ele vem, passa o final de semana e na segunda, ele volta. Eu era assim, sabe, como é submissa, sabe, se o marido dissesse 'não, vá não', eu não ia, agora não, ele já sabe, se eu disser que vou eu, vou mesmo. O que mudou também é de eu falar também, que eu tinha medo, eu tinha medo de ir em Campina, num era acostumada, só vivia dentro de casa. Não saía de casa pra nada. Olha, seu fosse em Campina, ficava assim de coração apertado, sabe, como eu vou atravessar aquela rua cheia de carro, sabe? Ficava só dentro de casa, o lugar que eu saía, era pra igreja, só, mais nada.

Maria Clara voltou para Fagundes, porque o esposo queria ficar próximo dos pais que estavam bem velhinhos. O esposo, Francisco, passou a adolescência e vida adulta migrando para Pernambuco e o Rio de Janeiro, mas todos os anos vinham para Fagundes ficar junto da família. Ela fala:

MC: faz só seis meses que ele tá aqui. Pedi muito a Deus pra que ele pudesse arrumar um emprego por aqui. Eu num tava querendo voltar pro Rio, não, porque se eu fosse, eu ia demorar a voltar aqui, eu ia querer arrumar emprego lá de novo. Aqui eu fiz o curso de costureira no Senai e agora eu costuro em casa, né. Olhe, quando cheguei, eu nunca tinha tido coragem de fazer um empréstimo, aí fiz um empréstimo e comprei a minhas máquinas.

Maria Clara é uma mulher emancipada. No Rio de Janeiro, trabalhou no departamento de serviços gerais de um clube, retornando para Fagundes, se profissionalizou em costureira, e atualmente trabalha como costureira em casa. Ela possui seu lugar de trabalho dentro de casa, construiu um quarto para atender seus clientes, lá tem todo tipo de máquina de costura. Nos dias que estive lá, sempre a encontrava trabalhando, e, de vez em quando, chegava alguém para entregar ou buscar alguma roupa.

Como vimos, todas as Marias se encontram na condição de migrante de retorno, podendo voltar a migrar a qualquer momento. A maioria delas está trabalhando, entretanto, algumas só conseguiram trabalho em cidades próximas, como é o caso de Maria do Socorro que trabalha em Campina Grande, Paraíba. Posso afirmar que um dos motivos ou situações que a trazem de volta a Fagundes são as relações de parentesco, os pais, filhos, tios, primos e amigos que aqui ficaram. Elas falam muito de saudade de familiares, da "terra" em que nasceram. Também destacam outras situações como falta de emprego na cidade do Rio de Janeiro, busca de tranquilidade e dentre outras

circunstâncias que as trazem de volta para Fagundes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido ao longo do texto, era comum nos estudos de migração um foco para questões envolvendo os homens migrantes. As mulheres, quando apareciam, eram como acompanhantes ou como as que ficam, como bem mostraram os estudos de Garcia Junior (1990), Eunice Durhan (1973), Menezes (1985), Menezes & Silva (2000) em Lucas (2013). Devido à lacuna de pesquisas sobre a mulher nos fluxos migratórios, poucos dados estatísticos foram encontrados. Quando encontrava, era sobre a migração feminina internacional. Entretanto, a pesquisa com as mulheres migrantes do município de Fagundes, Paraíba, mostrou que não é mais possível falar da migração como um fenômeno vivenciado apenas por homens. As mulheres, que antes apareciam como coadjuvantes no processo migratório, hoje são sujeitos ativos. Utilizei a metodologia da história oral, que foi de fundamental relevância para apreender a multiplicidade das vivências femininas.

Como bem vimos nas histórias de vida destas mulheres, a migração feminina possui particularidades e acontecem em contextos bem diferentes dos da migração masculina. Os constituintes sociais de gênero, como papéis, deveres, proibições, aprovações, dentre outros aspectos que estão presentes no universo feminino, foram importantes para entendermos melhor as experiências migratórias. Por isso, foi imprescindível trazer para compreensão das experiências migratórias o enfoque de gênero.

Em pesquisa no município de Fagundes ano 70 e 80, a autora Marilda Menezes identificou casos de migração feminina que aconteciam na companhia do esposo ou de familiares, nunca sozinhas. Esse fato acontecia porque pesava sobre as mulheres todo um universo moral de proteção da honra feminina, migrar na companhia do marido e familiares, era uma prova que a honra da família e a dela não seriam manchadas. A honra feminina estava ainda muito atrelada à sexualidade, se ela é virgem, quantidades de parceiros, relação com homens casados. A sociedade, por muitos anos, esperou e exigia das mulheres um comportamento moral adequado às normas de gênero, nas quais “o recato feminino, a obediência ao pais e ao marido, a discrição dos afetos e da sexualidade e a conformação dos limites corporais e das condutas são traços importantes num sistema prescritivo de gênero”(CORDEIRO, 2006: 7-8).

Temos um caso, que é o de Maria Clara, que os pais, especificamente o pai, não a deixava migrar para trabalhar. Maria Clara relata que o pai não a deixava sair para lugar

algum, nem podia trabalhar, porque o pai não permitia, vivia presa dentro de casa. Quando casou, continuou com a mesma vida, vivia dentro de casa e dependia agora do esposo. O esposo vivia ausente, porque era migrante, “vivia mais no mundo do que em casa”. Determinado dia, decidiu ir morar com o esposo e o filho no Rio de Janeiro, começou a trabalhar e sua vida passou por grandes transformações, após quatro anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro.

Observamos que muitas vezes as mulheres saem do controle e vigilância dos pais para a do companheiro. Entretanto, fui surpreendida com histórias de vida de mulheres que conseguiram contornar ou, até mesmo, superar esse controle e hoje são mulheres independentes financeiramente e com poder de decisão e opinião na família. O trabalho para elas assumiu uma condição de ascensão e significou uma expressão de liberdade. Com a renda conquistada, através do trabalho, elas conseguiram além da independência financeira, um poder de fala e negociação na família, que favoreceu na construção de relações de maior equidade, especificamente com o esposo. Maria Clara conta que quando o marido pergunta o que ela faz com o dinheiro, ela responde imediatamente, “não importa, o que importa é que estou ajudando dentro de casa”. Ajudar dentro de casa é uma estratégia utilizada por elas, e muitas outras mulheres, para conseguir algo que desejam com o esposo. Essa atitude é uma estratégia feminina de conseguir um lugar de decisão e poder dentro da família e perante o esposo.

Então, foi possível conhecer diferentes experiências migratórias e de vida. O contexto e as situações que favoreceram a migração foi o mais diverso. Desde escassez de oportunidades de emprego na cidade de origem, sustentar os filhos, ajudar os pais, fuga de situações de opressão, independência pessoal e financeira, dentre outros motivos e situações que vimos ao longo do texto. Essas inúmeras situações nos impede de citar um motivo ou uma situação específica que tenha favorecido a migração destas mulheres. Penso que é um conjunto de situações que determina a migração.

A maioria das mulheres que migraram com o esposo tinha um objetivo em comum muito certo: criar os filhos e juntar dinheiro para comprar um cantinho próprio para morar. Já as mulheres que migraram sozinhas estavam na condição de mães separadas, tinham um peso sobre elas, que era de trabalhar para sustentar os filhos. A migração para as mulheres separadas aconteceu por outras circunstâncias ou mesmo por um conjunto de situações. Estava, enquanto pesquisadora, a todo o momento lidando com situações e problemas vividos por dois tipos de famílias, um composto pela mãe, pai e filho, e outra composta por mãe e filhos. Nas famílias compostas por mãe e filhos, as mulheres eram mães, trabalhadoras e chefes de família.

Contudo, todas as mulheres migraram em busca de uma melhoria de vida. E o trabalho permitiu, em certa medida, essa conquista. A relação que as mulheres tinham com o trabalho foi além do econômico, permitiu-lhes autoestima e dignidade, contribuindo para que ocorressem deslocamentos nas relações de gênero. Maria Clara conta que quando começou a trabalhar se sentia livre, liberta. Era tímida, tinha medo de conversar, mas que agora conversa com as pessoas sem problemas. A relação que essas mulheres tinham com o trabalho era de conquista de liberdade, conseguiram ultrapassar os “muros da casa” e começaram a ocupar a “rua”, espaço majoritariamente ocupado, por muitos anos, apenas pelos homens.

Elas ainda enfrentam no cotidiano o desafio que é conciliar trabalho, atividades domésticas e cuidados com os filhos. Os desafios vividos, cotidianamente, para conciliar trabalho, casa e filhos não são fáceis. Elas relatam como é cansativo sair de manhã e chegar a noite em casa, e ainda ter que arrumar a casa e cuidar dos filhos. Maria Aparecida conta que: *“se eu tivesse uma condição melhor, eu num trabalhava por causa deles. Ou, então, que se pudesse pagar uma pessoa pra tomar conta dos filhos, que não vivia sem trabalhar. Saio 6 da manhã e chego 7 da noite. Eles ficam sozinhos em casa”*. Senti uma preocupação e aflição enormes das mulheres em deixar os filhos em casa sozinhos. Maria Aparecida relata que *“a filha mais velha tem 9 anos e cuida do menor de 7 anos”*. As mulheres que não possuem uma renda suficiente para pagar alguém para ajudá-las, *acabam convivendo diariamente com o dilema quero trabalhar para ter liberdade, mas também quero que meus filhos sejam bem cuidados. Maria da Guia diz que “a mulher não pode viver só cuidando de filho e casa, tem que trabalhar fora para se sentir viva. Gosto muito da minha liberdade”*.

Essa conquista de liberdade, muitas vezes acaba sendo ao preço de muito cansaço e renúncia. Renúncia, porque muitas acabam não conseguindo conciliar trabalho e filhos, assim a maternidade e a educação dos filhos acaba ficando de lado. Algumas delas tiveram que deixar os filhos, por um determinado tempo, com os pais para trabalhar no Rio de Janeiro, perdendo fases do crescimento dos filhos, onde contam que não foi um período fácil para elas.

Após anos morando e trabalhando no Rio de Janeiro, essas mulheres decidem voltar para Fagundes. O que explica essa volta? Como vimos, da mesma forma que diferentes situações as fazem migrar, outras são determinantes para a volta. Uma delas disse que com a idade já avançada estava difícil emprego para ela no Rio de Janeiro, outra diz que sempre teve o sonho de voltar, queria morrer na terra que sua mãe morreu, saudade de familiares, dentre outras situações relatadas. O interessante é que todas as

mulheres nunca perderam o vínculo com os familiares que ficaram na cidade de Fagundes e, conseqüentemente com a cidade, as experiências migratórias são marcadas por idas e vindas, o que demonstra que podem sair da condição de migrante de retorno e decidirem a migrar novamente.

Todas as experiências migratórias foram marcadas pelo trabalho, ou seja, é um processo em que elas se constituem como trabalhadoras e migrantes. Por fim, espero que essa pesquisa tenha contribuído para conhecermos um pouco mais como se constroem as experiências migratórias das mulheres nascidas em Fagundes e, mais ainda, que seja um ponto de partida para pensarmos outras questões de pesquisas. Então, dada a lacuna de estudos sobre as mulheres nos fluxos migratórios, espero com esse trabalho de dissertação trazer contribuições teóricas e empíricas acerca das experiências de vida das mulheres migrantes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa.** In: Ouvir contar: textos em história oral. Ed. FGV. RJ. 2004. P. 13-31.

ANDRADE, Adriana Strasburg de Camargo. DEDECCA, Claudio Salvadori. **Gênero, migração e trabalho nos mercados metropolitanos das regiões Nordeste e Sudeste.** Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando:** introdução à filosofia. 3ªed. Revista –São Paulo: Moderno. 2003.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **Os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações de gênero.** Publicado na ABEP. Pg. 369-385. 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo:** gênero, família e migração. Publicado em Campos 3:31-49.2003.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. KOSMINSKY, Ethel V. **Gênero e migrações contemporâneas.** Rev. Estud. Fem. vol.15 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007.

BAENINGER, Rosana. **Novos espaços da migração no Brasil anos 80 e 90.** Publicado na ABEP. Pg. 1-128. 2000.

BERQUÓ, E. **Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil. Seminário “Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. III?** Programa Relações de Gênero na Sociedade Brasileira. Fundação Carlos Chagas. Itu.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução: Maria Helena Kühner. -3ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITO, Fausto. **Brasil, final do século: A transição para o novo padrão migratório?.** Trabalho apresentado na ABEP. UNICAMP. 2000.

_____. CARVALHO, José Alberto M. de. **As migrações internas no Brasil:** as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pela PNADs recentes. Publicado na ABEP. 2006.

_____. GARCIA, Ricardo Alexandrino. SOUZA, Renata G. Vieira de. **As tendências recentes das migrações interestaduais e o padrão migratório.** Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

_____. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes.** Belo Horizonte. UFMG/ Cedeplar. 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* 2^a. ed. SP:T.A. Queiroz e Ed. US. São Paulo. 1987.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Gênero e trabalhadoras no Brasil:** novas conquistas ou persistências da discriminação? Brasil 1985/95. ABEP, Wepo/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed. 34. 2000.

_____. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos.** Caderno de Pesquisa. vol.37 n.132 São Paulo Sept./Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf>

CAMARANO, Ana Amélia. **Movimentos migratórios recentes na região Nordeste.** Publicado na ABEP. Pg. 189-208. 1997.

CHAVES, Maria de Fátima Guedes. **Migração feminina:** familiar ou autônoma? Observações sobre as mulheres que migram solteiras e separadas. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú -MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

CLAUDIA, Fonseca. **Família, fofoca e honra:** etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares/ *Claudia Fonseca.* - 2.ed.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CORDEIRO, Rosineide. **Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no sertão de Pernambuco.** Simpósio-3 Gênero e sexualidade: história, condições e lugares. 2010. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_194.pdf. Acesso em março de 2013).

CORDEIRO, Rosineide de LM Cordeiro. **Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no Sertão de Pernambuco.** Simpósio-Gênero e sexualidade: história, condições e lugares. 2006.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira. Notas para o estudo das formas de organização familiar do Brasil.** Cad. Pesq. São Paulo, (37): 5-16, Mai. 1981.

_____. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colchas de retalhos: estudos sobre a família no Brasil/ Antonio Augusto [et.al].** 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade.** Ed. Perspectiva S.A. São Paulo, 1973.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **A Dialética do trabalho.** São Paulo. Expressão Popular. 2004.

FILHO, Amílcar Torrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** Publicado Cadernos Pagu (24) Janeiro- Junho de 2005, p. 127-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>. Acesso: março de 2013).

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966).** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FISCHER, I. R. Relações de gênero na agricultura familiar no acampamento de Sem

Terra do Engenho Prado. In: SCOTT, P; CORDEIRO, R. (Org) **Agricultura Familiar e Gênero**: práticas, movimentos e políticas públicas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

GARCIA JR. Afrânio Raul. **Sul**: o caminho do roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Rio de Janeiro, Marco Zero, Brasília, CNPq, 1990.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara. 1997.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GROSSI, Mirriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Pg.1-14. 2010. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf. Acesso em março de 2013).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/ Stuart Hall**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Gênero, Sexualidade e Saúde”**. In: **Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.

JACQUET, Christine. **Projetos matrimoniais e escolhas migratórias: o caso das empregadas domesticas de Fortaleza**. Publicado na ABEP. 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Projetos%20Mtrimoniais%20e%20Escolhas%20Migrat%C3%B3rias%20o%20Caso%20das%20Empreg.pdf>. Acesso em Março de 2013.

KARIN, Wall. NUNES, Cátia. MATIAS, Ana Raquel. **Trajectórias de mulheres imigrantes em Portugal. VI Congresso de português em sociologia. Mundos sociais, saberes e práticas. Universidade de Nova Lisboa. Universidade Ciências Sociais e Humanas. 25 a 28 de junho de 2008**. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/476.pdf>. acesso em março de 2013.

LINDÔSO, Raquel Oliveira. **Migração e força de trabalho feminina no Nordeste**

brasileiro na última década. Fazendo Gênero 9. Diásporas, diversidades, deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

LISBOA, Tereza Kleba. **Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo:** a globalização da assistência. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. Setembro-Dezembro. 2007.

LUCAS, Maria Marília Vieira. **Mulheres de “Canistas”:** Um estudo sobre relações de gênero em famílias de migrantes. Trabalho de Dissertação de Mestrado. Apresentada na Pós-Graduação em Ciências Sociais. Campina Grande, PB. 2013.

MACHADO, Lia Zanotta. **Gênero, um novo paradigma?** Cadernos Pagu (11). 1998.

MALAGODI, Edgard A. MARTINS, Jaqueline M. F, MENEZES, Marilda Aparecida de. **Relatório final: A migração temporária como estratégia de reprodução de famílias camponesas: um estudo em pequenos municípios do Sertão Paraibano.** Projeto de iniciação científica- UFCG. 2009-2010.

MARINUCCI, Roberto. **Feminização das migrações?** O presente artigo foi publicado em Inglês, na REMHU v. 15, n.29, 2007. Disponível em:

[http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao das migracoes roberto marinucci2007.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao%20das%20migracoes%20roberto%20marinucci2007.pdf)

MARTINE, G. Martine. **Populações errantes e mobilidade da reserva de mão-de-obra no Brasil.** Comunicação simpósio sobre crescimento demográfico na base da pirâmide social. SBPC. Campinas, São Paulo. 1982.

MATA, Roberto Da. **O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”.** In: NUNES, E. (org.). A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo. Nova Cultural. Livrol. 1985

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MENEZES, Marilda. **Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para a Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho.** Dissertação de Mestrado. UFCG, 1985.

_____. ; SILVA, Marcelo Saturdino da. **Homens que migram e mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares- PB.** In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha Santa Catarina. Ed. Mulheres. 2000.

MENEZES, Marilda Aparecida. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa-PB: EDUEPB, 2002.

_____. ; AIRES, Lídia M. Arnaud. SOUZA, Maria R. de. **Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo.** Cadernos de campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Ano 13. 2004.

MENEZES, Aparecida Menezes. **Família, Juventude e Migrações.** Revista Antropológicas, V. 23(1), p. 119-143, 2012.

MONTALI, Lilia. **Provedoras e pro-provedoras: mulheres- cônjuge e mulheres- chefe de família sob a precarização do trabalho e desemprego.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006.

NAZARETH, Juliana. **Trabalho, família e redes sociais: transformações e permanências das relações de gênero no contexto da migração feminina.** Projeto apresentado no exame de qualificação, como requisito para concorrer ao título em doutor em Psicossociologia. Programa EICOS. UFRJ. 2009.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; CARNEIRO, Terezinha Féres. **Masculino e feminino na família contemporânea.** Estudos e Pesquisas em Psicologia. V. 2004 n.1. Rio de Janeiro, 2004.

NETO, Maria Inácia D' Avila. NAZARETH, Juliana. **Redes Sociais na experiência**

migratória de mulheres nordestinas. 2010. (Link de acesso: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%Aancia%20migrat%20ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf. Acesso em março de 2013).

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. **Mulher rural: eminência oculta.** Campinas, São Paulo. Ed. Alínea, 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **As transformações familiares e o olhar sociológico.** In: Sociologia da família contemporânea/ François de Singly: tradução Clarice Ehlers Peixoto.- Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2007.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral.** In: **Projeto história.** São Paulo (15), abr. 1997.

RIBEIRO, José Teixeira Lopes. **Imigração de retorno interestadual para o Nordeste brasileiro por idade e sexo 1970/1980-1981/1991.** Publicado na ABEP. Pg. 349-366 1997.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares-** Rio de Janeiro; Rocco, 1994.

ROHDEN, Fabíola. **Honra e Família em algumas visões clássicas da formação nacional.** In: BIB, Rio de Janeiro, n.º 48, 2.º semestre de 1999, pp. 69-89.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. Famílias enredadas. In: **Família: redes, laços e políticas públicas/ orgs.** Ana Rojas Acosta, Maria Amalia Faller Vitale.3ed. Editora: Cortez. 2007.

SANTANA, Vagner Caminhas. OLIVEIRA, Daniel Coelho de. MEIRA, Thiago Augusto Veloso. **Novos Arranjos Familiares: uma breve análise.** Publicado na revista digital Buenos Aires, ano 17, n.177. 2013. (link de acesso: <http://www.efdeportes.com/efd177/novos-arranjos-familiares-uma-breve-analise.htm>).

acesso março de 2013).

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Vol. 16, n.2. Porto Alegre, Jul/dez. 1990.

SCOTT, Russell Parry. **Ruralidades e mulheres responsáveis por domicílios no Norte e Nordeste**. Universidade Federal de Pernambuco. Estudos Feministas, Florianópolis, 15 (2):240, maio-agosto/2007.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MENEZES, Maria Aparecida. **Migrações rurais no Brasil**: velhas e novas questões. Artigo publicado no NEAD (Núcleo de Estudos Agrários) do Ministério do Desenvolvimento Agrário).Artigo publicado no: NEAD (Núcleo de Estudos Agrários) do Ministério do Desenvolvimento Agrário): Link: http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf.2009.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

WOORTMANN, Klass. **Migração, família e campesinato**.*Revista Brasileira de Estudos de População*, January- June 1990, pp.35-51, 1990.

WOORTMANN, Klass; Woortamann, Ellen. **Fuga a três vozes**. Anuário Antropológico/91. Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Pag. 89-137. 1993.

_____. **Monoparentalidade e chefia feminina**: conceitos, contextos e circunstâncias. Apresentado no Pré-evento Mulheres chefes de família: crescimento, diversidade e políticas. Ouro Preto-MG pelo CNPD, FNUAP e ABEP. Realizado em 4 de Novembro de 2002.

Site: Portal ODM. Acompanhamento municipal dos objetivos de Desenvolvimento do milênio. Relatórios Dinâmicos Indicadores Municipais. 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Roteiro das Entrevistas Semi-estruturadas

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Escolaridade:
5. Profissão:
6. Estado Civil:
7. Quantidade de Filhos:
8. Ano da primeira migração:
9. Cidade para onde migrou:
10. Migrou com quem:
11. Quantas vezes migrou:
12. Migrou para trabalhar em que cargo:
13. Quantos anos passou na cidade de 'destino':
14. Há quantos anos voltou para morar em Fagundes:
15. Porque voltou a cidade de Fagundes:
16. Pretende migrar novamente:

OBS: Essas perguntas nortearam as entrevistas com as mulheres migrantes. Entretanto, outras questões foram levantadas no decorrer das entrevistas.

APÊNDICE II

MARIA DAS TIRAS: UM PLURAL MULHER

Literatura de Cordel

Com aquele ar tão cansado
Pelas ruas vai pensando
Sem temer nenhum perigo
Pra muitos sai semeando
O seu discurso espontâneo
De repente vai cantando:

Que acontecerá comigo
Vivendo neste lugar?
Sei que sou uma cidadã
Mas tropeço ao caminhar
Pois tenho fome de tudo
E estou sempre a lamentar!

Imagine este meu jeito
Assusta a humanidade
Pois venho lá do sertão
Pra conquistar a cidade
Sou chamada de coitada
No país da diversidade!

Eu tenho a cara da seca
Pareço uma vagabunda
Se minha barriga ronca
Sou nojenta, sou imunda
Mas sou vítima do descaso
Levo muito pé na bunda!

Você pode perceber
Eu sou mulher penitente
Vivo numa sociedade
Que age impiedosamente
Mas tenho a minha cultura
Eu sou migrante, sou gente!

Eu sou uma mulher que ri
Sou uma pobre que chora
Sou uma velha que ama
Sou uma cidadã que implora
Quero apenas ser feliz
Quero meu respeito agora!

Quero fazer minha história
Quero amor a vida inteira
Chega de tanto desprezo
Por ser sem eira, nem beira
Quero ter o meu cantinho
Em um lugar sem fronteira.

Que lugar é este aqui,
Que o voto se negocia?
Pois nossa dignidade
Passa a ser mercadoria
Sou uma velha sertaneja,
E tenho soberania!

Que lugar é este aqui,
Que não valoriza a vida?
Eu tenho fome de arte
Não apenas de comida
Ah, como é duro viver
Com a cidadania ferida!

Eu sou uma mulher sedenta
Vivo num mundo perverso
Não tenho casa, nem abrigo
E o meu relento é verso
Eu quero ter o meu espaço
E conquistar o universo!

Eu não sou nenhuma louca
Sou um pouco diferente
Tenho a minha identidade
Tenho um jeito persistente
E nessa minha linguagem
Eu posso gritar: SOU GENTE!

Sou nada pra burguesia
Eu passo por imbecil
Meu valor é mascarado
Mas sou de um povo varonil
E posso mostrar pra o mundo
Esta face do Brasil!

Ah! Esta voz não se cala
Parece até uma miragem
Mas esta mulher humilde
Demonstra muita coragem
O sertão está no sangue!
Mesmo com essa roupagem...

(Maria Ilza Bezerra Teresina – PI)

ANEXOS

ANEXO I

FOTOS



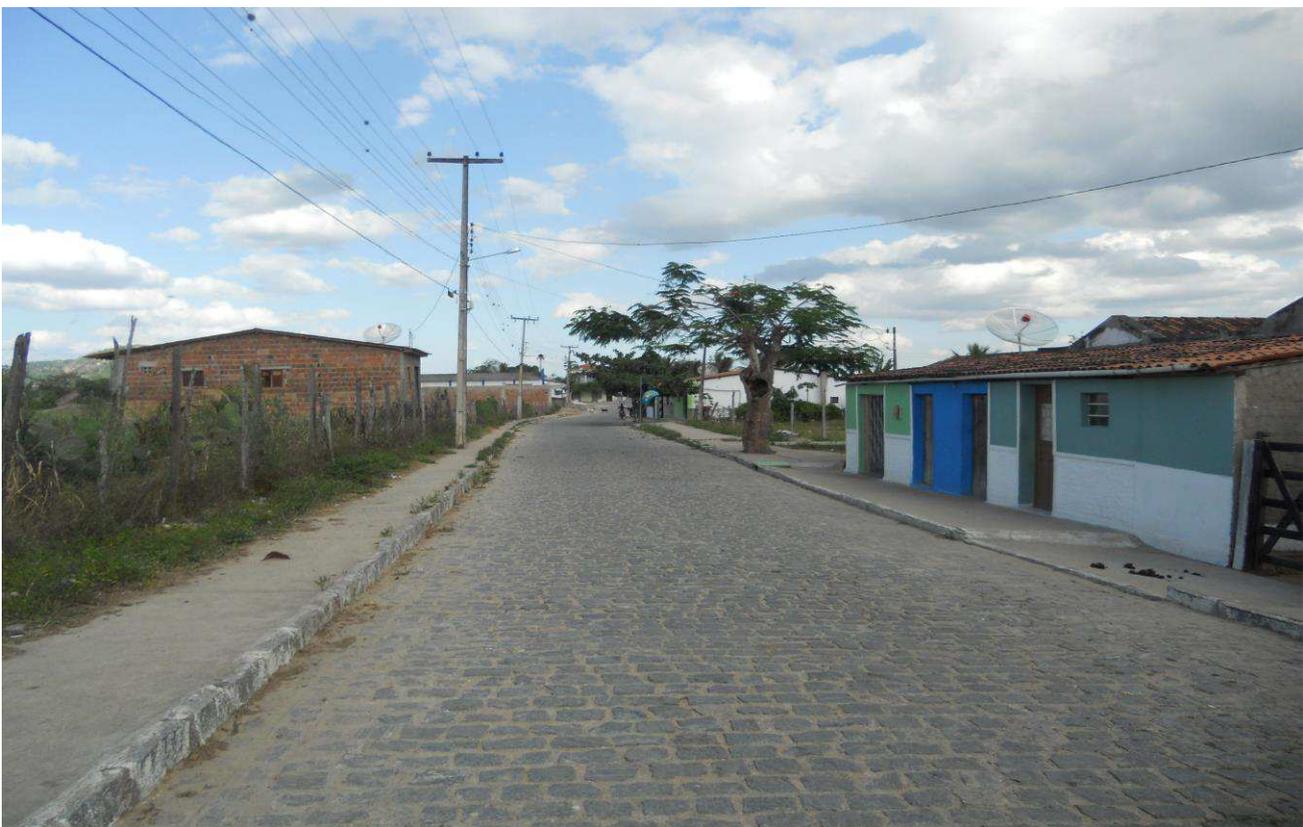
Igreja Nossa Senhora das Neves- Fagundes-PB



Praça no centro de Fagundes-PB



Prédio da Prefeitura de Fagundes-PB



Entrada do Sítio Serrote Preto, município Fagundes- PB



Sítio Serrote Preto, município Fagundes-PB



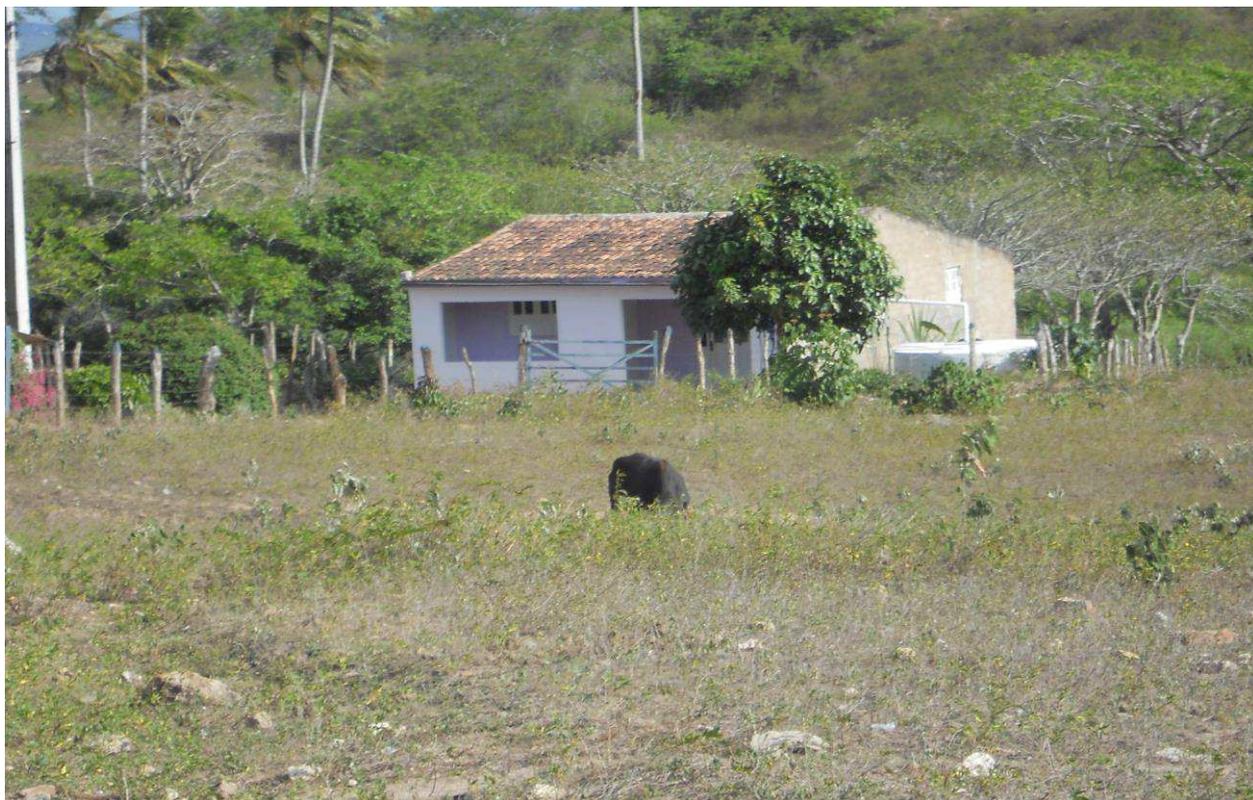
Rua Cabatã, município Fagundes-PB



Entrada da casa de Dona Zefa. Local que fiquei em pesquisa de campo no período de 10 dias



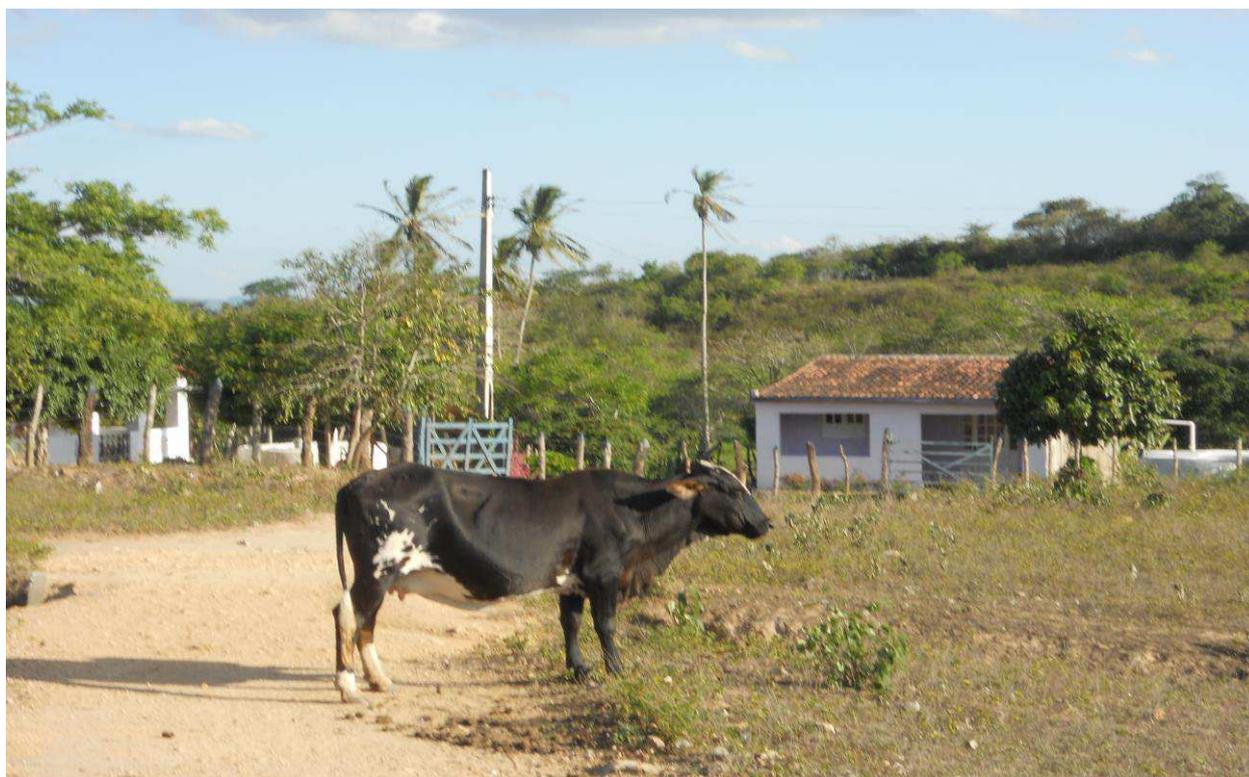
As duas casas são a de Dona Zefa e da Filha Cassandra



Casa que fiquei com Lara (filha) no período da pesquisa de campo



Animais do Sítio da família de Dona Zefa



Animais do Sítio da família de Dona Zefa



Dona Zefa, acolheu em sua casa eu e Lara (filha) nos dias de pesquisa de campo